

# VOZES DO POVO

Anexo A

Sociedade, Política e Opinião Pública  
na Guiné-Bissau:

Diagnóstico feito a partir da pesquisa de  
Mineração e Análise de Dados

Miguel Carter, PhD

Financiado por



Implementado por



Coordenação da Pesquisa e Autor do Texto

Miguel Carter, PhD

Assessoria Estatística

Nafiou Inoussa

Apoio Técnico

Mário Costa e José Gutierrez

Participação Especial

Carlos Cardoso, CESAC

Citação

Carter, Miguel. *Relatório de mineração e análise de dados. A opinião pública na Guiné-Bissau*. Bissau: DEMOS, 2021.

Esclarecimento

O conteúdo desta apresentação é da exclusiva responsabilidade do autor e não pode de forma alguma ser tomado como opinião da União Europeia.

## Índice

Introdução	1
Agradecimentos	2
Metodologia da pesquisa	3
Adesão à democracia	15
Engajamento na vida pública	26
Militância partidária	35
Confiança interpessoal	39
Igualdade de gênero	48
Grupos étnicos	54
Risco de sectarismo religioso	69
Conclusão	83

# Introdução

A iniciativa Vozes do Povo visa aprimorar a compreensão da política e da sociedade da Guiné-Bissau, e criar instrumentos de apoio ao seu desenvolvimento democrático. Esta pesquisa de mineração e análise de dados criou um procedimento original para aprofundar a investigação dos resultados do primeiro inquérito de opinião pública na Guiné-Bissau, realizada por DEMOS em 2018.

A revisão minuciosa *da data set* de 2018, através de diversos instrumentos estatísticos, permitiu desenvolver 55 índices e subcomponentes, agrupados em torno de seis eixos temáticos: estratos sociais, adesão à democracia, engajamento na vida pública, coexistência social, apoio à igualdade social e risco de sectarismo religioso.

O cruzamento desta informação com uma variedade de indicadores demográficos e identitários, possibilitou a construção de um grande acervo de dados – uma “mina de ouro” -, com informações de um valor excepcional para a compreensão da realidade guineense.

A investigação realizada foi complexa, inovadora e ambiciosa. Complexa devido à envergadura da pesquisa. Inovadora por causa da sua metodologia. Ambiciosa na riqueza e qualidade do conhecimento produzido. Não há nenhum país em África que tenha uma pesquisa desta abrangência e originalidade.

Este texto oferece uma descrição da metodologia criada e uma primeira leitura dos resultados principais da pesquisa. A análise revela várias “pepitas de ouro” relacionadas à adesão à democracia, o engajamento na vida pública, a militância partidária, confiança interpessoal, o apoio à igualdade de gênero, os grupos étnicos e risco de sectarismo religioso na Guiné-Bissau.

As aprendizagens deste estudo incluem as seguintes observações:

- A adesão à democracia na Guiné-Bissau é ampla, porém precária.
- O engajamento cívico, a tolerância religiosa e o apoio aos direitos das mulheres, favorecem a promoção dos valores democráticos neste país.
- A simpatia pela igualdade de gênero pode tonificar esforços por efetivar esta mudança social.
- A confiança é um ativo mobilizador na sociedade guineense.
- A política partidária na Guiné-Bissau contribui para a integração nacional, mas é vulnerável à politização das identidades étnicas.
- As relações interétnicas neste país são geralmente pacíficas e construtivas, contudo, esta realidade precisa de ser melhor compreendida, de modo a preservar a convivência.
- A vida religiosa tende a diminuir o risco de sectarismo e propiciar a tolerância social.

A conclusão ressalta a importância da informação produzida pelo projeto Vozes do Povo para aperfeiçoar estratégias e empoderar o desenvolvimento democrático da Guiné-Bissau.

## Agradecimentos

A elaboração deste texto foi precedida de um grande esforço que levou à produção do relatório de Mineração e Análise de Dados, fruto do projeto Vozes do Povo.

A metodologia de pesquisa foi concebida e implementada combinando o rigor científico e a criatividade intelectual. Nesta fase, foi fundamental a assessoria estatística de Nafiou Inoussa, que, desde Dakar, respaldou com muita profissionalidade – e um bom senso de humor – a construção de todos os índices. Além disso, ele organizou a maioria dos cruzamentos estatísticos.

Durante a formulação dos índices, várias consultas foram feitas com Carlos Cardoso, em Bissau, que ademais zelou pela revisão deste texto.

Desde Assunção, José Gutierrez foi responsável de várias tarefas informáticas, incluindo os cruzamentos com o questionário da sondagem Vozes do Povo. Mario Costa, também no Paraguai, engajou-se nos inúmeros cuidados necessários para facilitar o uso do material digital produzido.

Por sua vez, Miguel Carter idealizou e coordenou a pesquisa de mineração e análise de dados. Carter conceituou todos os índices e cruzamentos; supervisou a elaboração das tabelas; e preparou o conteúdo e gráficos deste estudo.

Agradecemos e valoramos a dedicação de toda a equipa de DEMOS, e o acompanhamento dos nossos parceiros na Delegação da União Europeia na Guiné-Bissau. Reconhecemos, em especial, o apoio constante de Inês Máximo Pestana e Chiara Guidetti.

## Metodología da Pesquisa

Os índices da pesquisa Vozes do Povo foram construídos para aprofundar o conhecimento da realidade social e política da Guiné-Bissau, partindo das percepções, opiniões e dos valores da sua população.

Para esta tarefa, priorizou-se uma metodologia quantitativa. Isto levou à realização de uma intensa mineração e análise da base de dados da sondagem de opinião pública efetuada em junho e julho de 2018.

Esta atividade desenvolveu-se em cinco partes. Primeiro, foram elaborados **critérios conceituais** para definir os índices e seus componentes, com o apoio de diversos instrumentos estatísticos.

A seguir, fez-se a **codificação** de cada resposta oferecida às perguntas do questionário da sondagem Vozes do Povo, baseada numa escala de pontuação. Isto permitiu a **agregação** das variáveis numa série de subíndices, sobre a qual foram elaborados os índices principais da pesquisa.

Logo, para facilitar a análise de toda esta informação, foram feitos **recortes** em cada subíndice, subcategoria e índice criado. Isto permite distinguir a escala de pontuação em quatro níveis: alto, médio alto, médio baixo e baixo.

Finalmente, realizaram-se vários **cruzamentos estatísticos** com os dados produzidos pela pesquisa. Isto incluiu uma variedade de combinações entre os índices, subíndices e indicadores demográficos e identitários. Além disso, foram feitos exercícios estatísticos através do programa SPSS: correlações e análise fatorial.

O trabalho conceitual e estatístico com 158 perguntas do questionário Vozes do Povo permitiu criar **55 índices, subíndices, subcategorias e cruzamentos especiais**, detalhados a seguir. Depois disso, o estudo oferece um breve comentário sobre os principais passos tomados na pesquisa de mineração e análise de dados, feita a partir da sondagem Vozes do Povo de 2018. Para mais detalhes sobre as variáveis utilizadas para a construção de cada subíndice, ver o Anexo C.

Junto com os índices, foram preparados uma **série de indicadores demográficos e identitários**, com variáveis relacionadas com temas de gênero, idade, nível de educação, local de residência – urbano/rural, grande região, e região administrativa -, grupo étnico, religião e orientação partidária. Mais detalhes sobre estes indicadores podem ser encontrados no Anexo C.

## Estudo Estatístico: Índices, Subcategorias e Subíndices

Descritivo	Tipo de Variável
<b>Estratos Sociais - Sem Educação</b>	<b>Índice</b>
<b>Estratos Sociais - Com Educação</b>	<b>Índice - Alternativo</b>
Poder Aquisitivo	Subíndice
Estrutura da Residência	Subíndice
Meios Modernos de Comunicação	Subíndice
Satisfação de Necessidades Básicas	Subíndice
Educação	Subíndice
<b>Adesão à Democracia</b>	<b>Índice</b>
Accountability dos Governantes	Subíndice
Liberdade de Expressão e Associação	Subíndice
Liberdade de Escolha Política	Subíndice
Preferência pela Democracia	Subíndice
Rejeição à Autocracia	Subíndice
<b>Engajamento na Vida Pública</b>	<b>Índice</b>
<b>Engajamento na Vida Pública - Alternativo</b>	<b>Índice - Alternativo</b>
<b><i>Relacionamento com o Poder Público</i></b>	<b><i>Subcategoria</i></b>
Contacto com Autoridades	Subíndice
Contacto com o Estado	Subíndice
<b><i>Ações de Cidadania</i></b>	<b><i>Subcategoria</i></b>
Participação na Campanha Eleitoral	Subíndice
Participação Social e Política	Subíndice
Reclamações Feitas ao Governo	Subíndice
<b><i>Deliberação Pública</i></b>	<b><i>Subcategoria</i></b>
Acesso às Notícias	Subíndice
Diálogo sobre a Política	Subíndice
<b><i>Militância Partidária</i></b>	<b><i>Apêndice</i></b>
Atuação num Partido Político	Subíndice
Participação na Campanha Eleitoral	Subíndice
Contacto com Autoridades	Subíndice

*O índice de Engajamento na Vida Pública reflete a média das três subcategorias – relacionamento com o poder público, ações de cidadania e deliberação pública. O índice Alternativo é a média dos sete subíndices.*

*O apêndice, Militância Partidária, não está incluído nestes índices.*

## Estudo Estatístico: Índices, Subcategorias e Subíndices

Descritivo	Tipo de Variável
Coexistência Social	Índice
Coexistência Social - Alternativo	Índice - Alternativo
<b>Confiança</b>	<b>Subcategoria</b>
Confiança Social (ou Geral)	Subíndice
Confiança Interétnica e Religiosa	Subíndice
<b>Tolerância</b>	<b>Subcategoria</b>
Tolerância Inter-Religiosa e Étnica	Subíndice
Tolerância em Questões Sexuais	Subíndice
Tolerância ao Forasteiro	Subíndice
<b>Paz</b>	<b>Subcategoria</b>
Segurança e Integridade Física	Subíndice
Opção pela Não Violência	Subíndice
Paz no Entorno Pessoal	Subíndice
Paz no País	Subíndice
<b>Confiança Grupal</b>	<b>Apêndice</b>
<b>Confiança Interpessoal</b>	<b>Cruzamento</b>

*O índice de Coexistência Social reflete a média das três subcategorias – confiança, tolerância e paz. O índice Alternativo é a média dos nove subíndices. O apêndice, Confiança Grupal, não está incluído neste índice. Confiança Interpessoal é o fruto do cruzamento dos subíndices Confiança Social (ou Geral) e Confiança Grupal.*

## Estudo Estatístico: Índices, Subcategorias e Subíndices

Descritivo	Tipo de Variável
<b>Igualdade Social</b>	<b>Índice</b>
Igualdade de Gênero	Subíndice
Igualdade no Entorno e Trato Social	Subíndice
<b>Risco de Sectarismo Religioso 1</b>	<b>Índice 1</b>
<b>Risco de Sectarismo Religioso 2 (sem Preconceito Sexual)</b>	<b>Índice 2 - Alternativo</b>
Desconfiança Religiosa	Subíndice
Intolerância Religiosa	Subíndice
Orientação Patriarcal	Subíndice
Preconceito Sexual	Subíndice
<b>Engajamento e Adesão Religiosa</b>	<b>Apêndice</b>
<b>Tolerância e Sectarismo: Religioso e Cultural 1</b>	<b>Cruzamento</b>
<b>Tolerância e Sectarismo: Religioso e Cultural 2</b>	<b>Cruzamento</b>

*Tolerância e Sectarismo: Religioso e Cultural (1 e 2) são o resultado do cruzamento entre os índices de Risco de Sectarismo Religioso (1 e 2) e o apêndice Adesão e Engajamento Religioso.*

## *Critérios Conceituais*

A pesquisa apontou, desde o início, seis possíveis índices que ajudariam a ampliar o conhecimento da realidade guineense. Como primeiro passo, foram identificadas uma série de perguntas do questionário para cada índice a ser preparado: estratos sociais (55 perguntas), adesão à democracia (21), engajamento na vida pública (48), coexistência social (24), igualdade social (11), e risco de sectarismo religioso (30).

A seguir, utilizando critérios de consistência conceitual, fez-se uma seleção menor de perguntas para cada índice e estabeleceu-se uma primeira escala de pontuação para as respostas de cada pergunta utilizada. Isto permitiu realizar diversos exercícios estatísticos - correlações e análise fatorial - com as informações preparadas para cada índice.

Combinando as atividades de formulação conceitual, análise estatística e um vigoroso intercâmbio de ideias entre Nafiou Inoussa, Carlos Cardoso e Miguel Carter, foram-se construindo os 55 índices, subíndices, subcategorias e cruzamentos que compõem esta pesquisa.

A seguir, apresentamos as informações e os critérios que nos levaram a produzir cada um dos índices e seus componentes.

## **Estratos Sociais**

Este índice permite diferenciar as camadas sociais a partir de critérios mais sociológicos. Ao invés de privilegiar a renda monetária, como fazem os estudos econômicos, aqui priorizam-se as condições de vida das pessoas. Isto levou-nos a considerar uma variedade de dados. O fato de a sociedade guineense ser majoritariamente rural, reforçou a ideia de trabalhar com informações que vão além do rendimento monetário, acentuado, no geral, em espaços urbanos. Daí a procura de uma forma mais complexa e sutil de captar a existência de estratos sociais neste país.

Para este estudo, fizeram-se exercícios estatísticos com 23 variáveis. Estes geraram 5 fatores relevantes que levaram à construção dos 5 subíndices que compõem este índice.

- 1. O poder aquisitivo** mede a capacidade de compra e consumo de determinados bens materiais como a rádio, o telemóvel, o automóvel ou mota, a televisão e o frigorífico.
- 2. A estrutura da residência** avalia as condições de habitação e serviços básicos disponíveis, como a fonte da água utilizada na residência, a casa de banho ou latrina, o acesso à rede elétrica, o uso de painel solar e gerador.
- 3. Os meios modernos de comunicação** permitem considerar a frequência de uso do telemóvel, da internet, da rádio e da televisão.

**4. A satisfação de necessidades básicas** estima o grau de dificuldade ou facilidade em atender às necessidades básicas da família quanto à provisão de alimentos suficientes, água potável, remédios ou assistência médica, e combustível para cozinhar.

**5. Educação** classifica as pessoas segundo o nível mais alto de instrução que completou: sem instrução formal, escola primária completa ou incompleta, escola secundária completa ou incompleta, e estudos pós-secundários.

Tendo em conta as particularidades deste subíndice, optamos por elaborar duas versões do Índice de Estratos Sociais, uma sem o subíndice de educação, e a outra com ela.

## Adesão à Democracia

Este índice procura captar a orientação das pessoas com relação aos principais elementos de uma democracia moderna. Como resultado de um trabalho estatístico com 21 variáveis e revisão conceitual destes resultados, elaboramos um índice com cinco componentes.

**1. Responsabilização dos governantes** revela o grau de apoio a um sistema de governo ancorado no *accountability* democrático, com poderes limitados e sujeito ao Estado de Direito.

**2. Liberdade de expressão e associação** capta a dimensão mais liberal da democracia: o apoio à possibilidade de formar organizações independentes, se exprimir sem a censura do governo e realizar atos de protesto.

**3. Liberdade de escolha política** sublinha o valor da eleição de lideranças através de uma competição democrática entre diversas alternativas políticas.

**4. Preferência pela democracia** explora a compreensão da palavra “democracia” e o apoio explícito ou não a este regime político.

**5. Rejeição à autocracia** pondera o sentimento antiautoritário e a intensidade da oposição a diversas fórmulas autocráticas: um governo de partido único, um governo militar e um presidente autocrático e centralizador.

## Engajamento na Vida Pública

Este índice visa captar o nível e tipo de interação cidadã com o Estado, a vida associativa e partidária, e o acesso a informações sobre acontecimentos do âmbito público. Após ter trabalhado com 67 variáveis, elaborou-se um índice baseado em sete subíndices, agrupados em três grandes categorias: o relacionamento com o poder público, as ações de cidadania e a deliberação pública.

Como apêndice, criou-se um índice de militância partidária, que mede o grau de participação das pessoas nos partidos políticos e atividades afins.

A seguir oferecemos uma breve exposição de cada subíndice e revisão da metodologia utilizada para a sua construção.

## Relacionamento com o Poder Público

**1. Contacto com autoridades** expõe o nível de acesso às autoridades públicas: administrador do setor, deputado da Assembleia Nacional, dirigente do governo nacional ou de um ministério, dirigente de um partido político e governador. Na Guiné-Bissau, quase 9 em cada 10 pessoas não teve nenhum contacto com estas autoridades públicas nos últimos 12 meses.

**2. Contacto com o Estado** retrata o grau de relacionamento com as entidades que ofereceram serviços públicos durante o último ano. As respostas foram catalogadas em “sim” ou “não” para as instituições que oferecem os seguintes serviços públicos: escola, hospital, obtenção de documentos, entidades que fornecem água ou energia, a polícia e os Tribunais.

## Ações de Cidadania

**3. Participação na campanha eleitoral** avalia o nível de engajamento dos guineenses em atividades de militância política e partidária no contexto eleitoral, especificamente nos comícios de 2014. Isto inclui a participação num comício, numa reunião com o candidato ou membros da campanha, a tentativa de convencer outras pessoas a votar em um determinado candidato e o trabalho em favor de um candidato ou partido.

**4. Participação social e política** permite compreender melhor a extensão e a intensidade da participação associativa dos guineenses. Para isto indagou-se se a pessoa é um dirigente oficial, um membro ativo, um membro inativo, ou se não é membro de um grupo religioso; uma associação comunitária, desportiva ou de autoajuda; um sindicato ou associação de agricultores; uma associação profissional ou empresarial; ou um partido ou movimento político.

**5. Reclamações feitas ao governo** mede a disposição dos guineenses – perante a insatisfação com as ações do Estado – a apresentar queixas, pedidos e sugestões às autoridades públicas. As ações examinadas aqui abarcam a atuação a nível comunitário, o contacto com os meios de comunicação, o lobby junto às autoridades e a participação num ato de protesto.

## Deliberação Pública

**6. Acesso às notícias** examina o nível de exposição às informações sobre a situação política, incluindo a frequência e diversidade de meios utilizados. Os meios considerados no subíndice são: a rádio, a televisão, os jornais, a internet, e a comunicação sobre estes assuntos com a família e vizinhos.

**7. Diálogo sobre a política** ajuda a calibrar um elemento mais subjetivo da vida pública guineense: o interesse em assuntos públicos e a discussão sobre a política no meio social. Como tal, permite constatar a disposição deliberativa do povo.

## Apêndice: Militância Partidária

Este índice procura captar a margem de pessoas que teriam uma atuação mais direta e expressiva dentro dos principais partidos políticos da Guiné-Bissau, e conhecer melhor o perfil destes indivíduos. Para produzir o índice fizeram-se exercícios estatísticos com 15 variáveis, que gerou três componentes.

**1. Atuação num partido político** capta se a pessoa está afiliada a um partido ou não, e se for, identifica o nível de atuação dentro desta associação.

**2. Participação na campanha eleitoral** examina o nível de engajamento em favor do seu partido num contexto de competição eleitoral. Ele é idêntico ao subíndice descrito acima e é utilizado na construção do índice de engajamento na vida pública.

**3. Contacto com autoridades** capta a intensidade da interação com autoridades públicas - no plano local, regional ou nacional. Ele é idêntico ao subíndice descrito acima e é utilizado na construção do índice de engajamento na vida pública.

## Coexistência Social

Este índice procura perceber as condições de boa convivência social na Guiné-Bissau. Como resultado da pesquisa estatística com 24 variáveis e um esforço de sistematização conceitual, criamos 10 subíndices. Os primeiros 9 subíndices foram agrupadas em três categorias - confiança, tolerância e paz – revelando orientações, disposições e percepções que, em princípio, facilitariam a capacidade de coexistência social. O décimo subíndice, que trata da confiança grupal ou particular, ficou como apêndice. Este subíndice é utilizado para criar um cruzamento especial que permite avaliar distintos tipos e graus de confiança interpessoal.

As três virtudes - confiança, tolerância e paz – captadas neste índice permitem compreender melhor as possibilidades e os riscos em torno da convivência social na Guiné-Bissau.

### Confiança

**1. Confiança social** avalia o grau de confiança conferida de maneira mais ampla e geral; não é restrita a um círculo íntimo ou de pessoas conhecidas, da família ou vizinhança. Esta confiança mais ampla pode funcionar como um “capital social” e facilitar esforços privados, coletivos, e o desempenho institucional. Isto mede-se a partir da confiança na maioria das pessoas e no âmbito do mercado.

**2. Confiança interétnica religiosa** examina o nível de confiança com pessoas de outras identidades étnicas e religiosas.

### Tolerância

**3. Tolerância inter-religiosa e étnica** mede a qualidade da convivência com relação às pessoas de outras crenças religiosas e identidades étnicas.

**4. Tolerância em questões sexuais** estima o grau de aceitação de pessoas com outra orientação sexual ou afetadas por uma doença transmitida muitas vezes por relações sexuais, o SIDA.

**5. Tolerância ao forasteiro** examina a capacidade de acolhimento dos imigrantes e trabalhadores estrangeiros.

## **Paz**

**6. Segurança e integridade física** capta a percepção de segurança pessoal dos guineenses, incluindo o medo e risco de ser assaltados em casa.

**7. Opção pela não violência** avalia o nível de rejeição do uso da violência na política e como instrumento de vingança pessoal.

**8. Paz no entorno pessoal** examina a percepção das pessoas quanto ao risco de violência no meio familiar e comunitário.

**9. Paz no país** explora a percepção de risco quanto a estabilidade do país, a convivência pacífica e o risco de violência entre grupos étnicos, religiosos e políticos distintos.

## **Apêndice: Confiança Grupal**

Este índice considera o peso de uma outra modalidade de confiança: a confiança particular. À diferença da confiança social ou geral, esta é concedida a pessoas de proximidade pessoal, como a família, os amigos e vizinhos, e indivíduos do mesmo grupo étnico e religioso.

## **Cruzamento Especial: A Confiança Interpessoal**

A junção entre a confiança social e grupal permite-nos aprimorar a análise das relações de confiança na sociedade guineense. O cruzamento dos dois indicadores – em alto e baixo nível – revela uma matriz conceitual com quatro tipos de confiança: Alta confiança interpessoal, Confiança meia alta (mais grupal), Confiança meia baixa (mais social), e Baixa confiança interpessoal.

A confiança grupal é um passo fundamental para a construção de relações de confiança mais amplas. Pessoas que não podem confiar nas suas famílias e vizinhos, dificilmente poderão alcançar um grau de alta confiança interpessoal. A informação produzida pela pesquisa confirma esta hipótese, demonstrando, inclusive, que a disposição à confiança inter-religiosa e étnica é mais forte entre os indivíduos com uma maior confiança grupal do que entre aqueles com maior confiança mais social. Com estes critérios conceituais - e a análise da evidência produzida - optamos por conceptualizar a confiança mais grupal como uma confiança média alta, e a confiança social como uma confiança média baixa.

## Igualdade Social

Este índice procura compreender as disposições em favor da igualdade na Guiné-Bissau, com ênfase nas relações de gênero, e de *status* e classe social. Para elaborar o índice foram estudadas seis variáveis através de instrumentos estatísticos, o que permitiu criar dois subíndices. Estes indicadores avaliam duas vertentes distintas de apoio à igualdade social, como se explica a seguir.

**1. Igualdade de gênero** mede a disposição dos guineenses a favor da igualdade entre homens e mulheres. Aqui se calibra o grau de aceitação a igualdade de oportunidade e direitos para as mulheres serem eleitas a cargos públicos, possuir a terra e ser tratadas com equidade.

**2. Igualdade no entorno e trato social** sublinha as orientações favoráveis a um etos igualitário no relacionamento entre as pessoas e nas condições que possam facilitar isto. Este subíndice examina atitudes relacionadas com as diferenças entre ricos e pobres, a condição social das lideranças, e sua disposição a favorecer ou não a seus familiares ou grupo.

## Risco de Sectarismo Religioso

Este índice cria bases empíricas para avaliar a presença e possibilidade do surgimento de atitudes sectárias no campo religioso guineense. Para elaborar o índice, fizeram-se exercícios estatísticos com 21 variáveis. Com apoio da análise fatorial, foi possível conceptualizar os quatro fatores que integram o índice. Um quinto fator serve de apêndice para compreender o nível de engajamento religioso da população.

A maior propensão ao sectarismo, segundo o índice, dá-se quando há desconfiança e intolerância com pessoas de outra religião. O sectarismo também é associado a uma visão patriarcal da sociedade e ao preconceito contra a homossexualidade. A partir de um debate gerado em torno da inclusão desta última variável, optou-se por criar duas versões do Índice de risco de sectarismo religioso: uma com o indicador de preconceito sexual e outra sem esta informação.

Para que esta tendência sectária seja religiosa, ela precisa de corresponder com um nível expressivo de identidade e participação religiosa, daí a construção do apêndice que mede o grau de “engajamento e adesão religiosa”. O cruzamento deste apêndice com as duas versões do índice permite identificar o segmento da população com maior possibilidade de adotar atitudes conducentes à intransigência e ao fundamentalismo religioso.

A inversão deste índice, por sua vez, permite compreender melhor a presença do ecumenismo religioso na Guiné-Bissau.

**1. Desconfiança religiosa** considera a existência e intensidade do receio com pessoas de outras identidades religiosas.

**2. Intolerância religiosa** avalia o grau de intolerância com relação às pessoas de outras crenças religiosas.

**3. Orientação patriarcal** mede a disposição dos guineenses a favor do patriarcado, ou seja, a manutenção de uma estrutura e cultura de privilégios para os homens e subjugação das mulheres. Para detectar estas atitudes, inverteu-se o subíndice de igualdade de gênero, descrito acima.

**4. Preconceito sexual** explora o nível de intolerância com a homossexualidade.

### **Apêndice: Engajamento Religioso**

Este subíndice permite avaliar o grau de adesão e compromisso religioso dos guineenses. Para isso são considerados quatro elementos: a participação num grupo religioso (seja igreja, mesquita ou baloba), o contacto com líderes religiosos, a frequência da prática religiosa, e se a pessoa considera a religião importante na sua vida.

### **Cruzamento Especial: Tolerância e Sectarismo - Religioso e Cultural (versão 1 e 2)**

O cruzamento dos indicadores de engajamento e as duas versões do índice de risco de sectarismo religioso - em altos e baixos níveis - permite-nos distinguir entre dois tipos de sectarismo, um mais religioso e outro mais cultural. De igual forma, pode-se identificar uma matriz de tolerância religiosa e outra cultural ou mais secular.

Esta leitura do fenómeno religioso e o risco de sectarismo na Guiné-Bissau facilita o estudo das possibilidades, as condições e os mecanismos que podem favorecer – ou inibir - o surgimento de atitudes sectárias no país.

### *Codificação*

Depois de definir os componentes dos índices, foram codificadas todas as variáveis da pesquisa. A escala de pontuação utilizada seguiu critérios bem definidos. Esta atividade teve por objetivo criar uma escala de valores que corresponda à direção e intensidade de cada variável utilizada para construir os índices e seus componentes. Mais detalhes sobre a codificação usada para cada variável – e as considerações conceituais aplicadas nesta tarefa – pode ser encontrada no Anexo D.

### *Agregação*

Tendo selecionado os componentes de cada subíndice e codificado todos os dados utilizados, passou-se à fase de agregação. Os subíndices foram produzidas através da somatória das suas variáveis. Para assegurar a uniformidade da escala, utilizou-se a fórmula de dispersão relativa, também conhecida como o coeficiente de variação ou dispersão.

Com os índices de Engajamento na Vida Pública e Coexistência Social foram adoptadas duas modalidades de construção: (1) a média simples das três subcategorias de cada índice, e (2) um índice alternativo com base na média simples de todos os subíndices. Todos os outros índices foram criados com a média simples dos seus subíndices.

Os dois cruzamentos especiais da pesquisa – Confiança Interpessoal, e Tolerância e Sectarismo: Religioso e Cultural – foram produzidos a partir dos recortes dos subíndices que as integram, combinando níveis mais altos e baixos de cada subíndice.

## Recortes

Para facilitar a combinação de informações produzidas pela pesquisa, fizeram-se recortes em cada um dos índices e subíndices criados, diferenciando quatro escalas de cada variável: alto, médio alto, médio baixo, e baixo. Os recortes foram gerados manualmente, utilizando informações detalhadas sobre a frequência e dispersão de cada indicador, e critérios de recorte explicados no Anexo D.

## Cruzamentos Estatísticos

Com os índices elaborados fizeram-se uma série de cruzamentos estatísticos, utilizando as técnicas de tabulação cruzada e exercícios estatísticos através do programa informático SPSS.

**1. Combinação de Índices e Indicadores:** Os 55 índices, subíndices e cruzamentos especiais criados pela pesquisa foram cruzados com diversos indicadores demográficos e identitários. Para isto foram feitas tabulações cruzadas com as seguintes variáveis: gênero, idade, nível de educação, local de residência (urbano ou rural), grande região, região, grupo étnico, religião e identidade partidária. O resultado desta atividade encontra-se no Anexo E.

**2. Combinação dos Índices Entre Si:** Todos os índices, subíndices e cruzamentos especiais da pesquisa foram entrecruzados, usando a técnica das tabulações cruzadas. Isto permitiu combinar as escalas alta, média alta, média baixa e baixa de cada variável. O fruto desta operação é apresentado no Anexo F.

Nos Anexos E e F, cada cruzamento inclui três tabelas: a primeira sobre o total de casos válidos (excluindo as ocorrências sem resposta), a segunda sobre o total de cada nível da variável A, e a terceira sobre o total de cada nível da variável B.

**3. Combinação com o Questionário Completo da Sondagem Vozes do Povo:** Todos os indicadores demográficos e identitários, junto com os 55 índices e subíndices criados pela pesquisa, foram cruzados com todas as respostas registradas no inquérito de 2018. Aqui também se utilizou a técnica da tabulação cruzada. Esses cruzamentos foram feitos sobre o total de cada nível da variável combinada com o questionário. O produto desta atividade encontra-se nos Anexos G e H.

**4. Exercícios Estatísticos:** Usando o programa informático de SPSS fizeram-se correlações e análises fatorais com todos os índices e subíndices elaborados para a pesquisa. O resultado deste trabalho encontra-se no Anexo I.

Todo este esforço gerou uma “mina de ouro” com informações inéditas sobre a Guiné-Bissau. Isto permite dar um sustento empírico e aprofundar o conhecimento da realidade social e política do país, e com isso incidir de uma forma mais efetiva no empenho para promover seu desenvolvimento democrático.

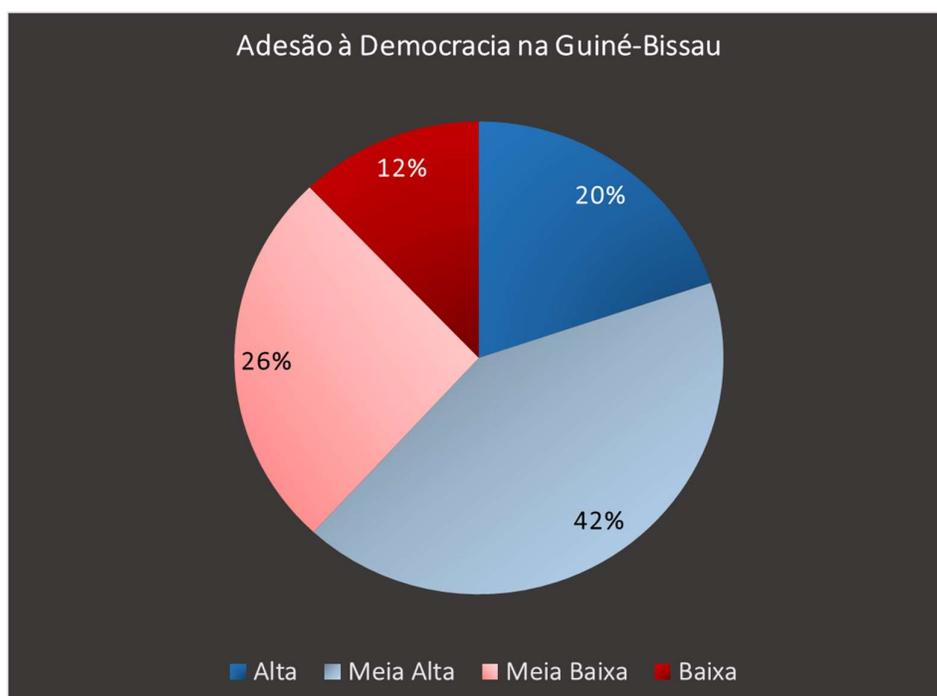
## Adesão à Democracia

Para perceber melhor o compromisso das pessoas com os valores e a prática da democracia, criou-se um índice com cinco elementos:

- **A responsabilização dos governantes**, face à cidadania e outros poderes do Estado
- **Liberdade de expressão e associação**, livre de censura e outras restrições arbitrárias
- **Liberdade de escolha política**, com eleições multipartidárias livres e justas
- **Preferência pela democracia**, frente a outras formas de governo
- **Rejeição à autocracia**, um regime militar, partido único ou presidencialismo despótico.

A maior pontuação no índice coube a adesão mais democrática. A menor pontuação coube à orientação mais autocrática.

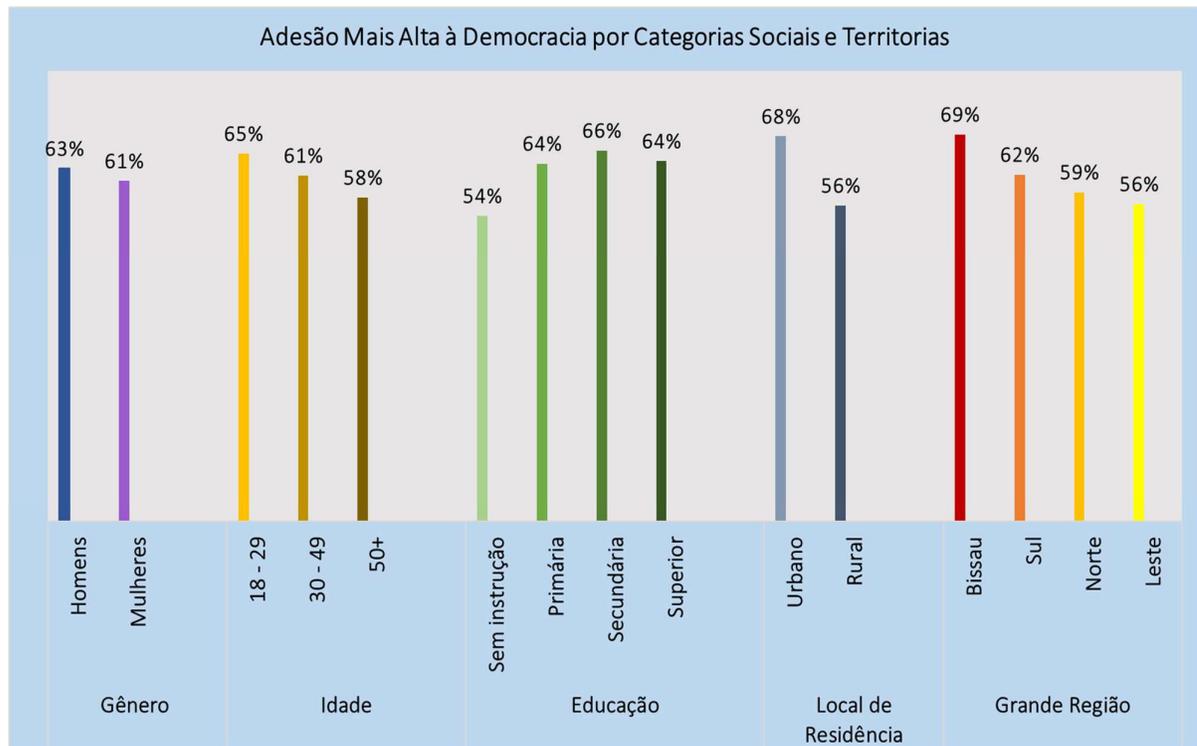
Uma parte expressiva da população guineense (62%) tem sentimentos mais democráticos, porém um tanto diluídos para 42% do povo. Só 12% dos guineenses apresentam uma orientação clara a favor de um regime autoritário.



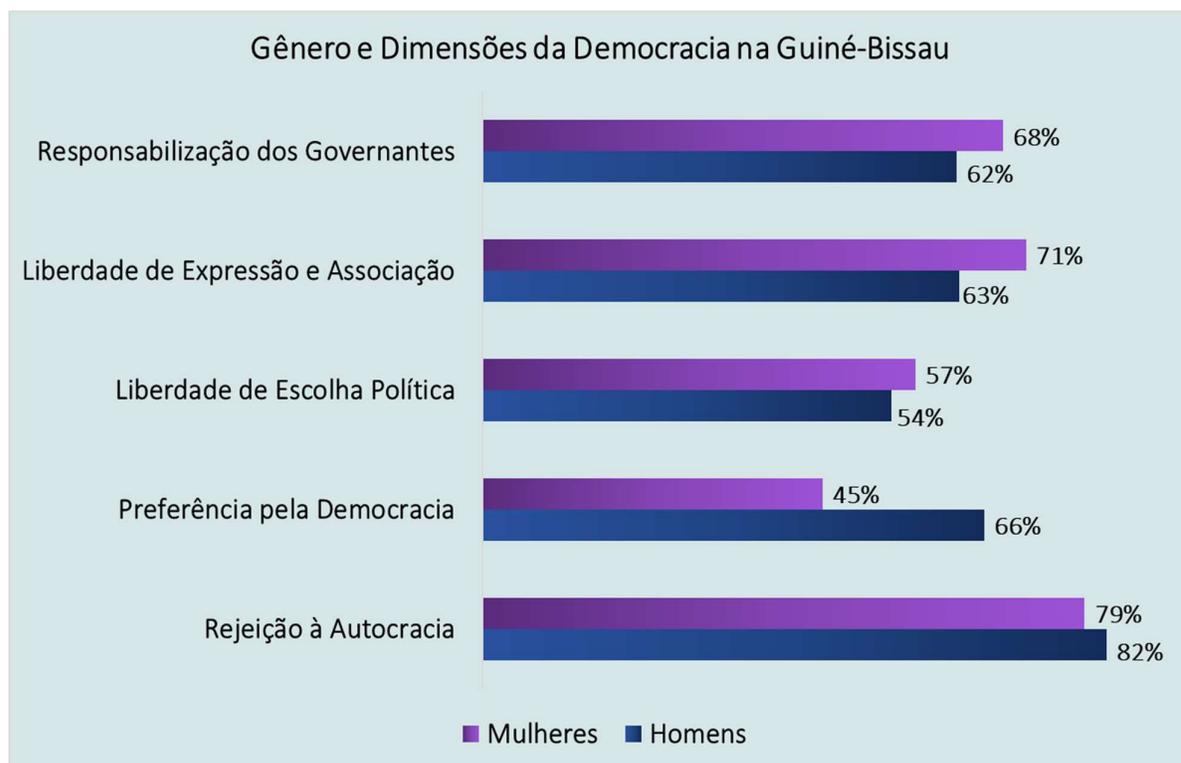
A adesão mais alta à democracia estende-se ao longo do território nacional e está presente no meio de diversas configurações sociais. Mas há diferenças que merecem ser sublinhadas.

No geral, a adesão à democracia é mais alta nas áreas urbanas (68%), sobretudo na capital do país, Bissau (69%). O apoio à democracia é também maior entre os jovens (65%) que entre as pessoas mais idosas (58%).

As pessoas sem instrução formal têm uma adesão democrática mais fraca que aqueles com algum estudo (54%). Mas entre as pessoas que tiveram certa educação, a diferença é mínima, com ligeira vantagem para aqueles que só fizeram a educação secundária (66%), de maneira parcial ou integral. Entre as pessoas com educação superior, 36% expressam uma visão mais autocrática. O seguinte gráfico ilustra estes elementos de consistência e variação.



A diferença entre mulheres e homens é pequena, como pode-se observar neste gráfico. No entanto, ao examinar fatores que compõem o índice, é possível detectar algumas variações interessantes. As mulheres apresentam um apoio maior às dimensões da democracia vinculadas à responsabilização dos governantes e às liberdades de expressão e de eleição. Os homens, por sua vez, são mais enfáticos na sua preferência por um regime democrático e na rejeição às fórmulas autoritárias de exercício do poder, como se pode apreciar no seguinte quadro.



*Soma de Alto + Meio Alto em cada subíndice. Porcentagens sobre o total de cada gênero.*

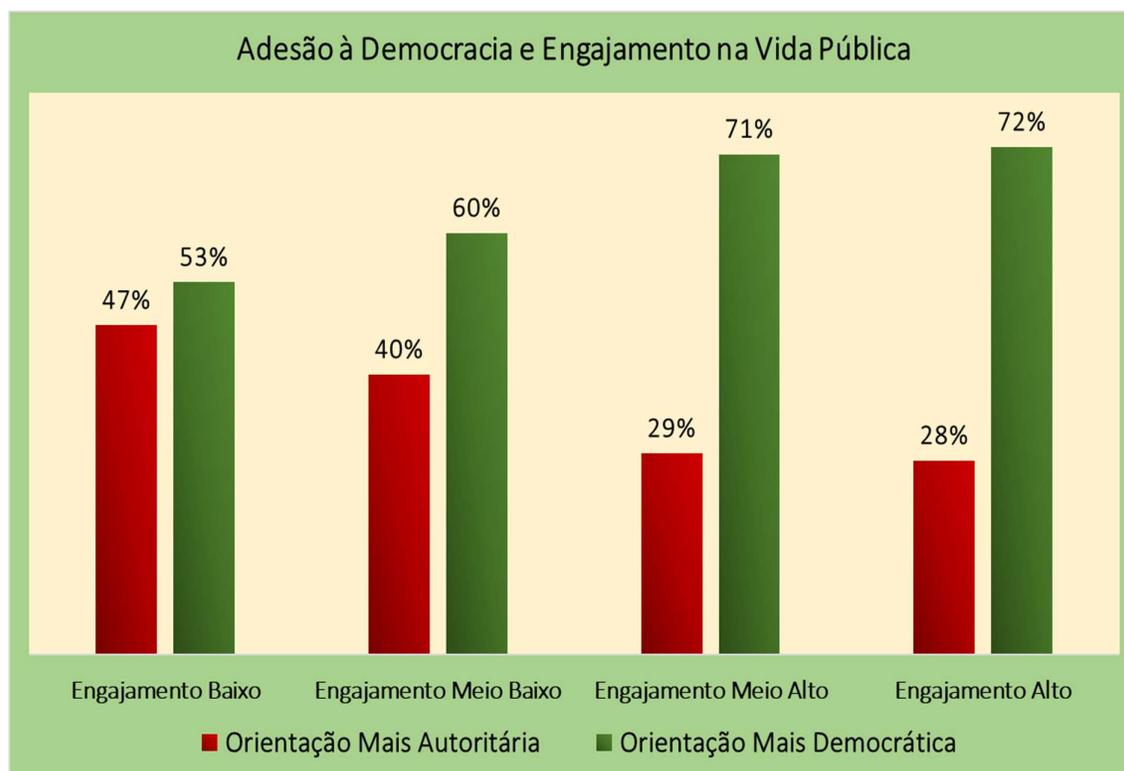
As mulheres perdem pontos no índice pelo maior **desconhecimento da palavra “democracia”**. No subíndice de preferência pela democracia, só metade dos guineenses disseram entender o significado da palavra “democracia”. Mas entre estes, 61% eram homens e apenas 40% mulheres.

Esta situação reflete uma concepção rasa e insuficiente do sistema político. Ainda que boa parte destas pessoas tenham uma visão positiva dos aspectos funcionais da democracia – como as eleições livres e transparentes, a responsabilização dos governantes, o Estado de Direito - a dificuldade de entender o conjunto da obra e a dar-lhe um nome, debilita a adesão a este regime político.

O desconhecimento da palavra “democracia” está fortemente relacionado com o nível de educação. Entre as pessoas que não compreenderam o termo:

- 73% nunca tiveram instrução formal
- 56% fizeram só parte ou toda a escola primária
- 40% fizeram só parte ou todo o secundário
- 14% tiveram alguma educação superior

Há uma relação positiva entre o nível de engajamento na vida pública e a adesão à democracia. Como se pode observar no quadro seguinte, quanto maior for a participação cidadã, maior é a probabilidade de apoio à democracia.



*Orientação Mais Autoritária: Adesão à Democracia Baixa + Meia Baixa  
 Orientação Mais Democrática: Adesão à Democracia Alta + Meia Alta  
 Percentagens sobre o total de cada nível de Engajamento na Vida Pública.*

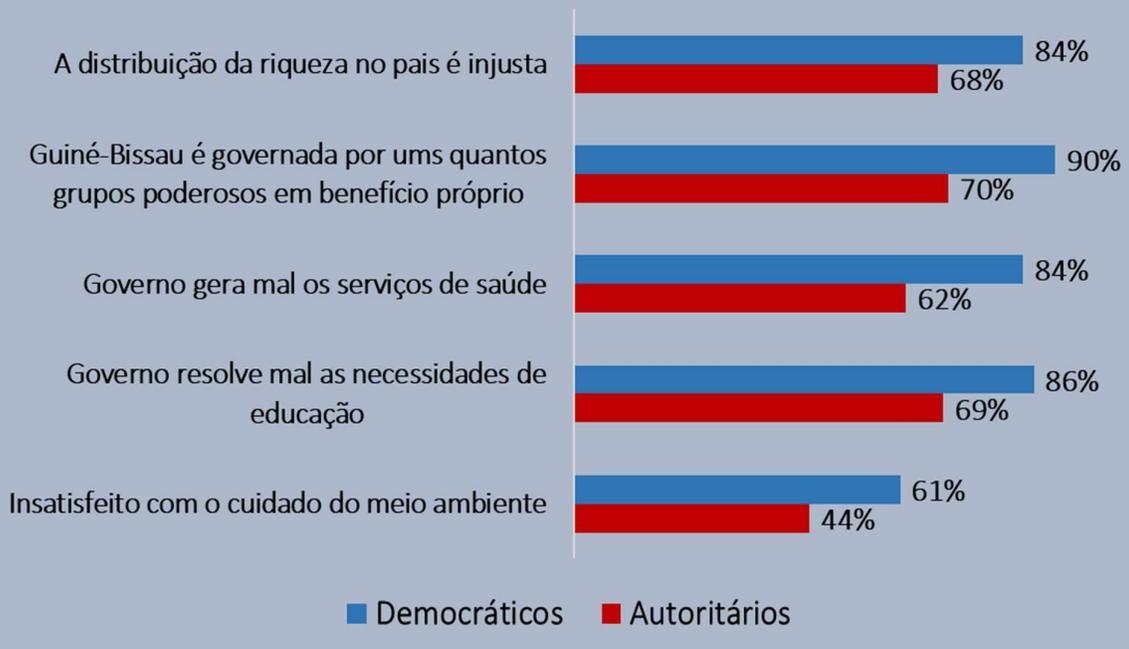
As pessoas com maior orientação democrática têm melhor capacidade de relacionamento com o poder público, maior contacto com os agentes do Estado, e uma possibilidade superior de interação com as autoridades públicas. O apoio à democracia também sobe com a participação mais intensa na vida social e política, e com a maior deliberação sobre assuntos públicos.

**Aqueles com tendências mais autoritárias** são contrários à realização de eleições livres e explícitos na preferência por um regime não democrático, seja ele civil ou militar. Neste segmento, há uma linha dura – pessoas autocráticas de convicção – que chegaria a 5% da população. Em torno deste grupo, há uma faixa social de 7% que possui sentimentos autoritários, mas de menor consistência e intensidade.

A leitura atenta das posições assumidas pelo segmento mais democrático da população e o mais autoritário revelam contrastes importantes.

No geral, os mais democráticos (20% do povo guineense) tendem a ser mais críticos quanto ao rumo do país e, de modo particular, às políticas do governo e suas autoridades. As pessoas mais autoritárias (12% da população), por sua vez, exprimem uma menor insatisfação com a realidade social e política do país. A variação nos acentos é perceptível.

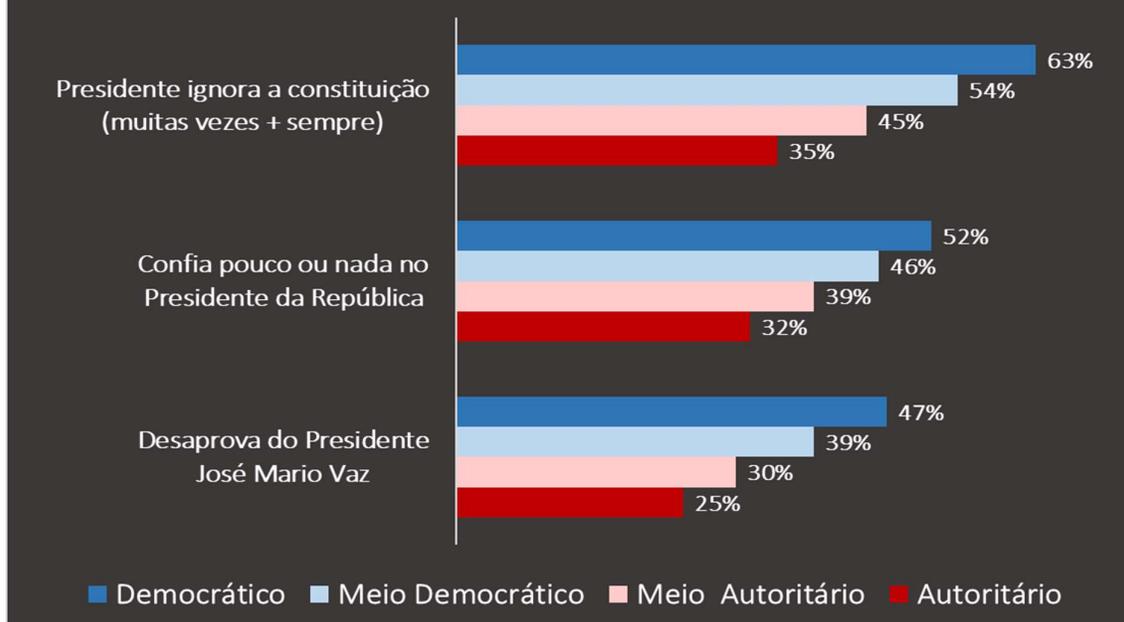
## Democráticos e Autoritários: Contraste de Percepções



*Democráticos: Alta Adesão à Democracia (20% da população). Autoritários: Baixa Adesão à Democracia (12%). Porcentagem sobre o total das respostas a cada pergunta do questionário feitas por cada orientação política.*

A diferença entre estes dois grupos ganha destaque na sua apreciação do Chefe de Estado no tempo do inquérito, o presidente José Mario Vaz.

## A Opinião sobre o Presidente José Mario Vaz Segundo as Afinidades Mais Democráticas e Autoritárias



*Porcentagem sobre o total das respostas a cada pergunta do questionário feitas por cada orientação política.*

Entre a população mais autoritária, há certa propensão a minimizar os “problemas” e a demitir-se diante uma pergunta sobre assuntos políticos. Esta omissão pode-se dar por vários motivos. Um deles é o menor conhecimento sobre a política nacional e internacional. A título de ilustração:

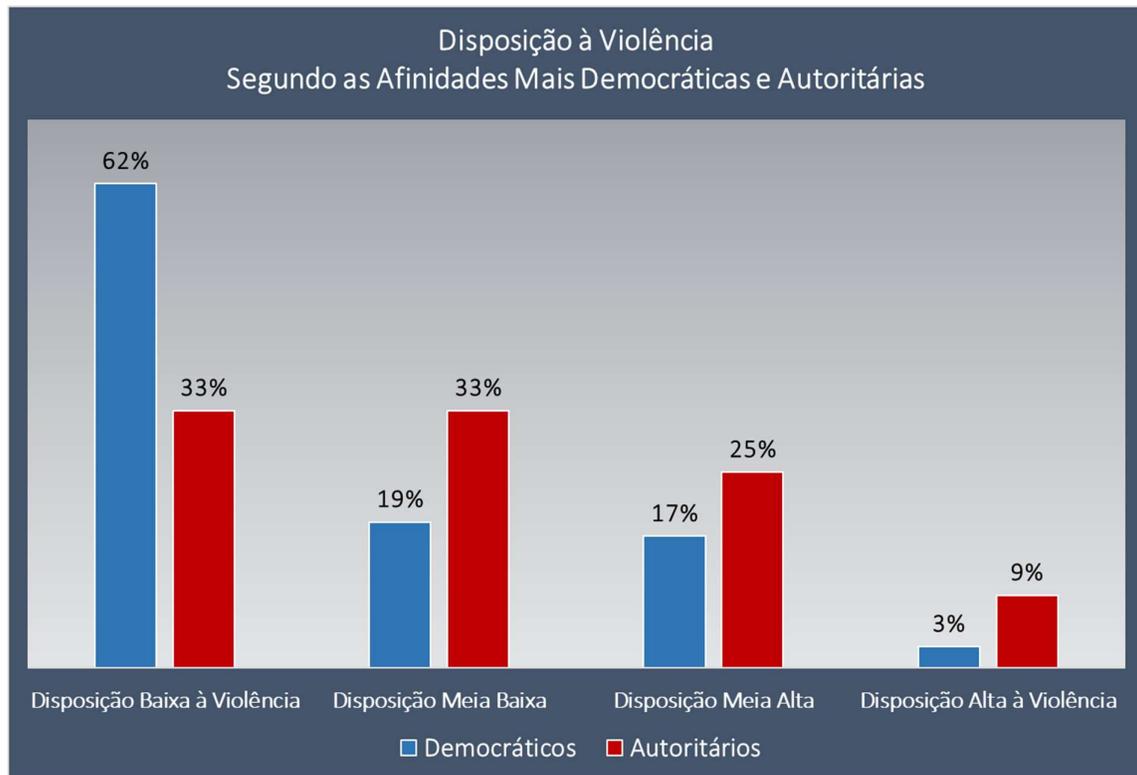
- 29% dos autoritários não conhecem a CEDEAO, comparado com 6% dos democráticos.
- 33% dos autoritários não sabem o que é a União Europeia, à diferença de 7% dos democráticos.

Entre os autoritários há uma porção de pessoas com menos acesso à informação e, portanto, com noções mais precárias sobre a realidade nacional. A diferença dos mais democráticos – que dispõem, no geral, de mais fontes de notícia e uma autoconfiança maior na hora de dar uma opinião –, no meio mais autocrático se percebem elementos de maior insegurança e vacilação, fruto do maior desconhecimento. Este universo não se baseia numa ideologia ou pensamento autoritário per si, mas num conjunto de valores e sentimentos que se cristalizam numa mentalidade mais fechada.

Entre os mais autoritários, vale anotar que há um segmento que possui uma identidade nacional mais fraca:

- 1 de cada 5 pessoas autoritárias se identifica mais com seu grupo étnico que como guineense, quase o dobro da média nacional (12%).
- 60% desta população fala uma língua autóctone em casa.

Há, entre os autoritários, uma sensação de maior isolamento social. Isto é o resultado da menor percepção de integração nacional e o maior desengajamento da vida pública. Este é um contexto propício para o cultivo de sentimentos autoritários. Tudo isto, por sua vez, pode afiançar uma predisposição menos pacífica, como aponta o seguinte quadro.

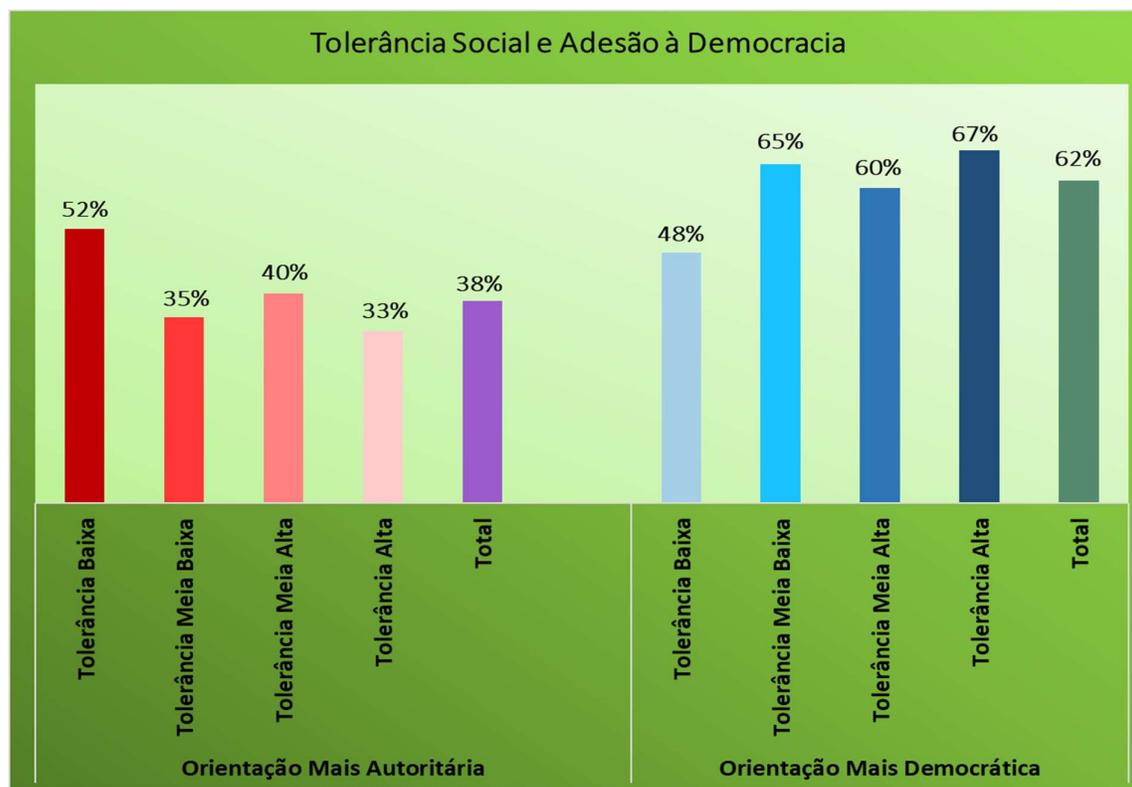


*Democráticos: Alta Adesão à Democracia (20% da população). Autoritários: Baixa Adesão à Democracia (12%).  
Subíndice Opção pela Não Violência apresentada em forma invertida.  
Porcentagem sobre o total de Democráticos e Autoritários.*

**A relação entre democracia, autoritarismo e tolerância social na Guiné-Bissau é um assunto complexo.** Para avaliar esta relação, criou-se um índice de tolerância social a partir de três subíndices:

- Tolerância religiosa e étnica
- Tolerância em questões sexuais (homossexualidade e portadores de SIDA)
- Tolerância aos estrangeiros

Foram feitos vários exercícios estatísticos para pesquisar a relação entre orientação política e a disposição social, e não se achou nenhuma correlação. Isto pode-se observar no seguinte cruzamento de dois índices.



*Orientação Mais Autoritários: Adesão à Democracia Baixa + Meia Baixa  
 Orientação Mais Democrática: Adesão à Democracia Alta + Meia Alta  
 Porcentagens sobre o total de cada nível de Tolerância.*

Nesta equação, o único impacto perceptível é a propensão dos autoritários a adotar posições de extrema intolerância social, sobretudo no âmbito das relações religiosas e étnicas. Disto podemos inferir que os sentimentos democráticos ajudam a atenuar, mas não impedem, o sectarismo.

Ainda assim, é importante reconhecer o caráter multifacético desta relação. Na Guiné-Bissau, um terço das pessoas com alta tolerância social tem pouca ou nula adesão à democracia. Ao mesmo tempo, perto da metade das pessoas com alta intolerância social estão entre os apoiantes mais firmes da democracia. Esta situação merece uma análise mais aprofundada do que pode ser oferecido aqui. Mas como primeira reflexão pode-se ressaltar o seguinte.

Esta disjunção entre a tolerância social e a defesa da democracia e os direitos humanos mostra que existem dois princípios distintos de tolerância no seio da opinião pública guineense. Um deles está associado a ideias próximas à modernidade liberal e à proteção da liberdade de expressão. A outra vem de uma tradição não liberal, mais comunitária e tradicional na sua origem.

O liberalismo político tem entre seus postulados a defesa vigorosa do pluralismo político e religioso. Isto nasce da ideia que combina a valorização do direito ao dissenso e o respeito a grupos minoritários, e entende que esses princípios precisam ser protegidos pelo Estado e a sociedade. Na Guiné-Bissau, a tolerância não liberal estaria ligada a componentes de uma cultura política tradicional, relacionada a uma história de convivência entre comunidades

étnicas e religiosas distintas. Tudo isso influenciado pela variante moderada do Islão que se implantou, há séculos, em diversas áreas do território nacional.

**A fraqueza da matriz liberal na Guiné-Bissau** exprime-se em outras facetas da opinião pública. A prática do dissenso, segundo indícios revelados pela pesquisa, encontra algumas dificuldades de aceitação. A liberdade de criticar os poderes constituídos ou questionar o pensamento dominante encontra resistência, mesmo entre pessoas com uma alta adesão à democracia:

- 44% deste público considera que as autoridades deveriam ter o direito de censurar informações e ideias que o governo considera prejudiciais para a sociedade.
- 75% deles pensam que as comunidades precisam de dialogar e tomar decisões por consenso, antes de aceitar as diferenças de opinião dentro delas.

Neste segmento democrático, no entanto, 88% das pessoas apoiam a liberdade de associação (88%) e reconhecem a importância de ter vários partidos políticos. Além disso, 92% defendem o direito a participar de uma manifestação de protesto. Ainda assim, (na prática), em caso de insatisfação com a atuação do governo, e ainda dentro deste grupo:

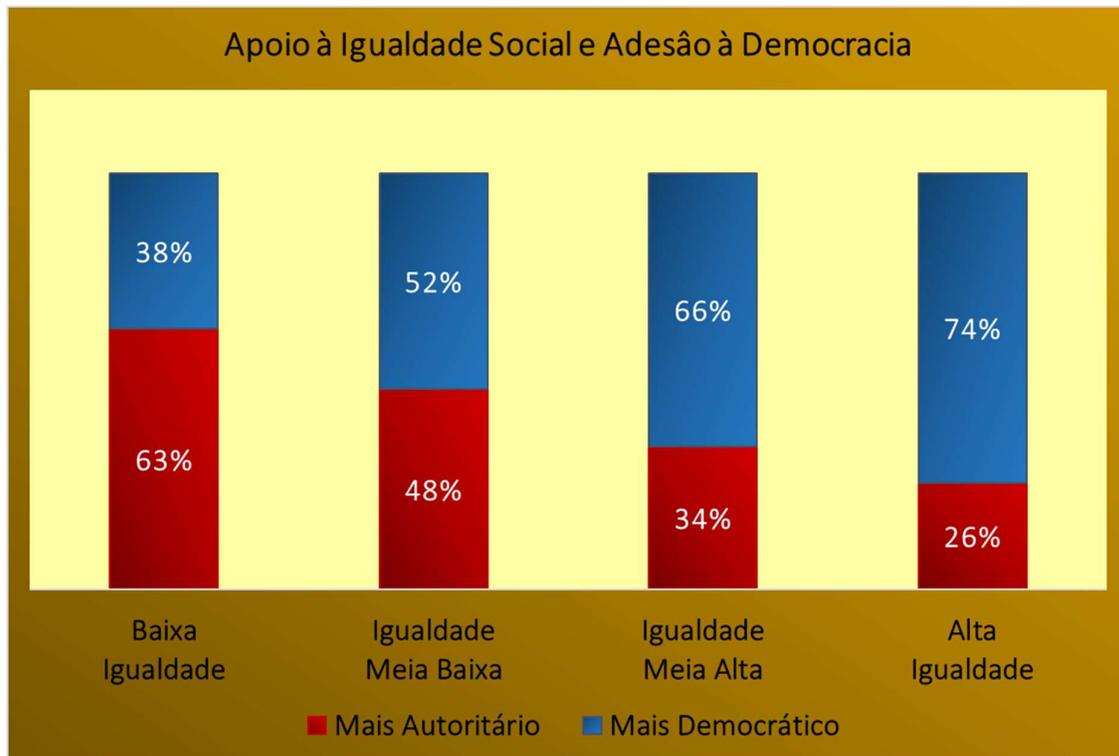
- 45% dizem que nunca se juntaria a membros da sua comunidade para pedir ações do governo.
- 58% afirmam que nunca contactariam uma rádio, um jornal ou a televisão para manifestar a sua inconformidade.
- 75% indicam que nunca participariam de um ato ou marcha de protesto.

Nesta mistura de ideias e atitudes dissonantes, pode-se entrever um risco democrático: a subvalorização do pluralismo político, e, em particular, o direito ao dissenso perante os poderes constituídos. Na Guiné-Bissau, o desenvolvimento político pode ver-se atrapalhado pela debilidade desta dimensão liberal da democracia.

Em contrapartida, **entre os guineenses, há um apoio mais forte à dimensão igualitária da democracia**. Para avaliar esta relação, elaboramos um índice que mede a disposição à igualdade social a partir de dois componentes:

- Igualdade de gênero
- Igualdade no entorno e trato social

Na Guiné-Bissau, há uma forte afinidade entre o nível de adesão à democracia e o apoio à igualdade social. Esta relação positiva entre democracia e inclusão social pode ser apreciado no seguinte gráfico.



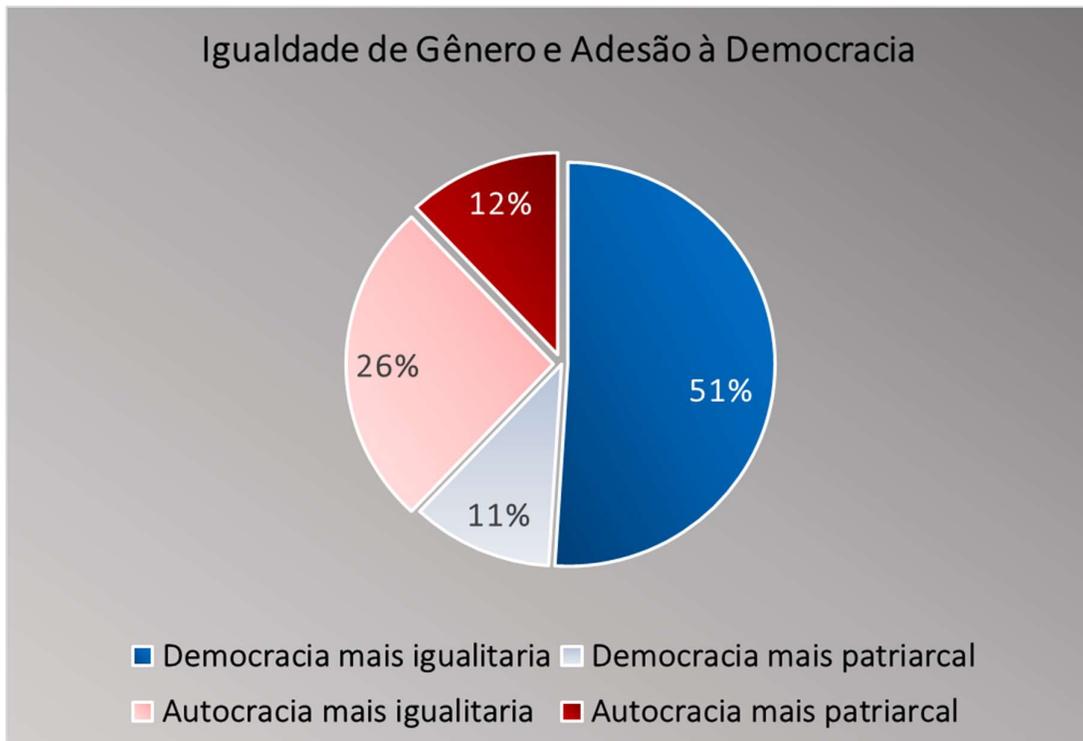
*Mais Autoritário: Adesão à Democracia Baixa + Meia Baixa. Mais Democrática: Adesão à Democracia Alta + Meia Alta. Porcentagens sobre o total de cada nível de Igualdade Social.*

A valorização da democracia na Guiné-Bissau tem uma sinergia com o apoio à igualdade de gênero. Isto pode ser observado no quadro seguinte que combina altos e baixos níveis de aprovação de ambas as posições.

Adesão à Democracia	Igualdade de Gênero	
	Menor	Maior
Mais Alta	Democracia mais patriarcal	Democracia mais igualitária
Mais Baixa	Autocracia mais patriarcal	Autocracia mais igualitária

O resultado deste cruzamento é sugestivo.

## Igualdade de Gênero e Adesão à Democracia



Metade dos guineenses simpatiza-se com a ideia de uma democracia de igualdade de direitos e de oportunidades entre homens e mulheres. Um quarto da população é mais propenso a apoiar a igualdade de gênero num contexto mais autoritário. Por outro lado, um em cada cinco guineenses tem uma orientação mais patriarcal, e, entre estes, a metade simpatizar-se-ia com um regime autoritário de cunho patriarcal.

Entre as pessoas mais democráticas, cinco de cada seis apoia a igualdade de gênero. Isto reafirma a importância de promover os direitos das mulheres. Afinal, a evidência sugere que este também pode ser um meio conducente ao fortalecimento da democracia na Guiné-Bissau.

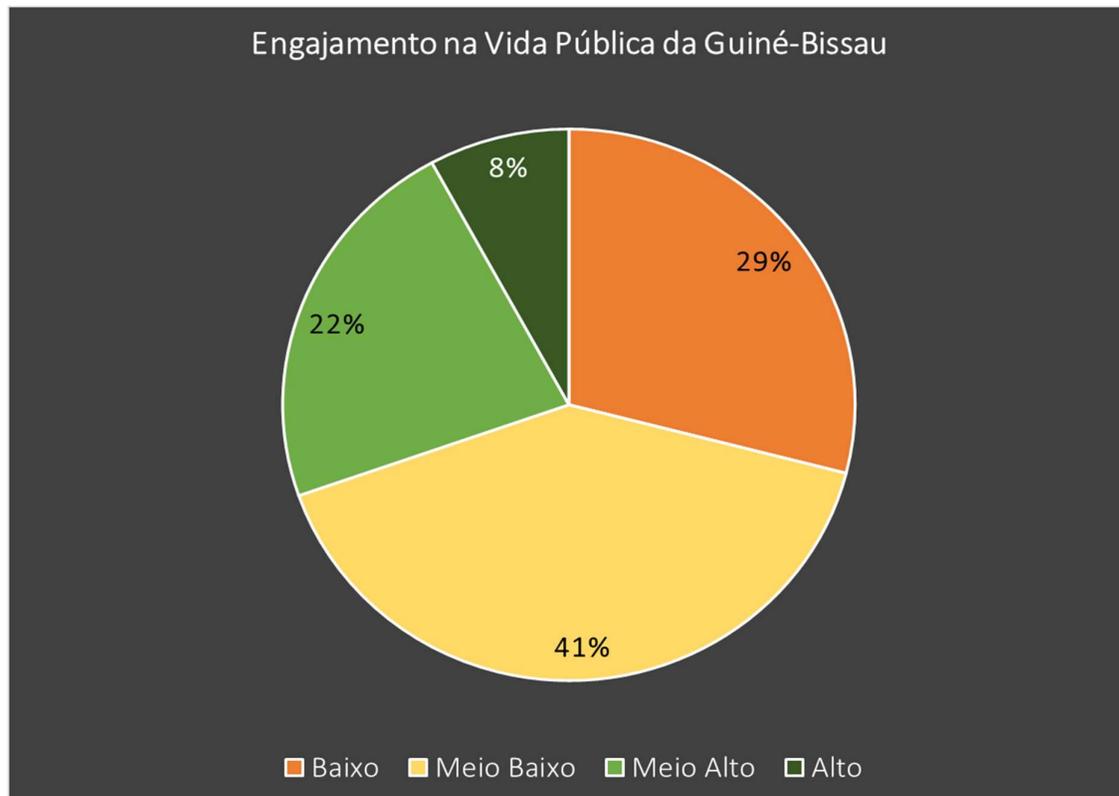
A análise de alguns elementos que fazem parte da adesão à democracia na Guiné-Bissau ajuda a compreender melhor as oportunidades e os desafios para o desenvolvimento político do país. A evidência captada através da pesquisa Vozes do Povo sugere que há uma veta igualitária importante na sociedade guineense que pode ser aproveitada para fortalecer a democracia neste país. No meio do desafio de assegurar o pleno respeito aos direitos humanos, e, em especial, o direito ao dissenso.

## Engajamento na Vida Pública

A possibilidade do desenvolvimento democrático de um país depende, em boa medida, do engajamento das pessoas na sua vida pública. Para captar esta situação na Guiné-Bissau, elaborou-se um índice que avalia esta dinâmica em três vectores principais:

- **O relacionamento com o poder público**, via o contacto com Estado e as suas autoridades.
- **As ações de cidadania**, através da participação nas campanhas eleitorais, as associações sociais e partidárias, e na reclamação de direitos perante o governo.
- **A deliberação pública**, por meio do acesso às notícias e o diálogo sobre assuntos públicos.

A distribuição da população guineense numa escala de engajamento na vida pública mostra um contraste acentuado entre uma minoria ativa e um amplo segmento que exhibe escassas ligações com este âmbito, como pode-se inferir no seguinte gráfico.



Na Guiné Bissau, sete de cada dez pessoas tem pouca ou nula vinculação com a vida pública do país. De cada dez guineenses, três vivem praticamente desligados das instituições públicas e atividades vinculadas à sociedade civil e política do país. Só 8% da população, menos de um de cada dez guineenses, tem um relacionamento fluido com a esfera pública.

A comparação entre a população mais atuante na vida pública (30% do total) e o segmento mais desligado (70% dos guineenses) é revelador.

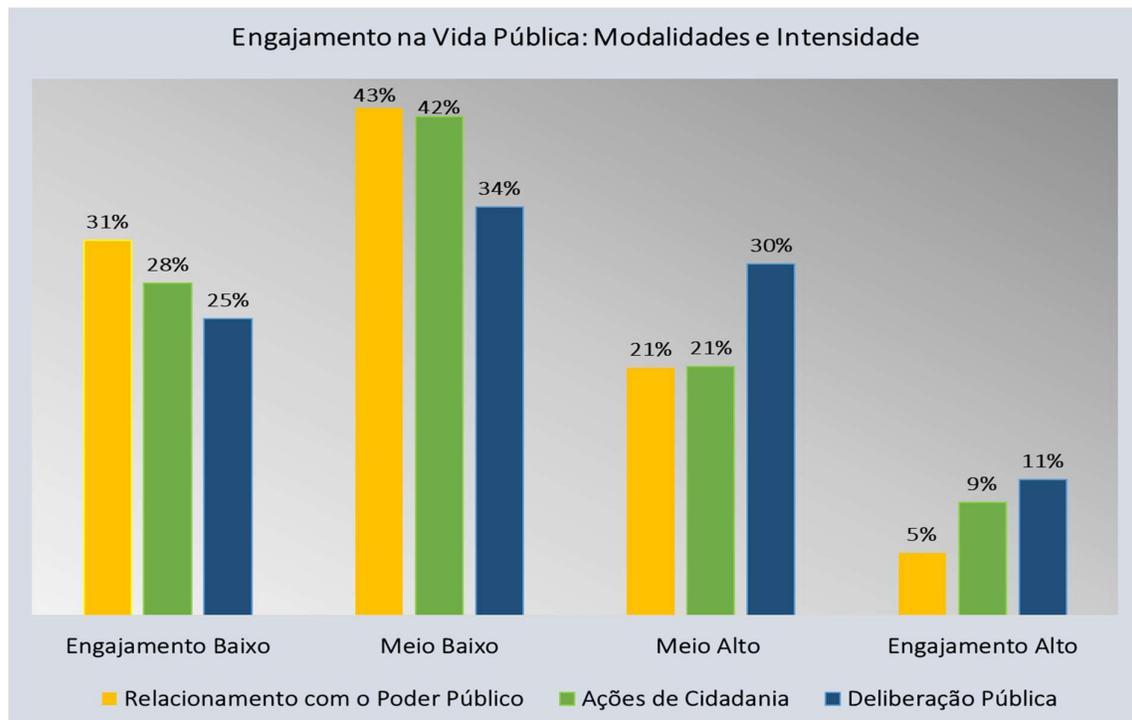


*População Mais Atuante: Engajamento na Vida Pública Alto + Meio Alto  
População Menos Engajada: Engajamento na Vida Pública Baixo + Meio Baixo  
Porcentagens: soma de Alto + Meio Alto + Meio Baixo de cada variável sobre o total de cada segmento.*

Na faixa de quase um terço da população (29%) que vive basicamente desligada do âmbito público:

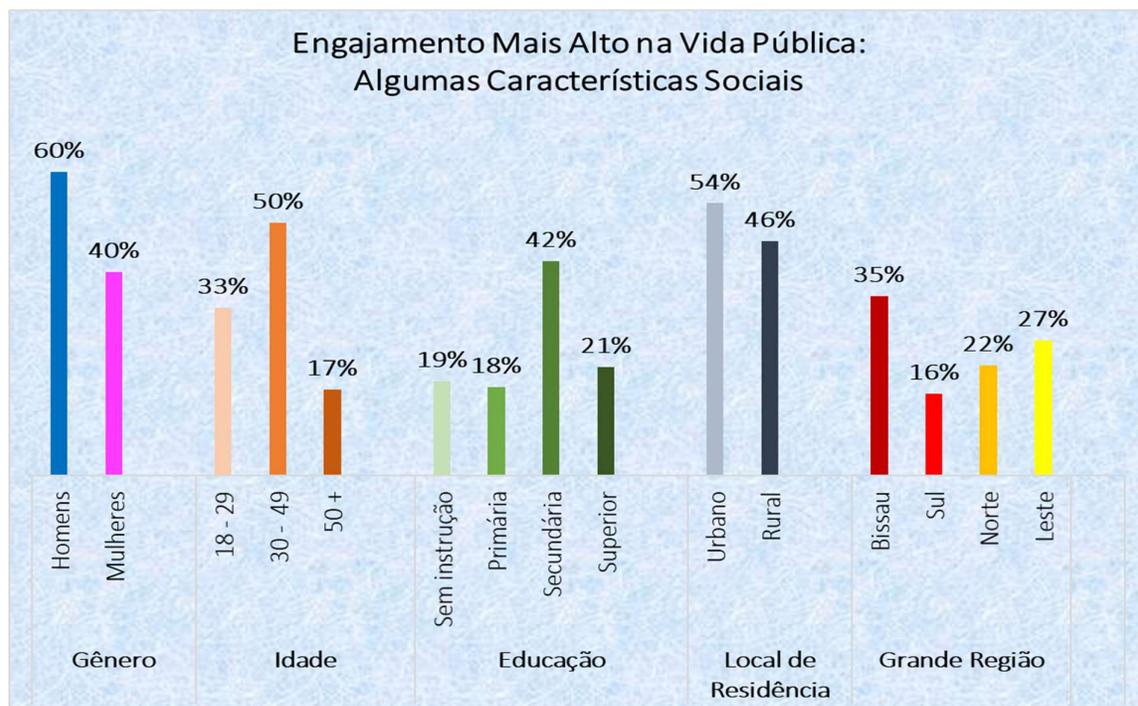
- 97% não se relacionou com as autoridades públicas.
- 60% não teve contacto com o Estado.
- 52% não participou de atividades ligadas à sociedade civil ou do âmbito partidário.
- 68% dizem que nunca reclamariam nada do governo.
- 59% não teve acesso às notícias sobre o país.
- 64% não dialoga sobre assuntos políticos com familiares, vizinhos e amigos.

Comparando as três modalidades distintas de engajamento na vida pública, pode-se observar no seguinte gráfico, que na Guiné-Bissau é mais fácil deliberar sobre os assuntos públicos que se relacionar com os agentes estatais. Este fato que reforça a percepção de um Estado fraco, com pouca presença no território nacional, portanto, pouco acessível a um amplo segmento da população.



*Porcentagem sobre o total de respostas para cada nível e modalidade de engajamento.*

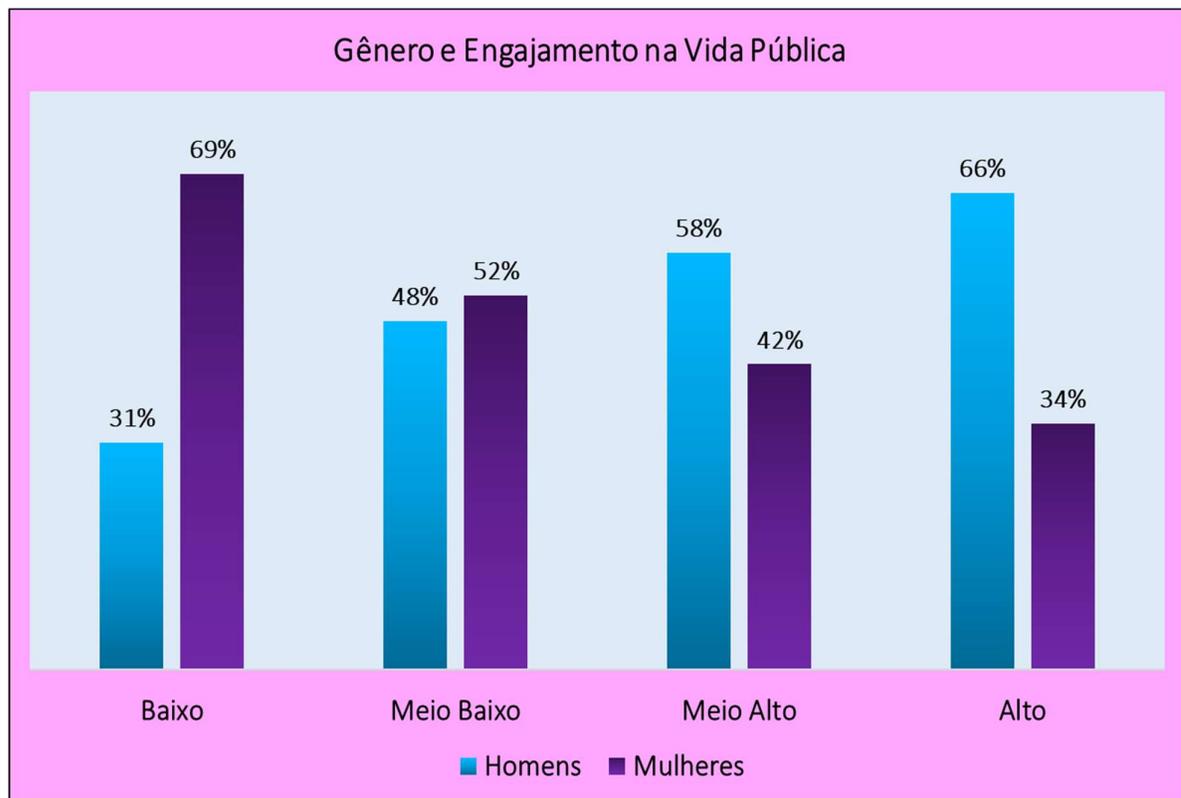
Que sectores da Guiné-Bissau se engajam mais na vida pública do país? O gráfico que se segue apresenta alguns traços demográficos deste segmento, que representa quase um terço da população (30%).



*Engajamento Mais Alto na Vida Pública: Engajamento Alto + Meio Alto  
Porcentagem sobre o total de pessoas com Engajamento Mais Alto na Vida Pública.*

A maior participação na vida pública dá-se entre os homens, sobretudo de média idade. A educação facilita este engajamento: quase dois de cada três pessoas mais ligadas ao âmbito público teve algum estudo secundário ou superior. A relação com a esfera pública é mais forte no meio urbano, onde há mais contacto com o Estado, suas autoridades e acesso às notícias. Daí o maior destaque da capital do país.

Quanto ao **gênero**, o envolvimento menor das mulheres é evidente: na faixa de escassa participação (70% da população), dois de cada três pessoas são mulheres. Na população mais desligada do âmbito público, sete de cada dez pessoas são mulheres, como regista o seguinte quadro.



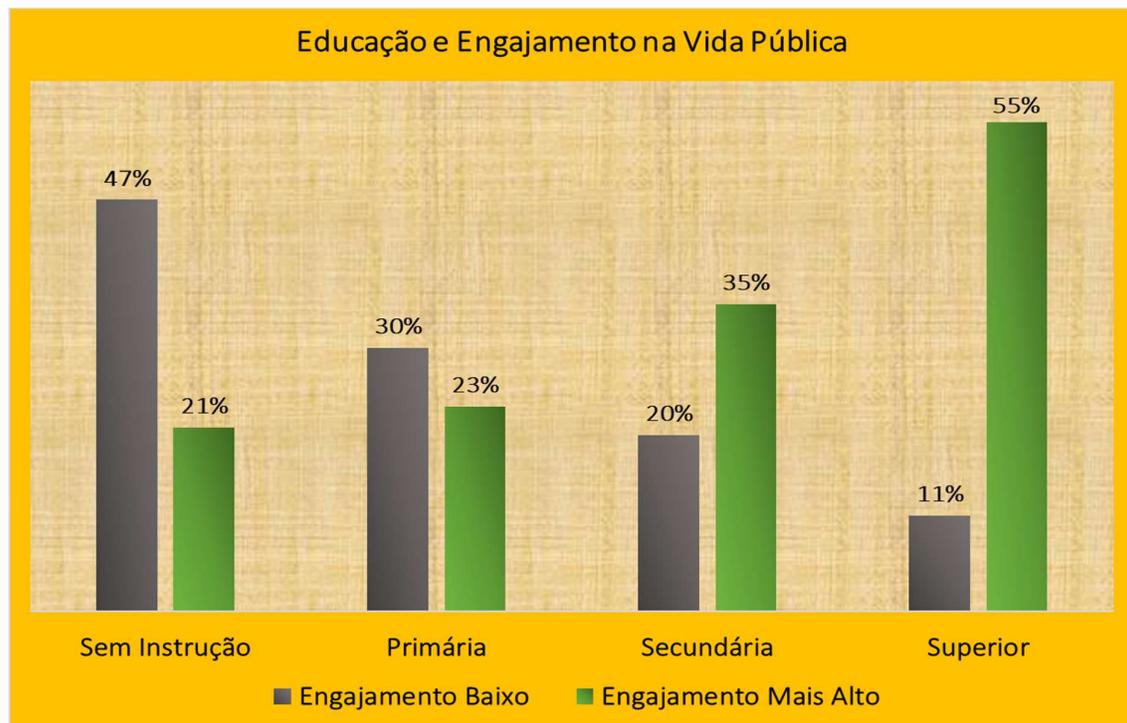
*Porcentagem sobre o total de cada nível de engajamento na vida pública.*

Na Guiné-Bissau, um de cada cinco mulheres vive essencialmente afastada dos debates, das atividades e das relações que fazem parte da esfera pública. As mulheres ficam particularmente diminuídas na sua capacidade de relacionamento com os poderes públicos e na oportunidade de deliberar sobre os acontecimentos do país: um de cada três mulheres não dialoga sobre assuntos políticos ou acompanha as notícias.

Quanto à **idade**, os jovens guineenses são menos atuantes que as pessoas mais idosas. Eles têm um relacionamento menor com o poder público e são menos ativos em grupos sociais e políticos. Mas têm um acesso maior às informações sobre o que acontece no país. Nos centros urbanos isto vê-se reforçado pelo maior uso da internet. O grupo etário que mais conversa sobre assuntos públicos é a intermédia, de 30 a 49 anos, sendo que 52% deles dialoga sobre a

política com bastante frequência. Seguem-se os jovens com 46% e os mais velhos com 38%. Entre os jovens, a deliberação pública é mais intensa que a atuação cívica.

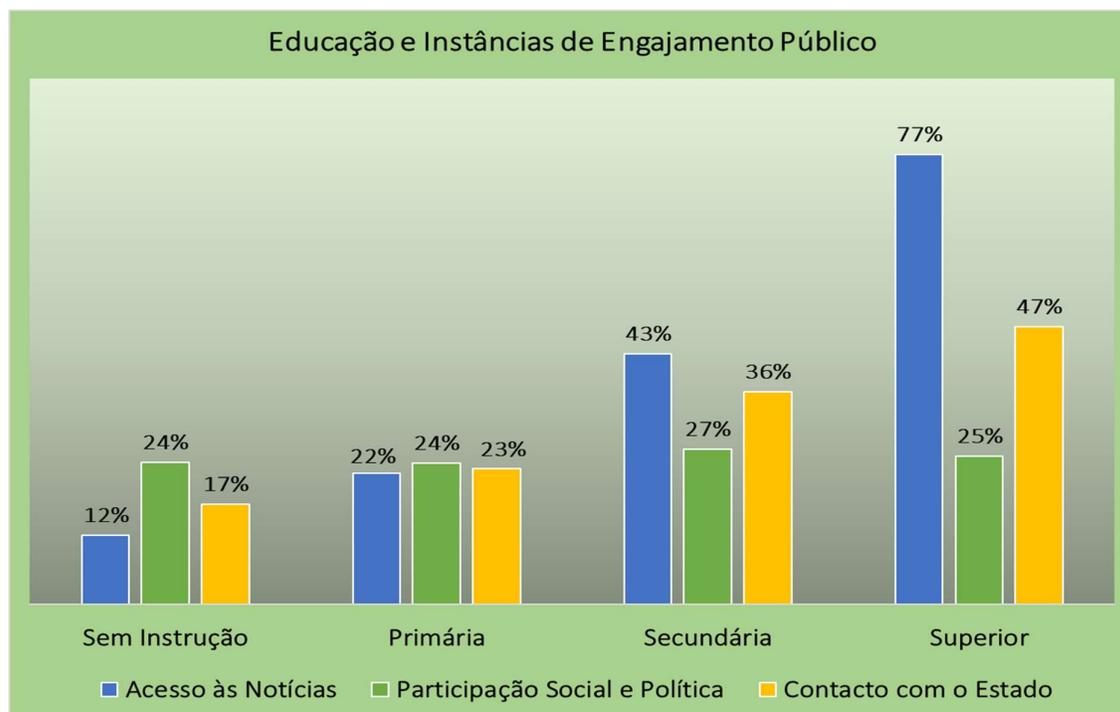
A **educação** tem um forte impacto no nível de engajamento das pessoas. As pessoas mais instruídas participam muito mais na vida cívica do país. As pessoas com educação superior têm, em termos proporcionais, uma atuação duas vezes maior do que aquelas que não tiveram instrução ou só fizeram a escola primária. Quase metade das pessoas sem escolarização tem uma vida desconectada do âmbito público, como se observa a seguir.



*Engajamento Mais Alto na Vida Pública: Engajamento Alto + Meio Alto  
Engajamento Baixo: segmento com menor atuação  
Porcentagem sobre o total de cada nível de instrução.*

Entre os desconectados da esfera pública, sete de cada dez nunca foram alfabetizados ou só fizeram algum estudo primário.

As pessoas com mais educação têm, segundo os dados da pesquisa, uma capacidade superior de relacionamento com o Estado e as autoridades políticas, e uma melhor possibilidade de deliberação pública. O fato de as pessoas com maior educação residir em áreas urbanas explica o seu acesso mais fácil às dependências do Estado e diversas fontes de notícias. Contudo, é importante ressaltar que no âmbito das ações de cidadania, o nível de educação não afeta a intensidade da participação pública, como expõe o seguinte quadro.



*Engajamento Público: Engajamento Alto + Meio Alto  
Porcentagem sobre o total de cada nível educativo.*

O contraste desvendado nesta representação é significativo. As pessoas com educação superior têm quase três vezes mais contacto com o Estado que as pessoas sem instrução. Há também, entre estes segmentos da população, uma forte disparidade – de mais de seis para um – no acesso às notícias.

No entanto, há uma paridade importante em todos os estratos educativos quanto à atuação das pessoas em grupos religiosos, comunitários, sindicatos, associações de agricultores, grêmios profissionais e partidos políticos. Neste âmbito, um quarto da população, em cada faixa de instrução, tem uma participação pública mais intensa. Isto sugere que, na Guiné-Bissau, a vida associativa e partidária tende a facilitar espaços para a integração e inclusão social. Esta situação revela um potencial interessante para a promoção do desenvolvimento democrático do país.

O **local de residência** pode estender ou limitar as possibilidades de engajamento público. O meio urbano facilita o contacto com as instituições e autoridades públicas, e amplia o acesso aos meios de comunicação. Dois terços das pessoas que tem pouca relação com a esfera pública moram no campo, e só um terço nas cidades. No meio rural, um terço da população encontra-se afetada por esta situação. Isto se acentua, na Guiné-Bissau, pelo fato de 4 de cada 5 camponeses terem pouco ou nulo contacto com Estado e acesso às notícias.

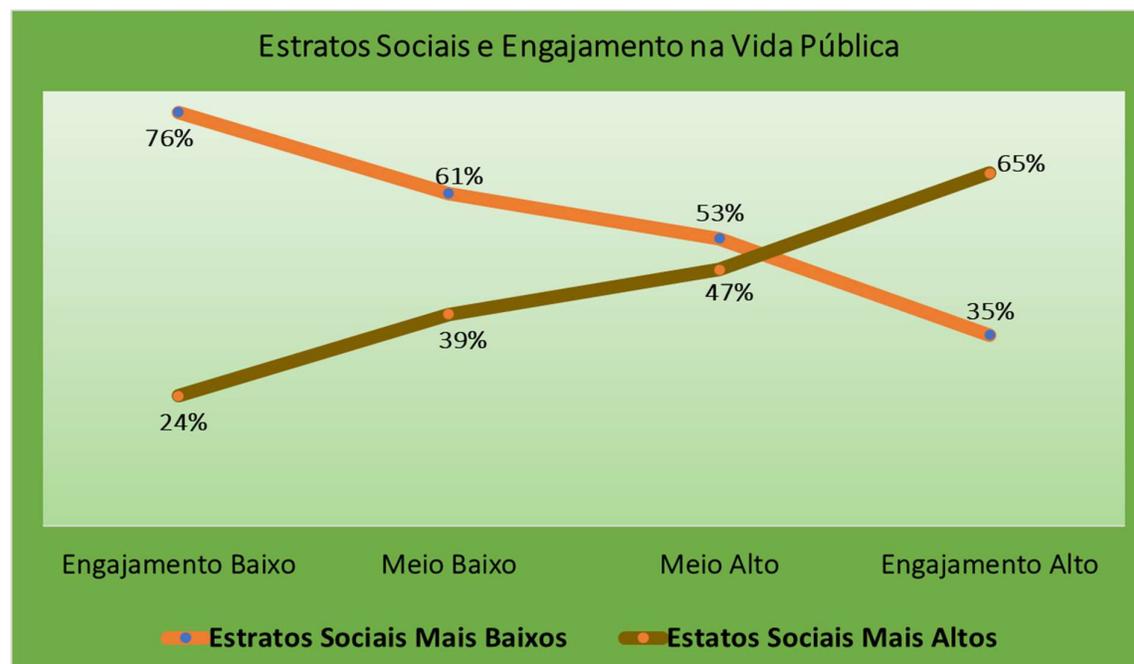
Os contrastes entre o mundo urbano e rural, contudo, desfazem-se no âmbito das ações de cidadania. Aqui, os camponeses e cidadãos têm uma disposição similar a participar nas campanhas eleitorais e a fazer reclamações ao governo. Dois de cada três guineenses, urbanos e rurais, atuaram na campanha eleitoral de 2014. Ademais, um quinto de ambos os segmentos diz que reclamou, ou gostaria de reclamar, algo ao governo.

É no campo, porém, que se dá um ativismo social e partidário mais intenso. Entre os habitantes rurais, isto chega aos 28%, e no meio urbano a 21%. Isto indica que há elementos da sociabilidade camponesa – entre eles, a vida comunitária e a maior confiança interpessoal – que facilitam a participação popular.

Com isto, podemos concluir que o acento urbano na vida pública da Guiné-Bissau, reflete muito mais o conjunto de oportunidades oferecidas nesse meio do que quaisquer diferenças de disposição entre o povo citadino e camponês.

É assim que Bissau oferece condições mais favoráveis para o engajamento público. Mas o Leste e o Sul do país apresentam um dinamismo associativo e partidário mais forte. No Leste há também uma prática mais intensa de contacto com autoridades públicas. Em Bissau e nas regiões Norte e Leste, metade da população discute com bastante frequência assuntos políticos. No entanto, no Sul só dois de cada cinco pessoas exibem esta disposição.

A relação entre **estratos sociais** e o nível de engajamento na vida pública é ainda mais pronunciada. A população com um patrimônio maior tem uma participação substancialmente maior do que aquela mais carente, como assinala este quadro.

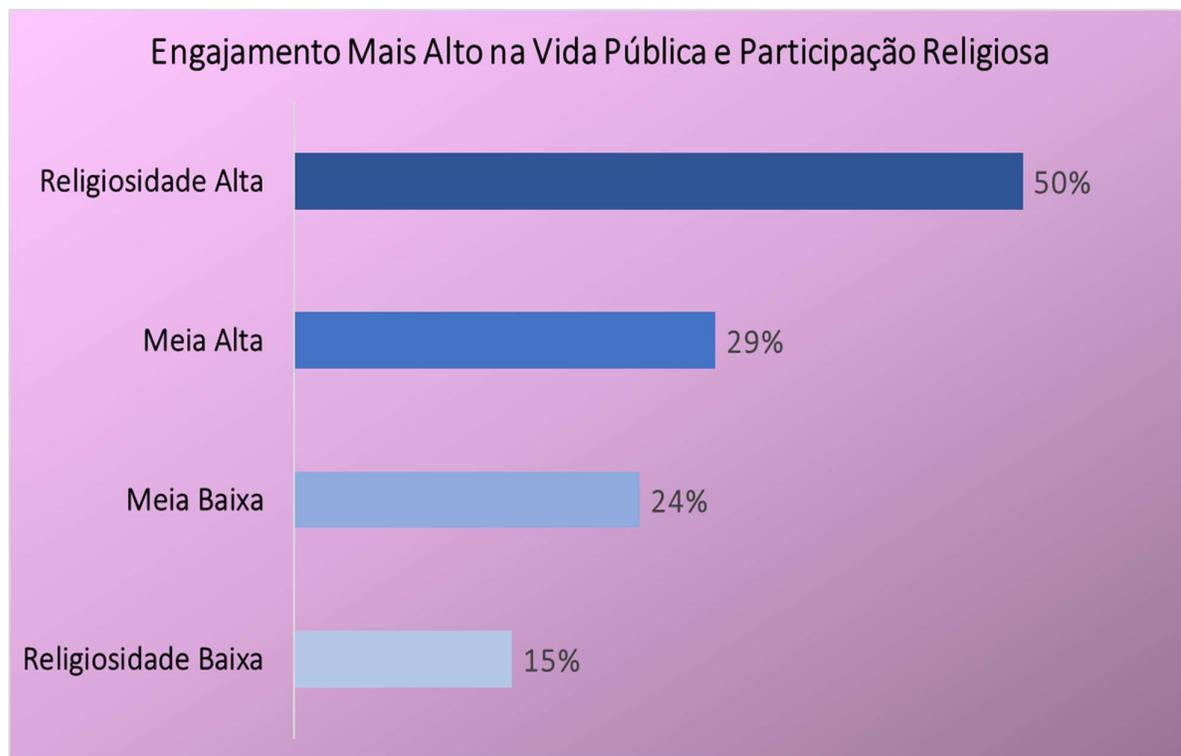


*Estratos Sociais Mais Baixos: Baixo + Meio Baixo. Estratos Sociais Mais Altos: Alto + Meio Alto  
Porcentagem sobre o total de cada nível de Engajamento na Vida Pública.*

Entre as pessoas com engajamento alto, dois de cada três são dos estratos sociais mais favorecidos. Entre as pessoas mais desengajadas, três de cada quatro provem dos estratos mais pobres. Esta diferença é particularmente acentuada num componente do índice de estratos sociais: o uso de meios modernos de comunicação. Aqui,

- 90% dos que não utilizam o telemóvel, a rádio, televisão e internet, tem participação nula ou baixa na esfera pública.
- 85% dos que têm um engajamento alto usam estes instrumentos com frequência.

Na Guiné-Bissau, a **religião** é um fator que estimula o engajamento popular na vida pública. Neste país, as pessoas com uma participação religiosa mais alta tem uma atuação pública três vezes maior que as pessoas com baixa religiosidade, como se pode apreciar neste gráfico.



*Engajamento Mais Alto na Vida Pública: Engajamento Alto + Meio Alto  
Porcentagem sobre o total de cada nível do subíndice de Engajamento e Adesão Religiosa.*

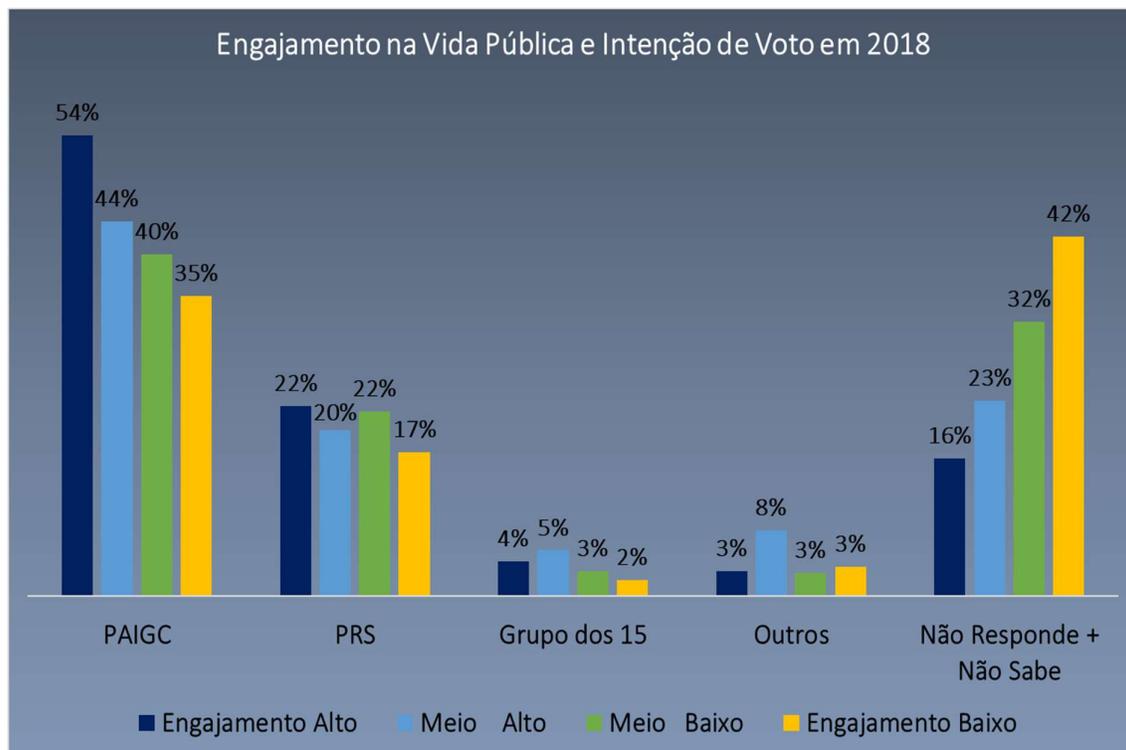
Entre as três principais religiões na Guiné-Bissau, ajustando pela variação no tamanho de cada grupo, o engajamento público é maior na comunidade muçulmana (36%), do que na cristã (29%) ou animista (12%). Do outro lado desta equação, no rango inferior, quase a metade dos animistas (47%) exibe uma atuação pública baixa ou nula, comparado com um quarto dos cristãos (27%) e dos muçulmanos (26%).

As **atitudes e disposições** das pessoas tendem a variar segundo o seu nível de engajamento na vida pública. Os indivíduos mais desengajados têm, no geral, uma predisposição mais alta à intolerância social. A título de ilustração, um quarto desta população apresenta um risco de sectarismo religioso.<sup>1</sup> Neste grupo, 20% teriam uma orientação sectária mais cultural, e 5% religiosa. Em contraste, só 6% das pessoas com uma atuação significativa teriam uma visão mais sectária.

<sup>1</sup> A referência aqui é a segunda versão do índice de risco de sectarismo religioso, que exclui a variável do preconceito sexual.

Por outro lado, as pessoas mais engajadas tendem a exibir um sentimento de confiança mais robusto, tanto no plano interpessoal como na relação com as instituições públicas, as entidades da sociedade civil, e as lideranças religiosas e comunitárias. Neste segmento, quatro de cada cinco pessoas sentem afinidade por algum partido político. Mas só metade dos desengajados tem alguma identidade partidária.

Tudo isto, por sua vez, impacta na dinâmica política do país. Em 2018, entre as pessoas que manifestaram a sua intenção de voto em favor do PAIGC, havia uma tendência ao engajamento público maior, como salienta o quadro seguinte. Entre aqueles que não responderam à pergunta ou disseram não saber, a disposição ao engajamento público era substancialmente menor. Entre os aderentes do PRS, porém, não se detectou nenhuma correlação com o grau de participação na vida cívica.



*Intenção de Voto em 2018. Resposta à pergunta do questionário:  
Se as eleições legislativas fossem amanhã, em que partido votaria?  
Porcentagem sobre o total de cada nível do Engajamento na Vida Pública.*

Na Guiné-Bissau, o nível de engajamento na vida pública incide nas possibilidades de promover a tolerância, a confiança, a inclusão social, e a adesão à democracia. Daí a importância de compreender melhor este fenômeno.

## Militância Partidária

Para captar e compreender melhor a faixa da população engajada de maneira intensa no âmbito dos partidos políticos criou-se o índice de militância partidária. Este segmento abrange 7% dos cidadãos guineenses, uma quantidade por si só bastante significativa.

O índice combina três fatores:

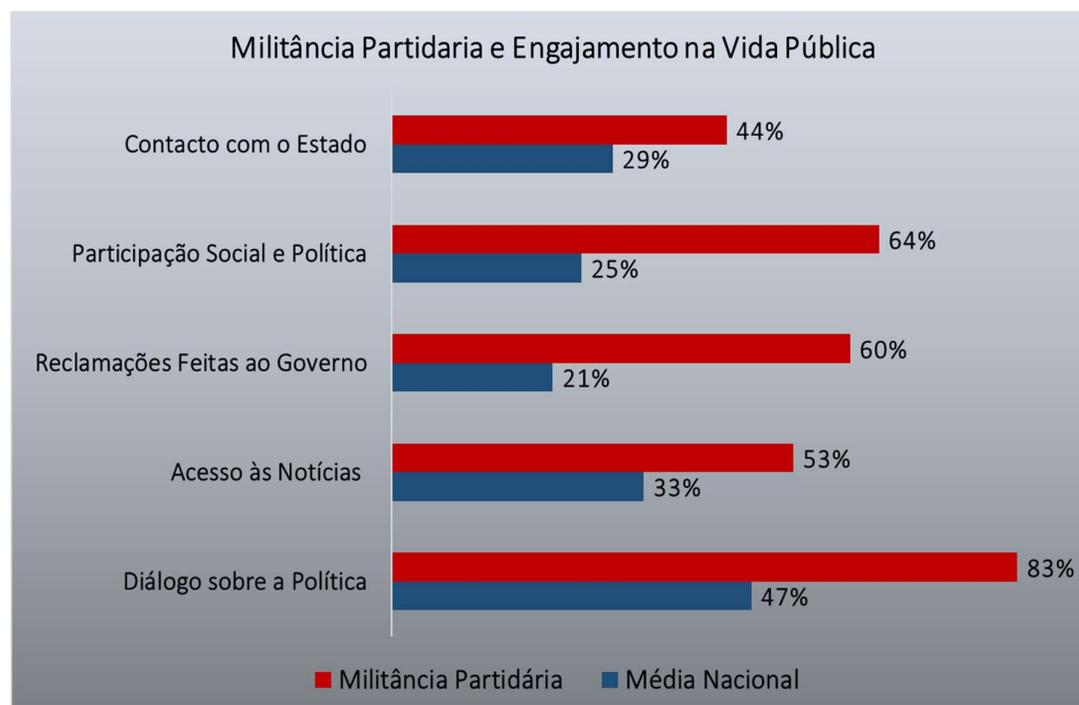
- **A atuação nos partidos políticos**, seja como dirigente ou membro ativo.
- **A participação na campanha eleitoral**, em diversas modalidades.
- **O contacto com autoridades**, incluindo a frequência desta interação.

Aqui, a militância partidária está associada à participação ativa em entidades políticas e campanhas eleitorais, e a regularidade da comunicação com lideranças públicas e partidárias.

Apresentamos a seguir uma série de dados que permitem caracterizar melhor o perfil desta militância partidária:

- 95% têm uma atuação partidária alta
- 94% participam ativamente nas campanhas eleitorais
- 64% têm um relacionamento mais intenso com as autoridades públicas

O engajamento destes militantes na vida pública da Guiné-Bissau é marcante: 90% têm uma participação mais alta, três vezes mais que a média nacional. O gráfico que se segue revela detalhes sobre esta relação.



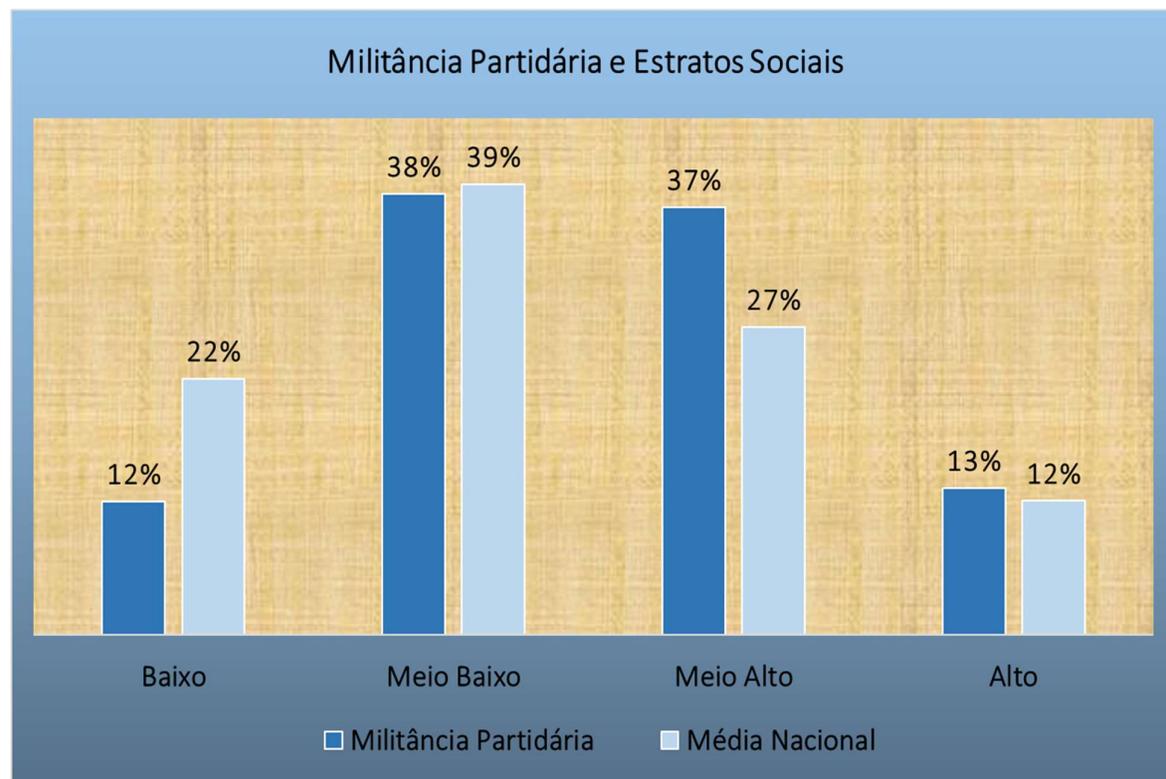
*Militância Partidária: Alta Militância Partidária (7% da população).  
Engajamento na Vida Pública: Engajamento Alto + Engajamento Meio Alto.  
Porcentagem sobre o total de Militância Partidária Alta e o total Nacional.*

Entre as principais características sociais destes ativistas partidários pode-se destacar o seguinte. Com relação à questão de **gênero**, dois cada três militantes são homens, e uma é mulher. As mulheres perdem destaque por causa da sua menor participação no lobby junto das autoridades públicas. No entanto, na atuação partidária a brecha com os homens é menor.

Quanto a **idade**, quase dois terços dos ativistas têm entre 30 e 49 anos. Essa faixa etária e os de 50 anos para cima, são, em termos proporcionais, três vezes mais ativos que os jovens. Três de cada quatro jovens não atua nos partidos ou movimentos políticos, e dois de cada três jovens participam pouco ou nada das campanhas eleitorais.

Em outros aspectos, no entanto, é possível entrever a atividade partidária como um espaço que envolve e integra diversos segmentos da população. A composição da militância partidária, por exemplo, reflete níveis de **educação** similares à média nacional. Um quarto dos ativistas é analfabeto, 22% só frequentou a escola primária, 38% assistiram a escola secundária, e 15% tiveram alguma educação superior.

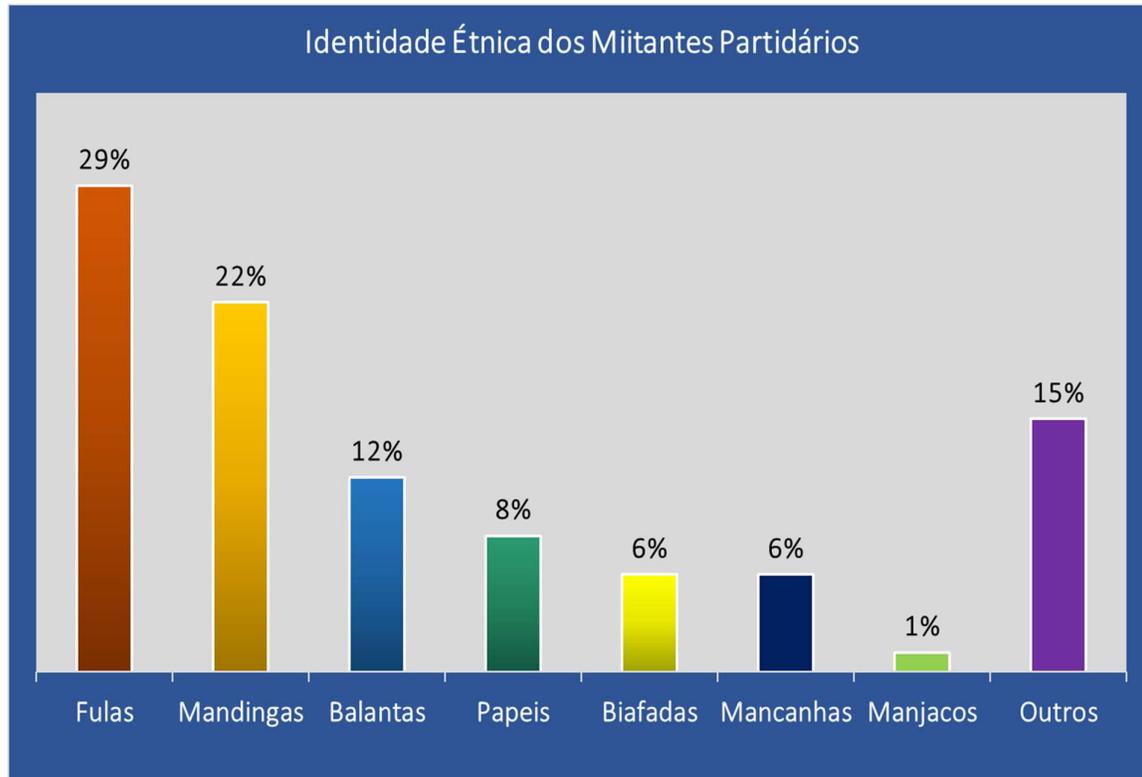
Da mesma forma, os militantes provêm de diversos **estratos sociais**, o que permite aos partidos espelhar aspectos relevantes da realidade guineense. Ainda assim, como mostra este gráfico, há uma proporção maior de pessoas do segmento meio alto, e uma menor no estrato mais pobre.



*Militância Partidária: Alta Militância Partidária (7% da população).  
Porcentagem sobre o total de Militância Partidária e o total Nacional.*

Quanto à **distribuição territorial** dos ativistas partidários, 57% destes moram no campo, proporção similar ao tamanho da população rural. Os camponeses, contudo, são mais atuantes que os cidadãos nos partidos políticos. A região Leste tem uma proporção ligeiramente maior de militantes. Mas, no geral, a diferença entre as grandes regiões do país é mínima.

A **composição étnica** dos militantes partidários reflete, em algo, o tamanho da população de cada grupo – como se pode observar neste gráfico.



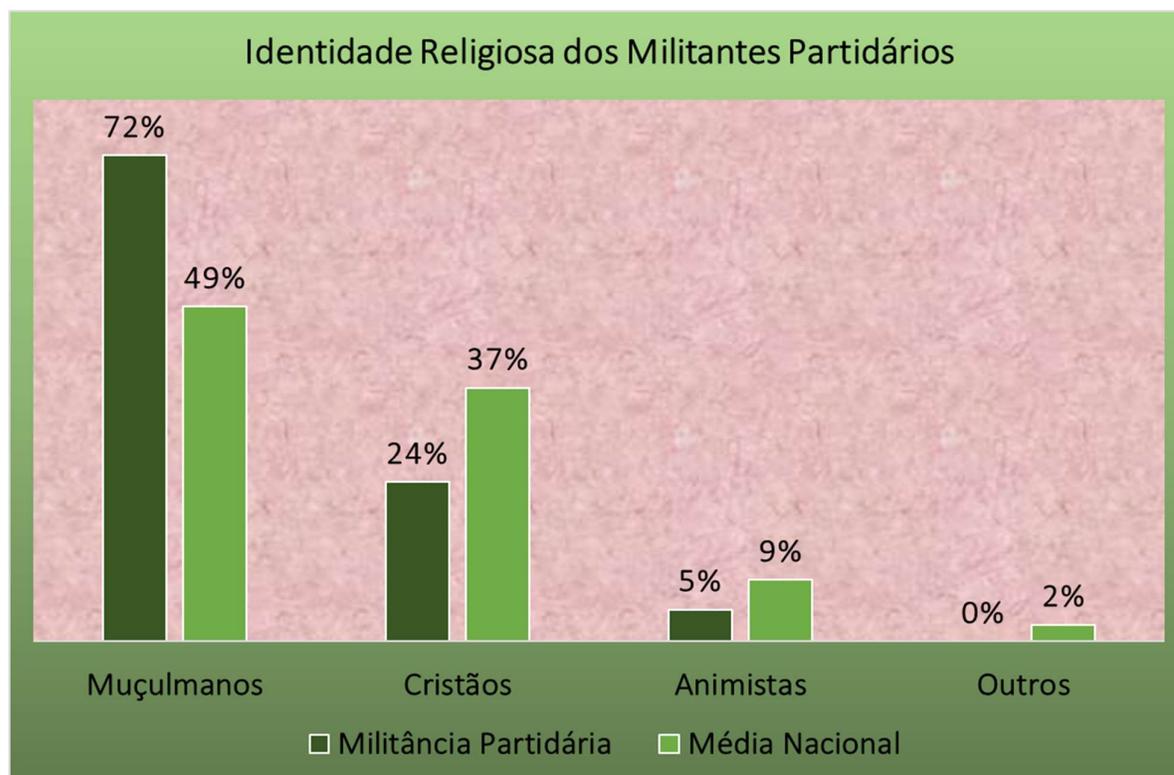
*Militância Partidária: Alta Militância Partidária (7% da população).  
Porcentagem sobre o total de Militância Partidária.*

Mas há também algumas diferenças substanciais. Os Mandingas têm uma militância política muito maior à sua proporção na população guineense (que alcança os 14%). Os Fulas (que chegam a 26% da população), Biafadas (5%), e Mancanhas (5%) também têm uma proporção maior. Mas os Balantas (com 19% da população), Papeis (10%) e, especialmente, os Manjacos (com 9%), apresentam um nível de ativismo partidário bastante inferior ao seu tamanho demográfico.

A militância partidária na Guiné-Bissau é fortemente **religiosa**: 83% dos ativistas têm uma participação religiosa assídua, e destes, 74% têm uma prática religiosa intensa. Os ativistas políticos neste país são muito mais religiosos que o resto da população. A nível nacional, o engajamento religioso mais alto é de 59%, 24 pontos a menos que o envolvimento religioso dos militantes políticos.

Entre as três principais religiões na Guiné-Bissau, há uma participação preponderante de muçulmanos entre os ativistas políticos. Cinco de cada sete militantes partidários são

muçulmanos, e 2 são cristãos. A participação dos cristãos e animistas é muito inferior à sua proporção demográfica, como revela o seguinte gráfico.



*Este quadro não inclui os casos de Não Sabe + Não Responde (1,5% da população).  
 Militância Partidária: Alta Militância Partidária (7% da população).  
 Porcentagem sobre o total de Militância Partidária e o total Nacional.*

No total, 11% dos muçulmanos são ativistas político. Mas só 3% dos católicos, 6% dos evangélicos e 5% dos cristãos (sem denominação) o são. Entre os animistas, só 4% atuam com maior intensidade nos partidos políticos.

O **risco de sectarismo religioso** é bastante baixo entre os militantes partidários. Quatro de cada cinco militantes exibem uma alta tolerância religiosa e cultural. Entre os ativistas mais tolerantes, 84% apresentam uma religiosidade mais intensa. Só 1 de cada 5 ativistas tem uma orientação mais sectária. Entre os mais sectários, quatro de cada cinco pessoas expõem uma tendência ao sectarismo religioso.

A militância política na Guiné-Bissau reflete as principais **identidades partidárias** do país. Em 2018, três de cada cinco ativistas partidários eram do PAIGC; um de quatro do PRS, e o resto de partidos menores. No PAIGC e PRS, um de cada dez simpatizantes tinha uma participação ativa na vida do seu partido. O Grupo dos 15, um movimento dissidente do PAIGC, teve, a meados de 2018, 3% de apoio a nível nacional. No entanto, 12% dos seus adeptos eram ativistas políticos.

## Confiança Interpessoal

A confiança facilita a cooperação em diversos âmbitos, desde a vida familiar e comunitária, até as relações de mercado e atuação na esfera pública. Para compreender esta dinâmica na Guiné-Bissau, criamos dois índices de confiança, uma social e outra grupal. A confiança social é conferida de maneira ampla e geral; ela não se restringe a um círculo privado ou conhecido. A confiança grupal, por outro lado, é conferida a familiares, amigos e vizinhos, e a outras pessoas de proximidade social. A combinação dos dois tipos de confiança, em escala mais alta e baixa, permitiu produzir a seguinte matriz.

Confiança Social	Confiança Grupal	
	Baixa	Alta
Alta	<b>Confiança Meia Baixa:</b> mais social	<b>Alta Confiança:</b> interpessoal
Baixa	<b>Baixa Confiança:</b> interpessoal	<b>Confiança Meia Alta:</b> mais grupal

A confiança grupal é um passo fundamental para a construção de relações de confiança mais amplas. Pessoas que não podem confiar nas suas famílias e vizinhos podem ter uma confiança social mais elevada, mas dificilmente poderão alcançar um grau de alta confiança interpessoal. A informação produzida pela pesquisa confirma esta hipótese, demonstrando, inclusive, que a disposição à confiança inter-religiosa e étnica é mais forte entre os indivíduos com uma maior confiança grupal do que entre aqueles com maior confiança mais social. Com estes critérios conceituais - e a análise da evidência produzida - optamos por conceptualizar a confiança mais grupal como uma confiança média alta, e a confiança social como uma confiança média baixa.

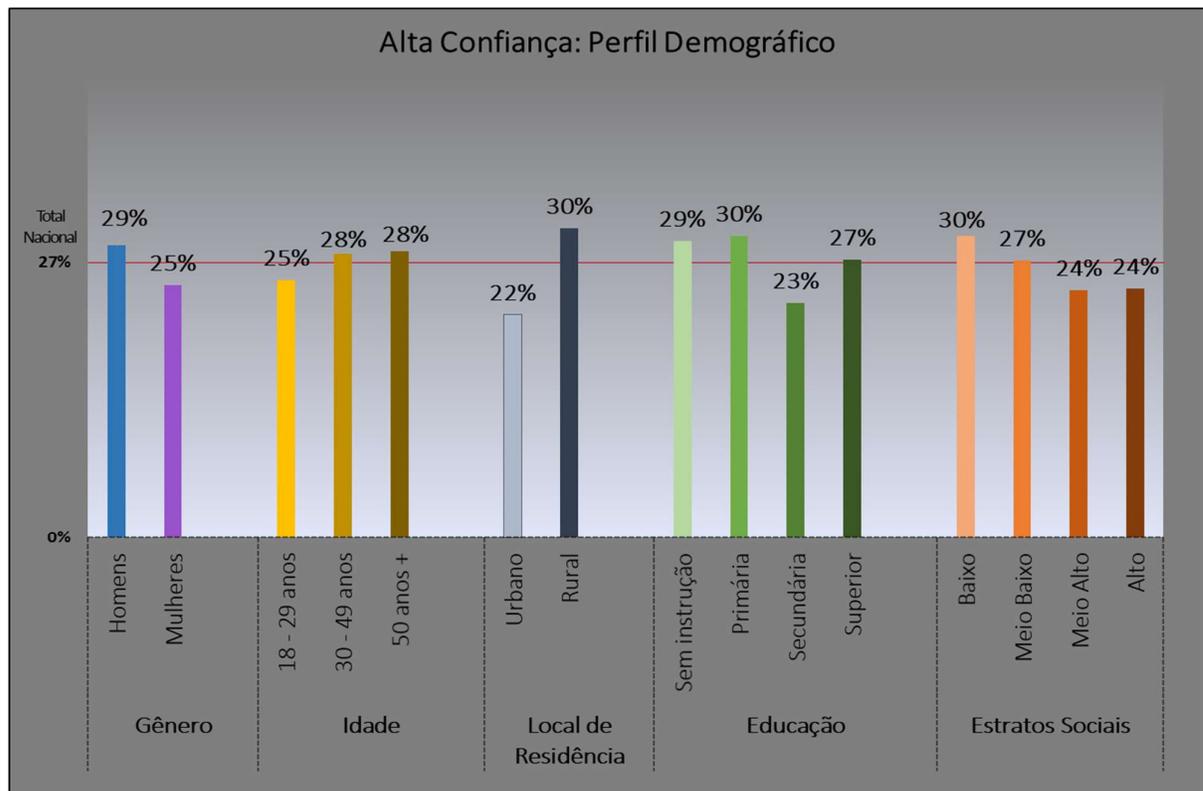
Este marco analítico torna possível estimar o peso de quatro tipos de confiança presentes na sociedade guineense, como se pode ver no gráfico seguinte.



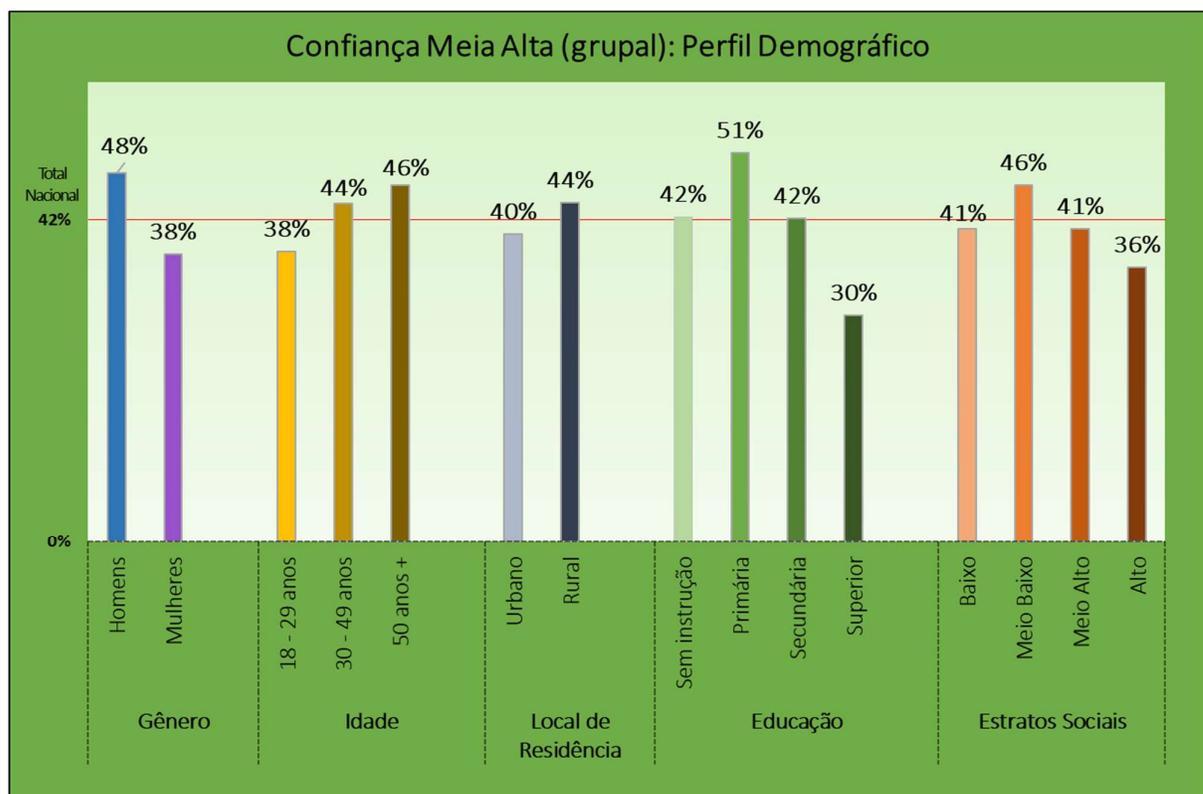
**A confiança predominante na Guiné-Bissau é a confiança grupal:** uma de cada sete pessoas tem-na numa proporção maior. Só um terço do povo tem uma confiança social mais alta. A combinação destas duas modalidades de confiança – a grupal e social - revelam que:

- Mais de um quarto dos guineenses (27%) goza de alta confiança interpessoal.
- Metade da população dispõe de uma confiança média, com forte ênfase na confiança grupal, que alcança 85% desta faixa.
- As pessoas com confiança média baixa, do tipo social, são um segmento minoritário (8%). Nesta faixa média, só 13% têm uma confiança social alta. Em vários aspectos, esta faixa social tem um perfil mais parecido com as pessoas de baixa confiança.
- O outro quarto da população (23%) tem pouca ou nula confiança interpessoal.

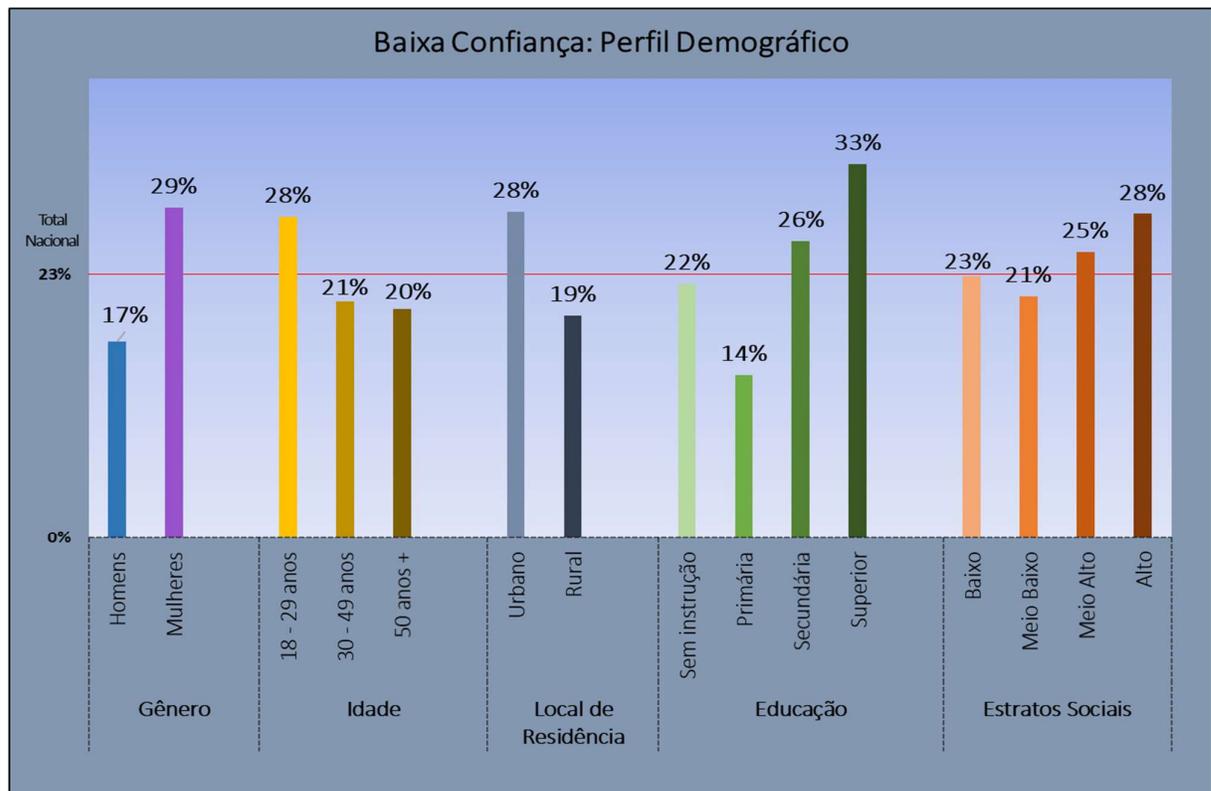
Estas modalidades de confiança incidem de uma maneira apreciável na orientação e no comportamento das pessoas. Isto se percebe, de modo particular, ao comparar as faixas de alta e baixa confiança. Mas antes de examinar este contraste, apresentamos informações sobre a composição social dos três principais tipos de confiança.



*Porcentagens sobre o total de cada variável.*



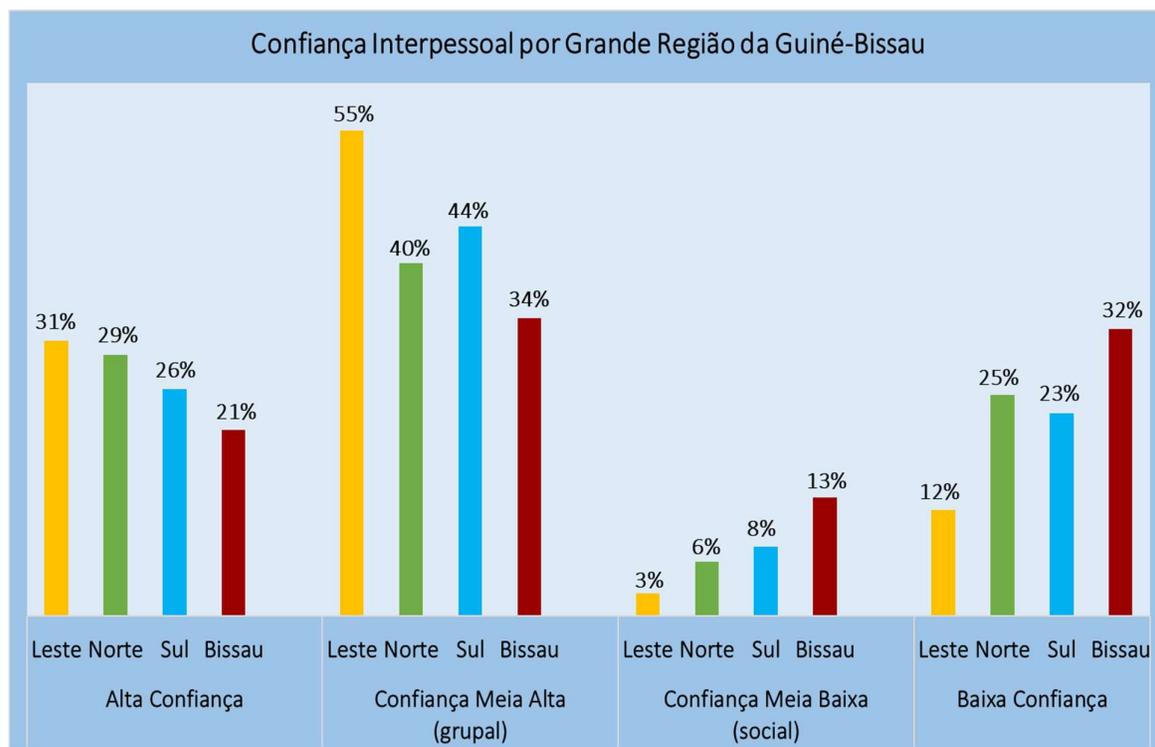
*Porcentagens sobre o total de cada variável.*



*Porcentagens sobre o total de cada variável.*

Há diferenças apreciáveis na composição destas quatro modalidades de confiança interpessoal:

- Os homens e as pessoas com uma idade mais madura apresentam níveis mais altos de confiança do que as mulheres e a juventude.
- Os laços de confiança são mais fortes no meio rural, onde três de cada quatro guineenses sentem uma confiança mais alta.
- Este sentimento também é mais intenso nos estratos sociais mais baixos e entre pessoas de menor educação: quatro de cada cinco guineenses que só tiveram uma educação primária exibem uma confiança mais alta.
- A confiança interpessoal é mais fraca entre pessoas com algum estudo superior, onde um de cada três pessoas dizem ter pouca ou nula confiança interpessoal.



*Porcentagens sobre o total de cada grande região.*

Quanto à **distribuição territorial** do sentimento de confiança interpessoal podemos ressaltar o seguinte:

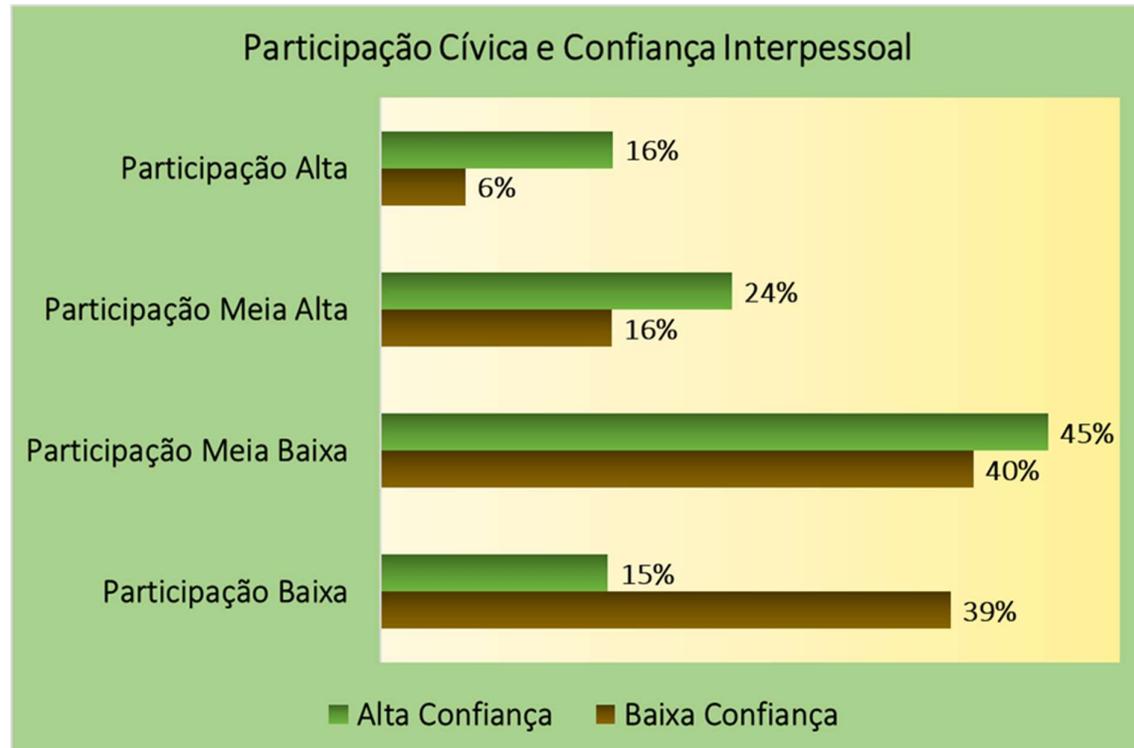
- O Leste do país é a região com maiores índices de confiança interpessoal: a soma da confiança alta e grupal chega a 86% desta população.
- No Leste a confiança grupal é particularmente forte. Na região de Gabu, por exemplo, nove de cada dez habitantes confiam muito nas pessoas que fazem parte da sua vida familiar e comunitária.
- O Norte e Sul tem níveis comparáveis de confiança. O Norte sobrepõe-se na confiança alta e Sul na confiança mais grupal.
- Bissau é a região do país com maior grau de desconfiança interpessoal. Um terço dos habitantes da capital tem pouca ou nula confiança em outras pessoas, e 13% têm alguma confiança social, mas pouca confiança no círculo privado e comunitário.

Entre os **grupos étnicos** do país, os Biafadas e Mandingas (35%), junto com as etnias menores (Outros, 29%) e Fulas (28%) se destacam por ter os níveis mais elevados de confiança interpessoal. Os Fulas (50%), Mandingas (46%), Outros (43%) e Balantas (41%), exibem altos índices de confiança média alta (grupal). Os maiores níveis de desconfiança interpessoal se dão entre os Bijagós (42%), Mancanhas (40%) e Papeis (31%).

A confiança interpessoal tem impacto em várias dimensões da vida social e política de Guiné-Bissau. Isto se percebe com mais clareza ao comparar as orientações de indivíduos com confiança alta e baixa. **Pessoas com maior confiança tendem a participar mais da vida cívica.** Os que têm pouca confiança têm um engajamento mais fraco.

Entre os **militantes partidários**, por exemplo, 88% apresentam um nível de confiança elevado: 45% têm alta confiança e 43% média alta, do tipo grupal. Neste país, o ativismo político é mediado por uma dose importante de segurança e proximidade nas relações interpessoais.

Para visualizar o impacto da confiança na participação cívica, oferecemos uma comparação entre aqueles que possuem uma confiança interpessoal alta e baixa.

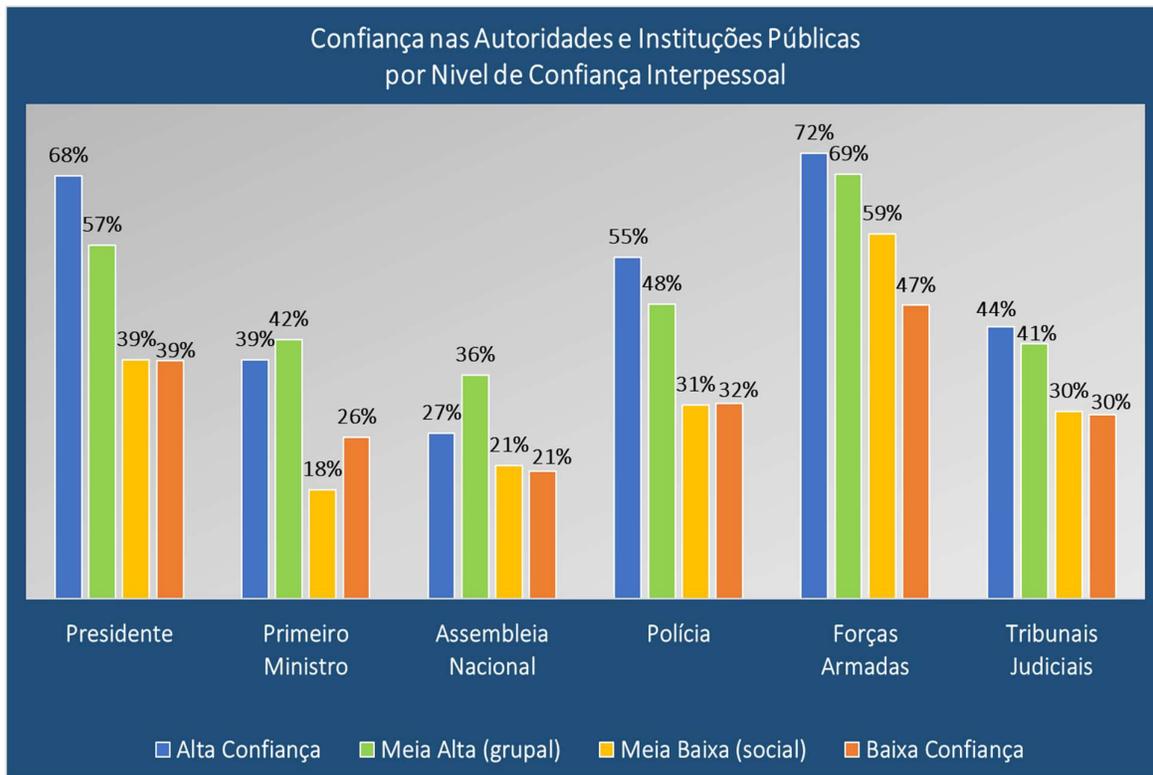


*Participação Cívica: Ações de Cidadania*  
Porcentagens sobre o total de cada nível de Participação Cívica.

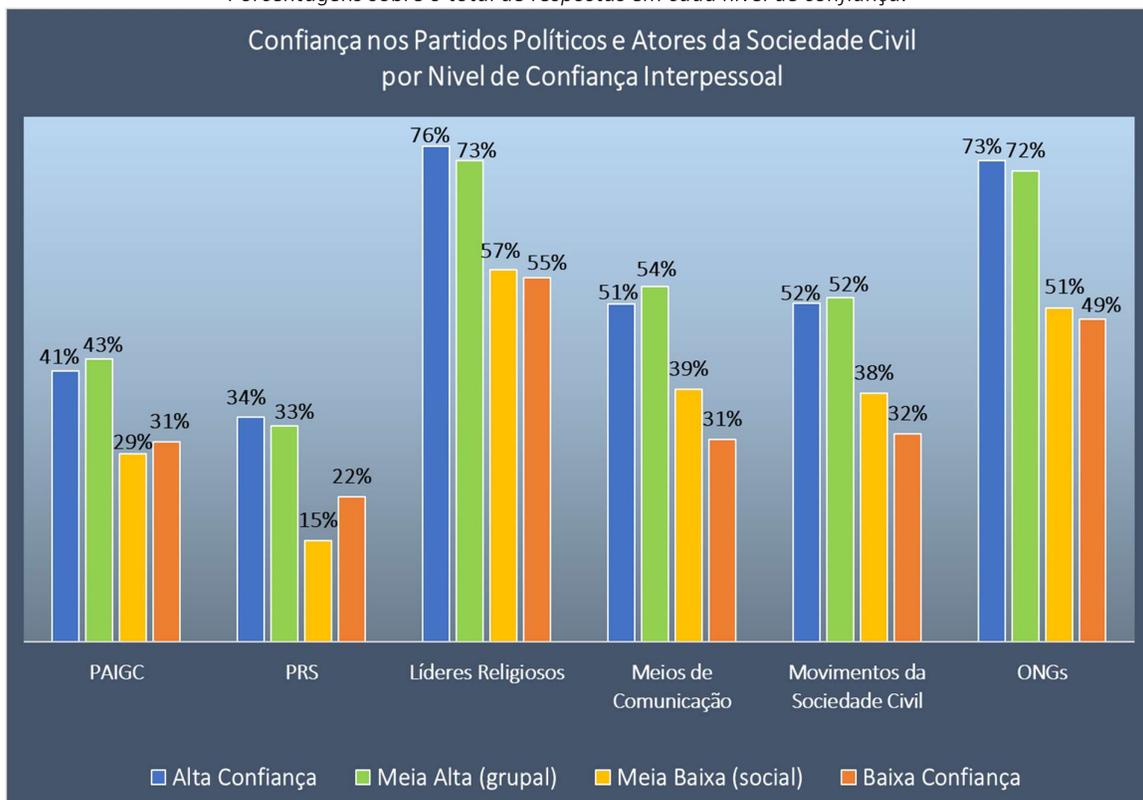
Como se pode apreciar no gráfico, quatro de cada dez pessoas com baixa confiança não tem nenhuma participação cívica. Por outro lado, quatro de cada dez pessoas com confiança alta tem uma participação cívica maior, quase o dobro daqueles com baixa confiança.

Os guineenses com alta confiança são mais de duas vezes propensos a reclamar seus direitos, se engajar em associações comunitárias e atuar nos partidos políticos, que aqueles de baixa confiança.

Ademais, **a confiança interpessoal incide no grau de confiança nas instituições e autoridades públicas**. Trata-se aqui de um efeito derrame (*spillover*, em inglês) entre o âmbito pessoal e institucional. Quem se fia com mais facilidade em outras pessoas tem maior probabilidade de acreditar nas autoridades e entidades do país: o presidente, primeiro-ministro, a Assembleia Nacional, os principais partidos políticos, as forças da ordem – polícia, militares e tribunais –, além de confiar nas lideranças religiosas, os meios de comunicação e as ONGs. Os dois quadros a seguir ilustram o efeito derrame com nitidez.

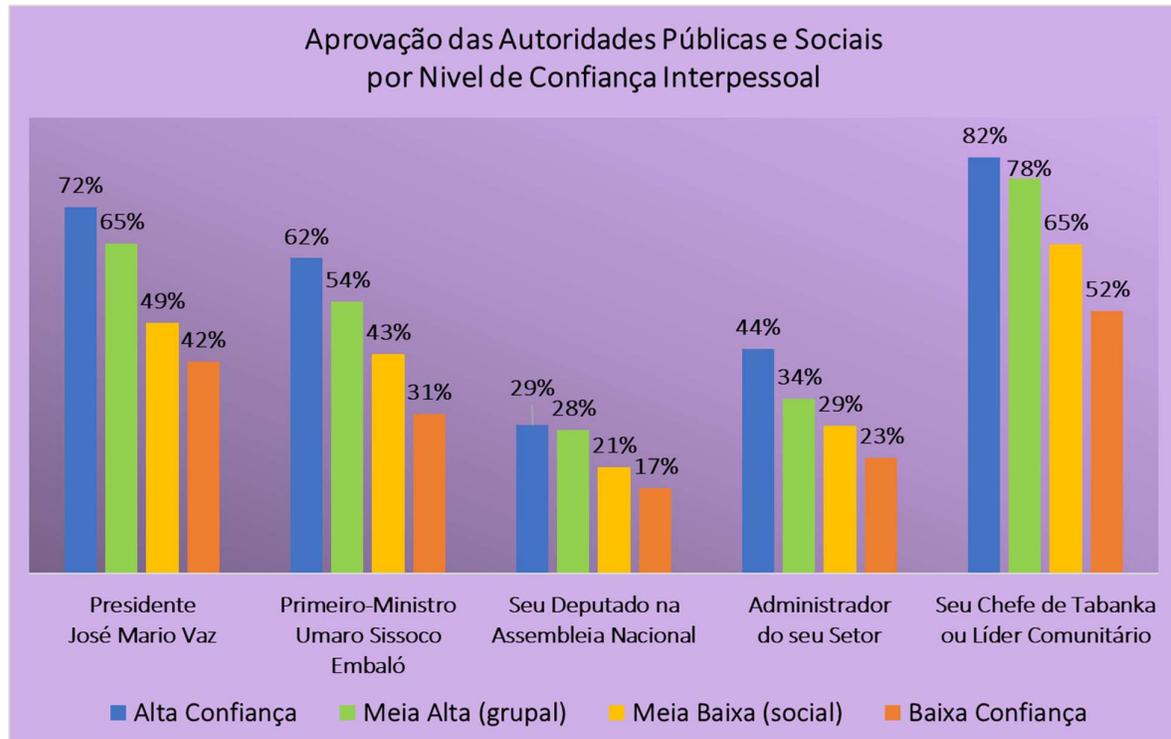


*Confiança nas Autoridades e Instituições Públicas: Confia Muito + Confia Mais ou Menos  
Porcentagens sobre o total de respostas em cada nível de confiança.*



*Confiança nos Partidos Políticos e Atores da Sociedade Civil: Confia Muito + Confia Mais ou Menos  
Porcentagens sobre o total de respostas em cada nível de confiança.*

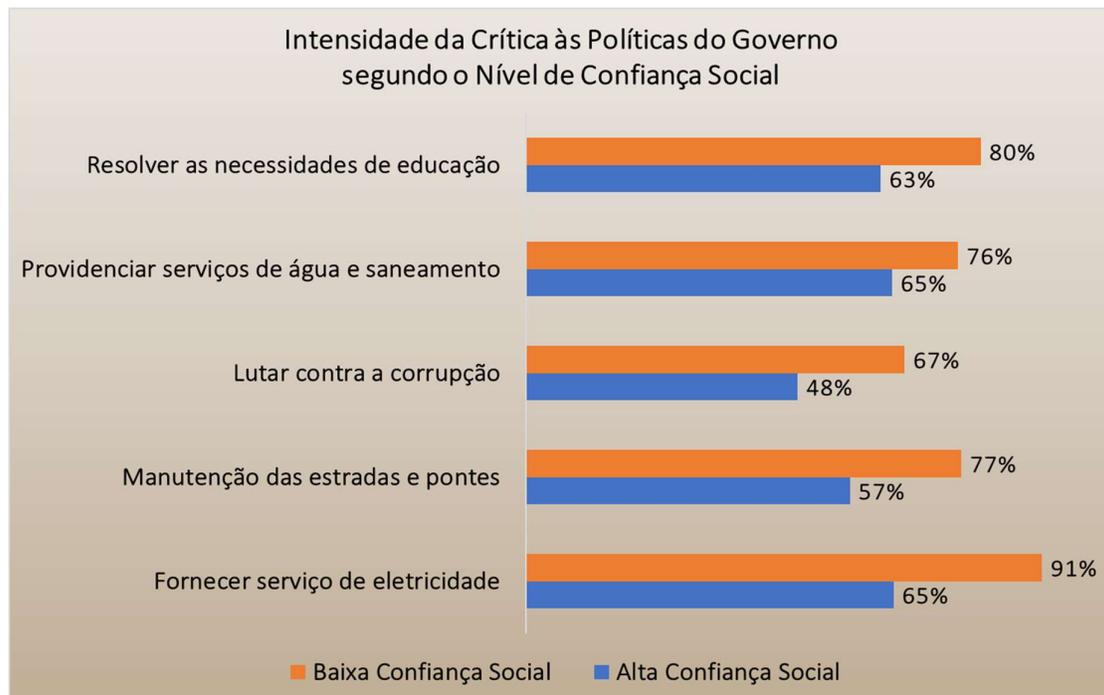
O efeito derrame também tem um impacto sobre o nível de aprovação das lideranças políticas e sociais do país. Indivíduos com maior confiança interpessoal são mais dispostos a concordar com a gestão destas autoridades. As pessoas mais desconfiadas, por outro lado, são mais propensas a ser críticos dos poderes constituídos, como se pode apreciar no seguinte gráfico.



*Aprovação das Autoridades Públicas e Sociais: Aprovo Fortemente + Aprovo  
Porcentagens sobre o total de respostas em cada nível de confiança.*

A exame minucioso da avaliação das políticas públicas do governo mostra que há uma relação entre o grau de confiança social – ou confiança geral – e a intensidade da crítica a gestão do governo. Em 2018, os guineenses tinham uma avaliação muito negativa da atuação do governo em questões que iam da administração da economia, a redução da pobreza à provisão de serviços públicos na área da saúde, educação pública e na provisão de água e eletricidade. Em todas estas questões, mais de quatro em cada cinco guineenses tinham uma opinião negativa da gestão do Estado.

Mas nesta apreciação há matizes e diferenças. O nível de confiança social afeta a percepção destas políticas públicas. O quadro seguinte apresenta um índice que mede a intensidade da crítica e a gestão destas políticas. Aqui, os valores mais altos indicam uma crítica mais intensa.



*Índice da Intensidade da Crítica às Políticas do Governo: Diferença entre os que acham que o governo está gerindo o assunto público mal (muito mal + mal) e os que pensam que está gerindo bem (muito bem + bem).*

O contraste entre os que têm confiança social alta e baixa é palpável. Embora ambas as faixas reprovem a gestão do governo, os que dispõem de pouca confiança social têm uma atitude muito mais crítica. Esta diferença sugere que entre os que possuem uma confiança social mais alta pode haver um elemento de ingenuidade política. O assunto merece ser explorado melhor. Tudo isto sugere que é importante considerar não só o grau de confiança presente na sociedade, como também a qualidade dessa confiança.

Outras revelações produzidas pela investigação são apresentadas a seguir de forma sintética:

- Não parece haver uma relação causal entre confiança interpessoal e adesão à democracia.
- Entre as pessoas de alta confiança há um apoio menor à igualdade social, incluindo a de gênero.

Há uma relação perceptível entre confiança interpessoal, engajamento religioso e risco de sectarismo:

- 66% das pessoas com alta confiança têm uma religiosidade mais alta, 20 pontos a mais que as pessoas com baixa confiança.
- O risco de sectarismo entre as pessoas com confiança alta e grupal envolve um de cada cinco pessoas.
- O risco de sectarismo entre pessoas com confiança mais baixa é três vezes maior e afeta a três de cada cinco pessoas.

Em conclusão, **as relações de confiança e a participação religiosa mitigam contra o risco de sectarismo na Guiné-Bissau.**

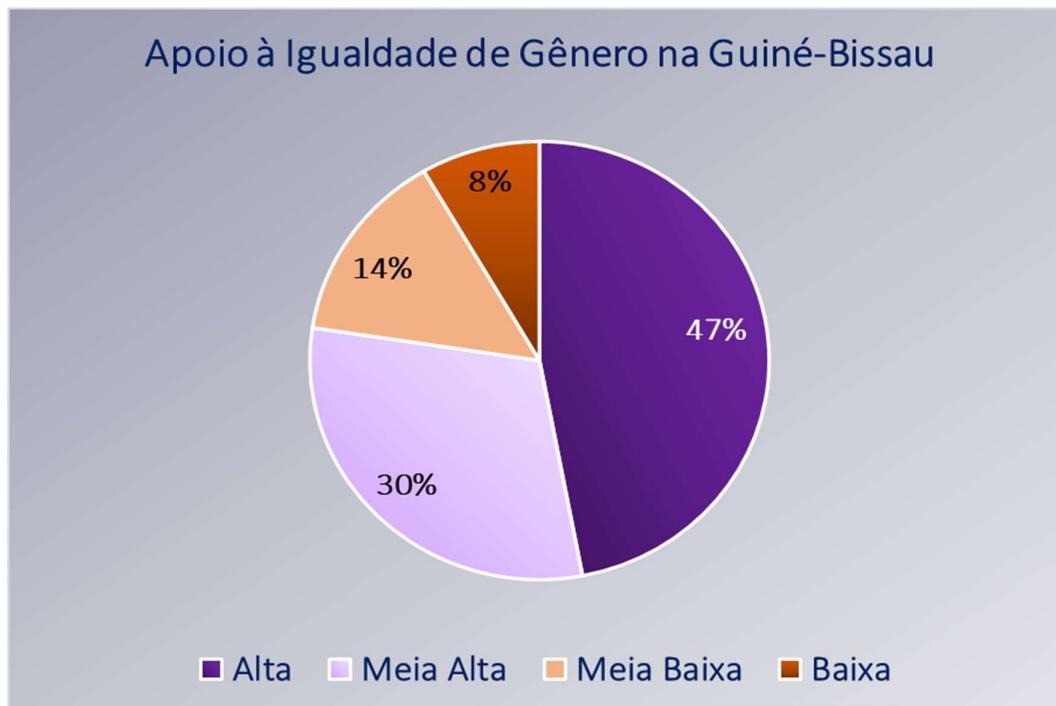
## Igualdade de Gênero

A igualdade de gênero é fundamental para o desenvolvimento democrático. Ela ampara-se na equidade de direitos, responsabilidades e oportunidades entre homens e mulheres. A promoção deste princípio tem facilitado a inclusão das mulheres na vida cívica do país e nos processos de governação. A maior participação feminina tem estimulado, por sua vez, a adoção de políticas públicas destinadas a reforçar esta dinâmica inclusiva e efetivar os direitos das mulheres.

Para avaliar o apoio à equidade de gênero na Guiné-Bissau elaborou-se um índice com base em três componentes, ligados ao apoio à igualdade de:

- oportunidades para a **eleição de mulheres a cargos públicos**.
- direitos a **possuir e herdar a terra**.
- **direitos e trato entre homens e mulheres**, desdenhando a sujeição delas às leis e costumes tradicionais.

Na Guiné-Bissau há uma ampla simpatia pelo princípio da igualdade na relação entre homens e mulheres. Quase metade da população (47%) apoia esta causa com muita força. Outro segmento, pouco menos de um terço dos guineenses (30%), respalda-a com uma intensidade menor. Esta orientação mais igualitária alcança 77% do povo. Com isto cria-se um ambiente propício para pôr em prática estes princípios e atenuar a resistência – discreta ou aberta – à mudança social em curso.



Tudo isto se dá num **contexto em que ainda prevalecem fortes inequidades** entre homens e mulheres. A modo de ilustração, na Guiné-Bissau:

- 62% das pessoas do estrato social mais pobre são mulheres.
- 54% das mulheres têm pouco ou nenhum acesso a meios modernos de comunicação, 14 pontos acima dos homens.
- Dois terços das pessoas sem instrução formal são mulheres.
- Sete de cada dez guineenses que vivem desligados da vida pública são mulheres.
- 61% das mulheres dialogam pouco ou nada sobre a política, comparado ao 43% dos homens.
- Entre os ativistas partidários, só uma de cada três militantes são mulheres.
- Na Assembleia Nacional Popular, a representação das mulheres é de apenas 14 deputadas (13,7%) de 102 parlamentares.

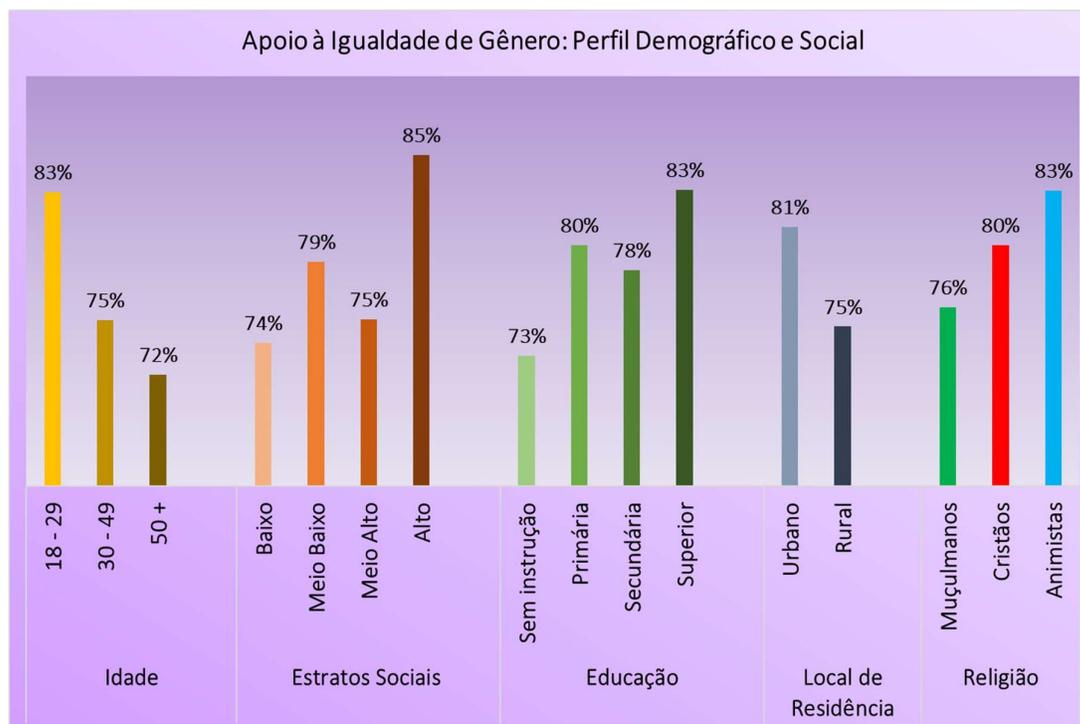
A luta por efetivar os princípios de igualdade de gênero enfrenta grandes obstáculos. Mas o apoio popular a este ideal é uma alavanca em favor da mudança social.

**As mulheres são as principais propulsoras da transformação** em curso:

- 85% das mulheres têm uma disposição igualitária, e 56% delas defendem a equidade entre homens e mulheres com muita força.
- Apenas 4% das mulheres sustentam uma visão patriarcal mais dura e fechada, bastante menos que os homens, onde esta orientação chega a 13% desta população.

Ainda assim, vale destacar que sete de cada dez homens na Guiné-Bissau são partidários da equidade de gênero, cifra que não deixa de ser uma proporção relevante. Quase a metade destes homens (37% do total) defendem a igualdade de direitos entre os sexos com forte convicção.

A amplitude do apoio a esta agenda igualitária tem o efeito de diminuir o impacto das variáveis demográficas que podem ajudar a explicar esta situação. No entanto, há algumas inflexões que merecem atenção. O quadro seguinte oferece uma síntese destas tendências, considerando as pessoas mais favoráveis ao princípio de justiça entre os sexos.



*Apoio à Igualdade de Gênero: Alto + Meio Alto  
Porcentagem sobre o total de cada segmento social.*

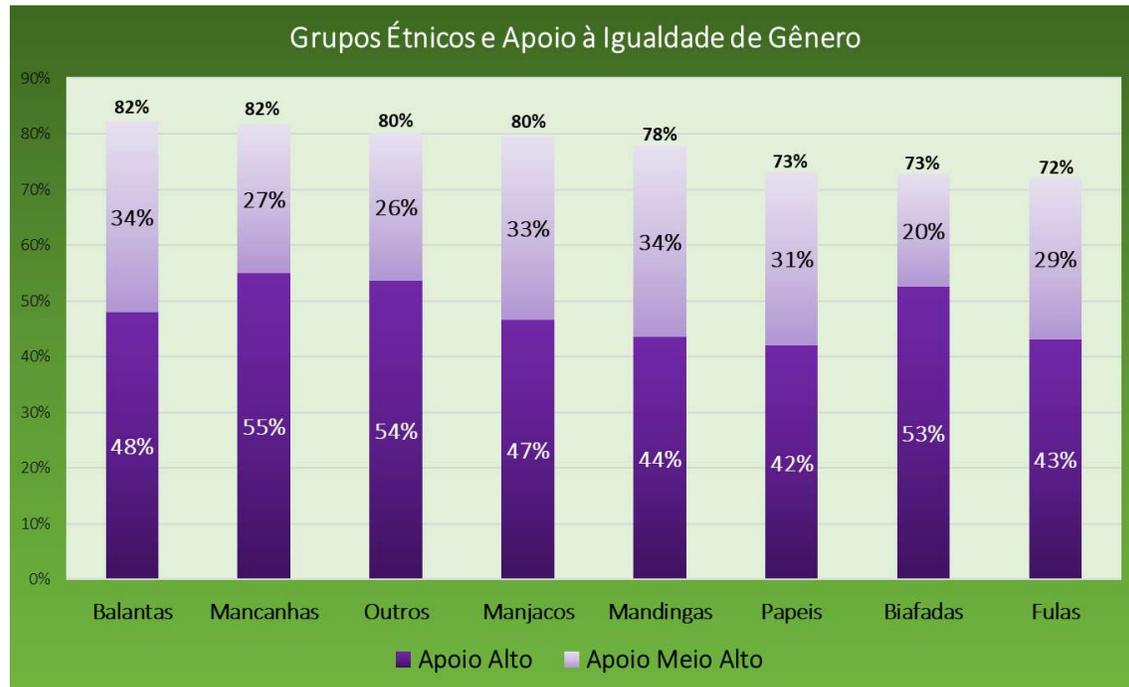
Há um claro **efeito geracional** no apoio à igualdade de gênero. Os jovens são mais propensos a respaldá-lo do que as pessoas mais velhas. Por outro lado, a adesão é maior entre as pessoas do estrato social alto e aquelas com educação superior. Contudo, o quadro acima revela que a correlação entre estratos sociais, experiências educativas, e a defesa da equidade entre homens e mulheres não é consistente.

A simpatia pela igualdade de gênero abarca todo o território nacional. Mas ela reflete um **acento mais urbano** que rural, ainda que a diferença entre eles seja bastante pequena. É por isso que este sentimento alcança níveis mais altos em Bissau (onde é partilhado por 81% da população). Contudo, a região do país com a disposição mais equitativa é Cacheu (83%). Em contraste, os índices de menor apoio encontram-se no Leste e Sul do país, particularmente em Gabu (71%) e Quinara (72%).

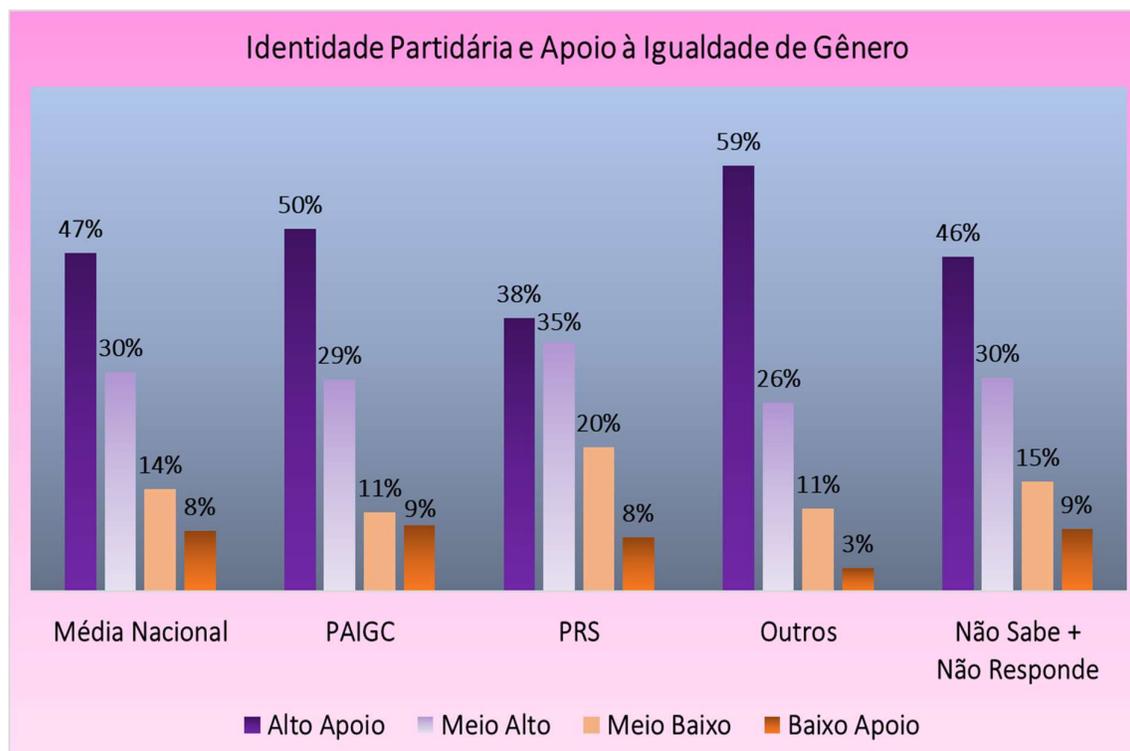
No **âmbito religioso** não há grandes contrastes. A disposição maior em favor da equidade de gênero encontra-se entre os animistas, e a menor na comunidade muçulmana. No grupo mais refratário a esta mudança social (8% da população nacional), seis de cada dez pessoas são muçulmanos. Na comunidade cristã, os católicos e evangélicos exibem uma orientação mais igualitária do que os que apenas se identificam com cristão.

Entre os principais **grupos étnicos** da Guiné-Bissau tampouco há variações significativas quanto ao apoio à igualdade de gênero. Os mais equitativos são os Balantas e Mancanhas, os últimos exibem uma intensidade maior nesta adesão. A seguir estão os Manjacos e a somatória de uma constelação de grupos menores, entre eles, os Bijagós, Djolas, Mansoancas, Saracoulés, Nalus, Cabo Verdianos e aqueles que se identificam apenas como Guineenses. A etnia com maior resistência à equidade de direitos entre homens e mulheres são os Fulas, grupo que inclui uma

elevada população rural, com poucas oportunidades de estudo. Contudo, nesta comunidade o respaldo à posição mais igualitária é só cinco pontos abaixo da média nacional.



Em 2018, os dois principais **partidos políticos** da Guiné-Bissau eram o PAIGC e o PRS, que colhiam juntos a simpatia de 92% das pessoas com alguma identidade partidária. Entre eles havia algumas diferenças de apreciação quanto ao princípio da igualdade de gênero. O PAIGC tinha uma ala majoritária com uma forte posição em favor da equidade. Mas entre os aderentes do PRS, a intensidade do apoio era menor. Guardando as proporcionais distintas na adesão às forças políticas do país, percebeu-se que o respaldo mais alto à orientação igualitária se deu na somatória de um conjunto de forças políticas menores, que inclui o Grupo dos 15, movimento dissidente do PAIGC que em 2018 tinha 3% de aprovação, e logo constituiria o partido MADEM.



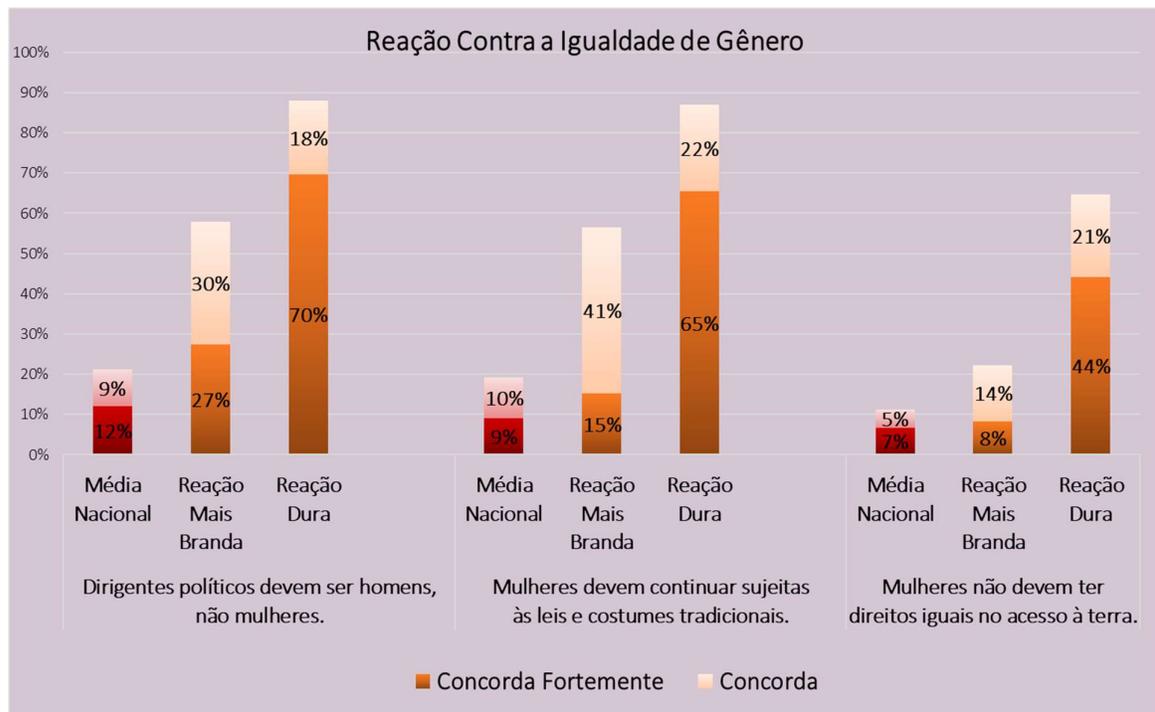
*Em 2018, o PAIGC representava 43% do eleitorado, o PRS 21%, outros partidos e movimentos (incluindo o G-15) 5%. As pessoas sem identidade partidária constituíam 32% dos votantes. Porcentagens sobre o total de cada agrupação ou opção política.*

O **segmento mais refratário à igualdade de gênero** abarca 8% da população. Ele tende a ser mais velho e masculino: três de cada quatro pessoas conservadoras são homens. A maior parte deste grupo (68%) se informa através de conversações com familiares, amigos e vizinhos. Mas é uma população bastante politizada. A metade discute temas políticos com frequência, um terço atua num partido político, e uma parte expressiva (44%) participa com regularidade nas campanhas eleitorais.

Entre os militantes partidários, um de cada oito partilha de uma visão fortemente contrária à paridade de direitos entre homens e mulheres. No entanto, a metade dos militantes tem uma percepção altamente positiva deste princípio.

Os reacionários exibem um apreço maior pelas forças da ordem – polícia, militares, tribunais, as autoridades religiosas e conselhos de anciãos. São, usualmente, menos críticos da atuação do governo. De igual forma, exibem uma tendência a confiar mais no que está constituído, e desconfiar das alternativas em construção.

O acesso das mulheres aos cargos públicos é a questão que provoca a maior resistência entre os adeptos ao patriarcado, como revela o quadro seguinte. A rejeição das normas igualitárias que liberam as mulheres da sujeição às leis e costumes tradicionais, segue, em segundo lugar, no foco da contrariedade. O assunto que provoca menor apreensão entre os reacionários é o direito igual a possuir e herdar a terra.

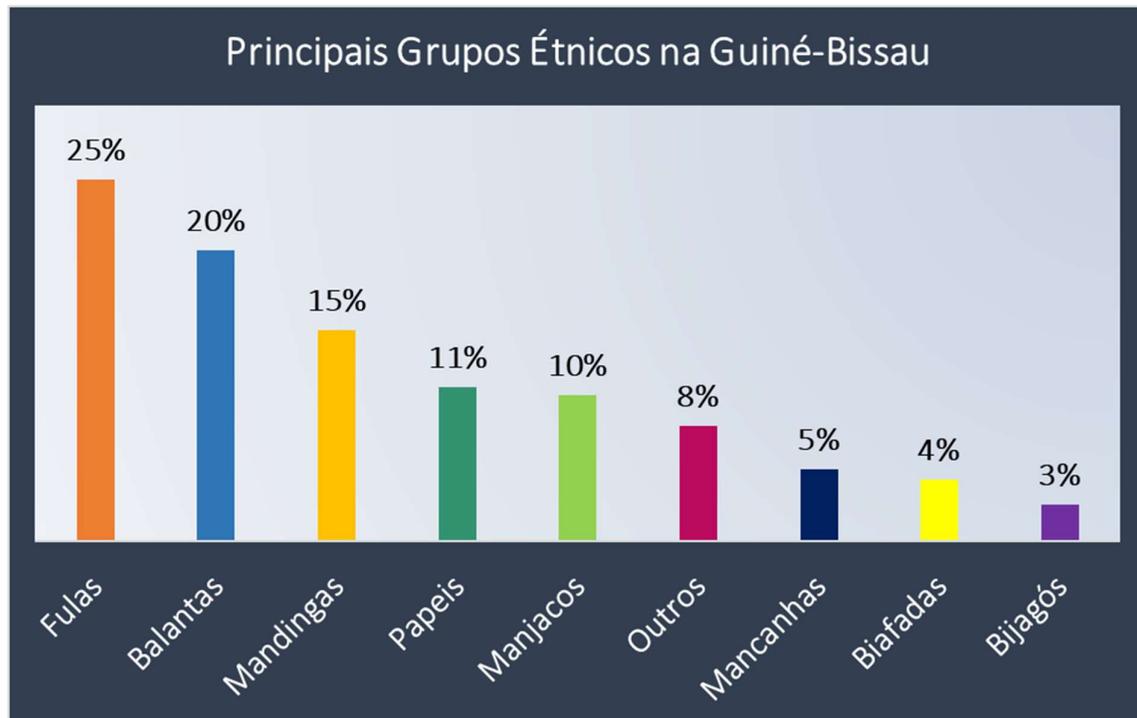


*Média Nacional: igualdade de gênero baixo (obscuro) e meio baixo (claro). Porcentagem sobre o total nacional.  
 Reação Mais Branda: apoio meio baixo à igualdade de gênero. Porcentagem sobre o total meio baixo.  
 Reação Dura: baixo apoio à igualdade de gênero. Porcentagem sobre o total baixo.*

Há pouca variação entre os mais igualitários e os patriarcais quanto ao nível de adesão e engajamento religioso. Mas entre os últimos há uma confiança interpessoal mais alta e uma tolerância social maior, sobretudo com relação à presença de estrangeiros. À diferença de outros países, a oposição à igualdade de gênero na Guiné-Bissau não conduz à intolerância étnica, religiosa ou aos imigrantes - nem se nutre dela.

## Grupos Étnicos

A Guiné-Bissau é um país pequeno com uma grande diversidade étnica. Neste território habitam não menos de 26 grupos étnicos distintos. Entre eles, há oito grupos principais que compreendem 92% da população. O resto inclui uma constelação de etnias menores. A distribuição dos grupos maiores, segundo os resultados da sondagem, é a seguinte:



*Há uma ligeira variação entre estas cifras e os valores do Anexo F, onde foram excluídas as respostas indeterminadas (não sabe + não responde) para as variáveis cruzadas com os indicadores étnicos.*

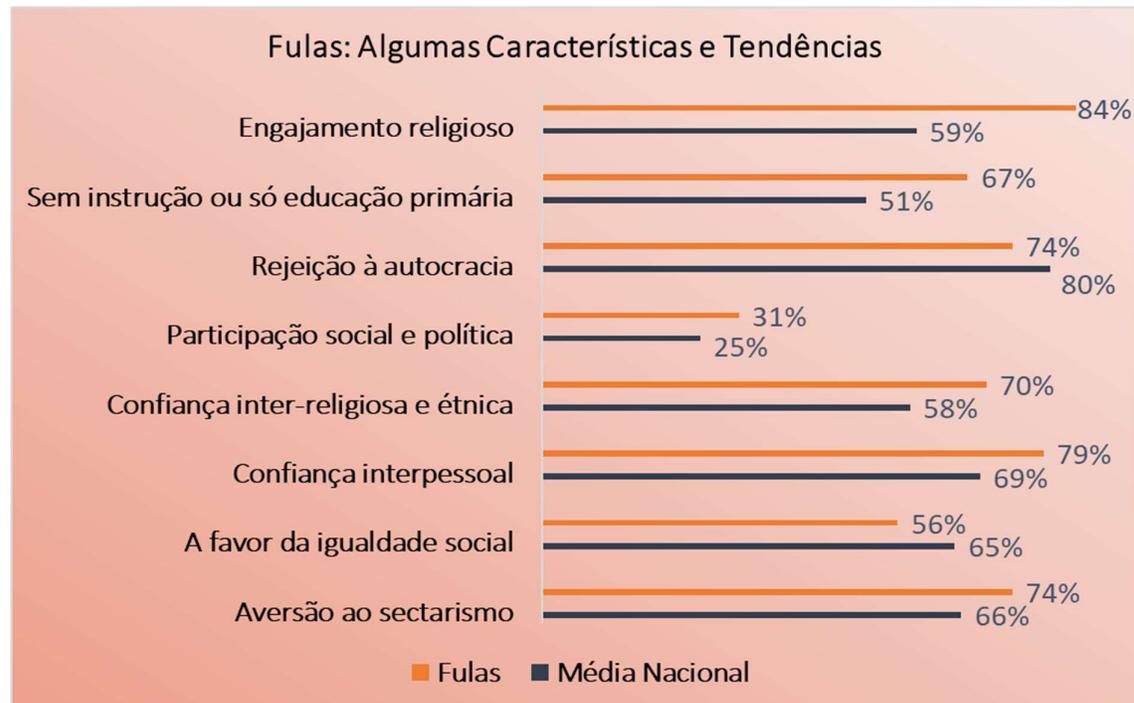
A pesquisa baseada em dados étnicos permite retratar algumas tendências, características e predisposições nestas parciais. Há muitos pontos em comum entre as etnias, mas também há disparidades. Os dados apresentados aqui sublinham as diferenças, antes que as similitudes. Contudo, é importante destacar que estas brechas, no geral, não são extremas. Elas constituem, antes que nada, acentos e matizes diferenciados.

Os grupos étnicos na Guiné-Bissau não são homogêneos. Ao ressaltar suas experiências e atitudes salientes, precisamos lembrar que há variações consideráveis dentro de cada etnia, quanto às situações de vida dos seus integrantes, suas percepções sociais e opiniões políticas. Os acentos, refletem, portanto, tendências expressivas dentro do grupo, mas não reproduzem a visão do seu conjunto.

É com estas ressalvas que podemos oferecer as seguintes observações sobre os sete principais grupos étnicos da Guiné-Bissau.

## Fulas

Os Fula são o maior grupo étnico do país. Dois terços falam a sua própria língua em casa. Uma proporção similar mora no campo, principalmente na região Leste do país: Bafatá (36%) e Gabu (32%). Relativamente ao seu tamanho populacional, este é o grupo com a menor presença em Bissau. Só 14% dos Fulas moram na capital do país.



Os Fulas são um povo de forte sentimento religioso e essencialmente muçulmano (94%). Ainda assim, há uma pequena minoria que se identifica como cristãos (5%), principalmente católicos. Muitos Fulas não tiveram acesso à instrução formal (39%) e só um terço fez algum estudo além da escola primária. Esta é uma das etnias com menor oportunidade educativa no país.

A adesão à democracia neste grupo chega a 60% (só 2 pontos abaixo da média nacional).<sup>2</sup> Contudo, um quarto desta população teria certa afinidade com fórmulas autoritárias de governo.

Entre os Fulas, há uma vontade maior de participar da vida associativa e partidária do país, e de fazer reclamações ao governo (28%, 7 pontos acima da média nacional).

A elevada confiança inter-religiosa e étnica, e a percepção de morar num círculo mais seguro, eleva o nível de coexistência social dos Fulas a 59% (8 pontos acima da média).

Na comunidade Fula, quatro de cada cinco pessoas goza da confiança interpessoal. Isto é sustentado, em parte, pela alta confiança grupal de 78% (9 pontos acima da média).

<sup>2</sup> Adesão ou apoio à democracia: Alta adesão + Adesão meia alta.

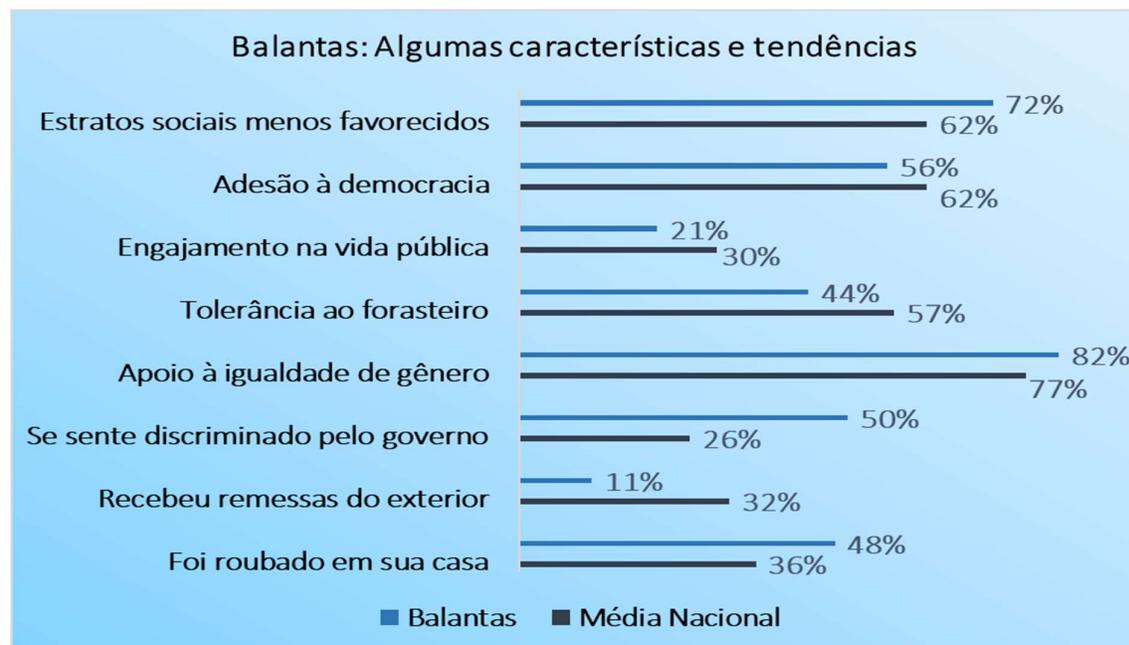
Mas a disposição à igualdade social neste grupo é a menor do país. Entre os Fulas, 28% têm uma orientação mais patriarcal (5 pontos acima da média), portanto, mais relutante à igualdade de gênero. Também há no meio desta população um apoio menor à igualdade no trato social (47%, 10 pontos abaixo da média). Isto dá-se pelo maior valor atribuído à acumulação da riqueza em detrimento do valor da equidade, e, em especial, à maior sintonia com a ideia de os líderes terem a obrigação de ajudar a seus familiares e ao grupo.

Ainda assim, os Fulas são uma das etnias mais ecuménicas da Guiné-Bissau. Nesta população, só 6% apresentam algum risco de sectarismo religioso - no índice que exclui a variável de preconceito sexual -, enquanto 77% exibem uma disposição à tolerância religiosa (24 pontos acima da média nacional).<sup>3</sup> Entre os Fulas, por cada indivíduo com risco de sectarismo religioso, há 13 pessoas favoráveis ao ecumenismo religioso.

### Balantas

Os Balantas são o segundo grupo étnico mais numeroso de Guiné-Bissau. A maioria (54%) fala sua língua autóctone no lar. Quase dois terços moram nas áreas rurais, sobretudo no Norte do país: Oio (31%) e Cacheu (19%). Mais de um quarto dos Balantas reside na capital, Bissau.

Esta população é de uma religiosidade heterogênea: 70% são cristãos, de várias igrejas, 18% são animistas, 3% muçulmanos e 3% ateus. Entre os cristãos, 16% são evangélicos e 12% católicos. Os Balanta representam mais da metade (54%) de todos os evangélicos do país. Mesmo assim, o engajamento religioso dos Balantas é um dos mais baixos do país: 69% têm pouca ou nenhuma convivência religiosa, muito acima da média nacional (41%).



<sup>3</sup> No índice que inclui a variável de preconceito sexual, o risco de sectarismo religioso equivale ao 19% da população Fula (4 pontos acima da média nacional).

Juntamente com os Bijagós, os Balantas são um dos grupos étnicos mais pobres do país. Esta situação é agravada pela menor chance de receber remessas do exterior. Contudo, entre os Balantas o acesso à educação é melhor que em outros grupos, como os Fulas, Biafadas e Mandingas.

A adesão à democracia é um pouco inferior à média, devido, em boa parte, à rejeição menos intensa de regimes autoritários. Um quinto dos Balantas, mais que qualquer outro grupo, simpatiza com a ideia de ter um governo militar.

O engajamento na vida pública é menor que nas outras etnias, salvo os Bijagós: 36% dos Balantas vivem praticamente desligados do âmbito público. No geral, há pouco contacto com as autoridades e acesso precário às notícias: três de cada quatro Balantas recebe pouca ou nenhuma informação sobre os acontecimentos no país. Este problema se explica, em parte, pela menor disponibilidade de meios modernos de comunicação: um terço dos Balantas não possui uma rádio, três quartos não dispõem de uma televisão, e 76% nunca utilizou a internet (8 pontos acima da média nacional).

Os Balanta exibem uma tolerância média em temas religiosos, étnicos e sexuais; mas uma tolerância menor com os estrangeiros. Nesta população, a tolerância tem um cunho mais cultural que religioso.

Esta é a etnia guineense com o etos igualitário mais forte, incluindo o apoio à igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Por outro lado, metade dos Balantas consideram que o seu grupo é discriminado pelo governo. Um terço diz que o problema acontece com bastante frequência, acima da média nacional (26%). Outro reclamo recorrente nesta etnia tem a ver com a falta de segurança pública.

### **Mandingas**

Os Mandingas são o terceiro grupo étnico em termos de população. A maioria (58%) fala sua língua em casa. Mais da metade (54%) mora no campo, maiormente na região Norte (41%), em Oio, e na região Leste (25%), principalmente em Gabu. No entanto, 28% residem em Bissau.



Entre os guineenses, este grupo exibe os níveis mais altos de religiosidade. Nesta etnia, 97% são muçulmanos e só 2% cristãos.

Os Mandingas são o terceiro grupo mais próspero do país, depois dos Mancanhas e Biafadas. Entre eles, há mais pessoas que tem acesso a meios modernos de comunicação e dispõem de uma estrutura residencial mais moderna.

A adesão à democracia neste grupo segue o padrão nacional, mas é 5 pontos mais intensa na rejeição à autocracia.

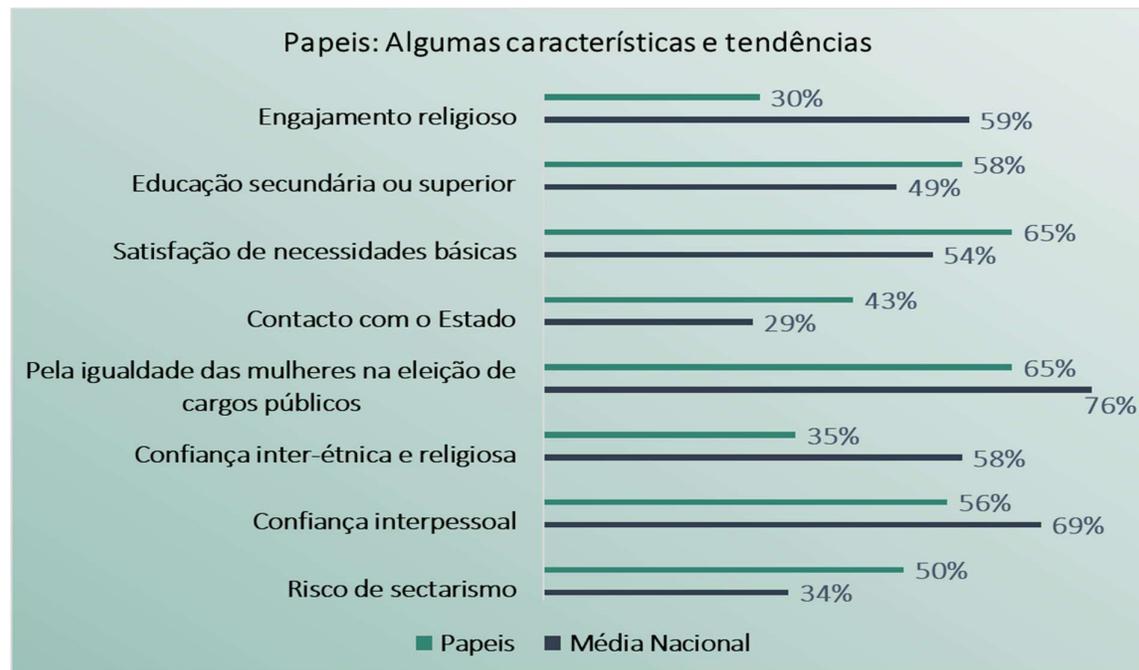
Os Mandingas apresentam os níveis mais altos de engajamento na vida pública, comparados a outros grupos. Isto dá-se principalmente pela participação mais intensa na vida associativa e partidárias (37%, 12 pontos acima da média nacional) e pela forte atuação nas campanhas eleitorais. A maioria desta população dialoga com frequência sobre a política (54%, sobre 47%). E mais, entre os Mandingas há um segmento com boa interlocução com as autoridades públicas (14%, 5 pontos acima da média).

Esta etnia também se destaca pela capacidade de coexistência social. Os Mandigas apresentam os índices mais altos de tolerância inter-religiosa e étnica, e de solidariedade com os estrangeiros. E exibem níveis mais elevados de confiança interpessoal: quatro de cada cinco Mandingas tem alta confiança (12 pontos acima da média nacional, 69%). A forte disposição à tolerância religiosa, explica o fato de nove de cada dez Mandingas terem uma aversão ao sectarismo.

## Papeis

A maior parte dos Papeis (57%) fala Crioulo no lar e vivem em áreas urbanas (55%). Esta etnia reside basicamente em duas regiões vizinhas do país: Biombo (50%) e Bissau (43%).

Os Papeis são maioritariamente cristãos (69%), mas também animistas (13%). Comparados a outros grupos, exibem um menor grau de religiosidade: 70% têm pouco ou nenhum engajamento religioso.



A urbanidade tem facilitado o acesso à educação entre os Papeis: 10% têm estudo superior e quase metade algum estudo secundário. A melhor educação, porém, não tem ampliado a posição social dos Papeis em termos de obtenção de bens materiais, salvo na melhor satisfação de necessidades básicas, incluindo o acesso à alimentação, água e cuidado médico.

Em assuntos ligados a adesão à democracia e ao engajamento na vida pública, a situação dos Papeis fica perto da média nacional. A única exceção notável é o maior contacto com os agentes do Estado, nos setores de educação, saúde, polícia e outros.

Há no entanto vários sinais de dificuldade no âmbito da coexistência social. Entre os Papeis, há um número expressivo de pessoas com pouca confiança nas pessoas de outra religião ou etnia, e mais intolerância em relação aos estrangeiros (53%, 11 pontos acima da média nacional).

A confiança interpessoal neste grupo é inferior ao padrão nacional. Quase um terço dos Papeis tem baixa confiança. Há também elementos de uma menor predisposição à igualdade social (57%, 8 pontos abaixo da média). Isto inclui um apoio menor à participação das mulheres em cargos públicos.

Os Papeis e os Bijagós exibem o maior risco ao sectarismo entre as etnias guineenses. Um quarto dos Papeis vem-se afetados por este risco.<sup>4</sup> Aqui os Papeis sofrem a desvantagem de apresentar um maior nível de desconfiança e intolerância inter-religiosa. A desconfiança religiosa entre os Papeis é de 61% (21 pontos acima da média nacional). Somado a isto, esta comunidade tem mais pessoas com uma orientação patriarcal (27%, sobre a média de 23%).

## Manjacos

A maior parte (52%) dos Manjacos fala sua própria língua no lar. Nisto incide o fato de a maioria (58%) deles morar em comunidades rurais, essencialmente em Cacheu (58%), ainda que 30% habitam em Bissau.



No âmbito religioso, 75% dos Manjacos são cristãos, 16% animistas e 3% muçulmanos. Os Manjacos são o grupo étnico mais numeroso entre os adeptos da Igreja Católica. Quase um quarto (23%) deles são católicos. O nível de engajamento religioso, no entanto, é substancialmente menor que outros grupos.

A comunidade dos Manjacos apresenta níveis mais altos de educação: 59% fizeram algum estudo secundário e 19% tiveram alguma educação superior. Esta vantagem, não obstante, não parece ter afetado muito a posição desta etnia em termos de estratos sociais, onde permanece próximo ao padrão nacional.

<sup>4</sup> No índice que inclui o preconceito aos homossexuais, o risco de sectarismo entre os Papeis é de 25% (8 pontos acima da média nacional). Mas ao incluir este preconceito sexual, o risco de sectarismo alcança a metade da população.

A adesão à democracia entre os Manjaco é inferior a todos os outros grupos étnicos, com a exceção dos Balantas. Há aqui um ceticismo maior com relação à liberdade de escolha política, atitude que afeta a 57% dos Manjacos, (12 pontos acima da média nacional). Contudo, 72% desta parcialidade mostra uma exigência maior quanto a responsabilização dos governantes (6 pontos acima da média).

O engajamento na vida pública (25%) é um tanto ao quanto inferior ao padrão nacional (30%). Além de ter pouco contato com as autoridades públicas (4%), há uma disposição menor a fazer reclamações ao governo (15%, 6 pontos abaixo da média). Os Manjacos têm pouca atuação partidária, a menor entre os principais grupos étnicos. Eles exibem, porém, uma maior vontade de dialogar sobre a política (58%, sobre 47%).

A tolerância social nesta comunidade é mais elevada (71%, 6 pontos acima da média). No entanto, a tolerância com pessoas de outra religião é 5 pontos menor ao total nacional (78%). Para muitos Manjacos, a tolerância teria uma matriz um tanto ao quanto mais cultural que religiosa. Outros aspectos de convivência social, incluindo o apoio à igualdade social, não apresentam diferenças notáveis em relação à situação nacional.

Entre as principais etnias guineenses, os Manjacos são o grupo que exterioriza a maior vontade de emigrar. Talvez não seja por coincidência, então, que este seja o grupo que mais estima a colaboração da União Europeia com o país (50% sobre a média nacional de 38%).

Os Manjacos são a etnia que exprime a maior consternação pela deterioração ambiental, ainda que este seja um sentimento generalizado na Guiné-Bissau.

### **Mancanhas**

Os Mancanhas são fortemente urbanos: 84% moram na capital e noutras localidades dispersas pelo país. Dois terços (67%) reside em Bissau. Só 8% desta comunidade fala Mancanha em casa; 84% preferem falar crioulo.

Este é grupo com a maior adesão ao cristianismo: 87% identificam-se como cristão e, entre estes, 43% se considera católico. Ainda assim, 8% são animistas e 4% muçulmanos. O engajamento religioso entre os Mancanhas (42%) é menos intenso que o padrão nacional (59%).



Os Mancanhas são o grupo étnico com os maiores índices de educação: 37% fizeram algum estudo superior, muito acima da média nacional (12%), e 47% fizeram alguma educação a nível secundário.

Além do alto status educativo, este é o grupo que, em proporção ao seu tamanho, ocupa os estratos mais privilegiados da sociedade guineense: 49% dispõem de um poder aquisitivo mais alto (sobre a média nacional de 32%), 54% uma estrutura residencial mais moderna (sobre 32%), e 71% melhor acesso aos meios modernos de comunicação (sobre 53%).

A adesão à democracia é similar ao padrão nacional, mas com certas contradições. Há, por um lado, uma forte defesa da liberdade de expressão e associação. Mas, por outro lado, nota-se um certo descrédito quanto ao valor da liberdade de escolha política (53%, sobre 45%). Isto leva a uma menor apreciação pela democracia. Um quarto dos Mancanhas (24%) é indiferente à democracia ou prefere um governo não democrático, bem acima da média nacional (15%).

O maior engajamento na vida pública é fruto, principalmente, do alto contacto com o Estado (45%, 16 pontos acima da média nacional) e da forte disposição à deliberação pública. Os Mancanhas acompanham com mais intensidade as notícias e conversam mais sobre a política (59%, sobre 47%). Ainda assim, a participação de pessoas desta etnia na vida associativa e partidária é menor que a maioria dos outros grupos (14%, sobre 25%).

Os Mancanhas sentem uma maior apreensão pelos rumos do país e o risco à paz. A urbanidade desta etnia explica a maior tolerância em questões sexuais (27%, sobre 17%), incluindo a homossexualidade (33%, 10 pontos acima da média).

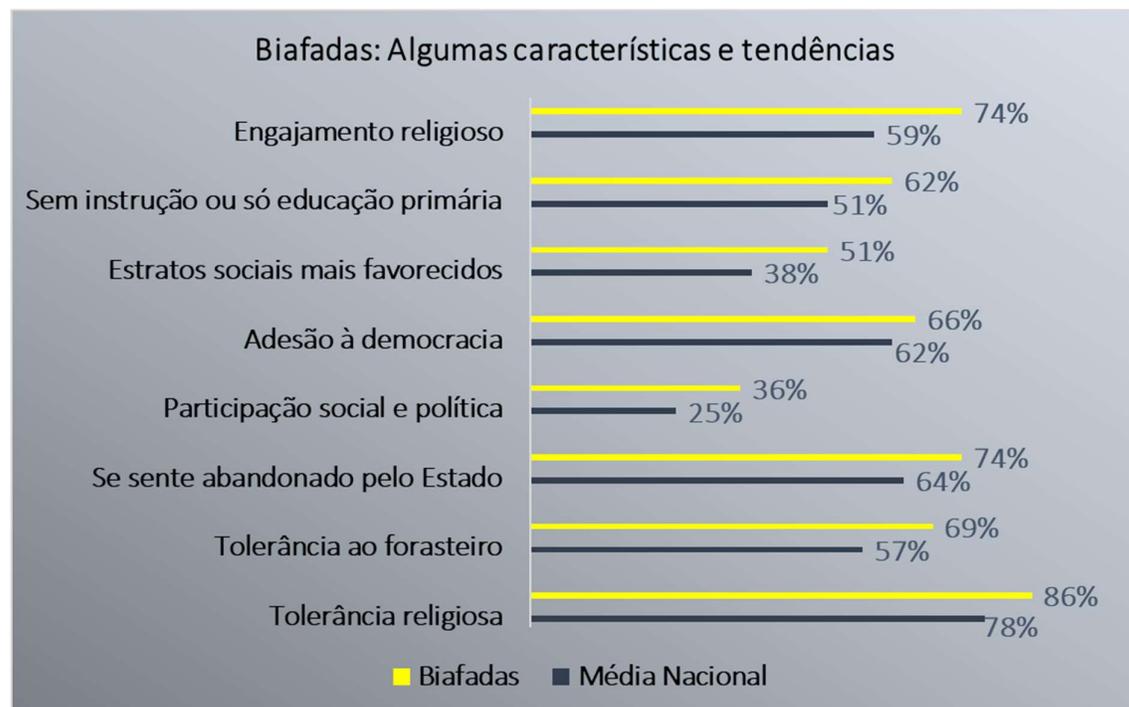
Depois dos Bijagós, entre os Mancanhas a confiança interpessoal é a mais baixa do país: 40% têm baixa confiança (17 pontos acima do total nacional). Todavia, essa situação não impede

uma orientação mais favorável à igualdade social: 82% dos Mancanhas apoiam a igualdade de gênero.

### Biafadas

A maioria (55%) dos Biafadas habita no campo, especialmente nas regiões de Quinara (34%) e Oio (17%). Mesmo assim, mais de um terço (35%) reside em Bissau. No lar, 40% dos Biafada fala sua língua autóctone, 10% Balanta, e 44% crioulo.

Entre os Biafada, 86% são muçulmanos, 7% cristãos e 5% animistas. O engajamento religioso desta etnia é mais intenso; quase ao par dos Mandingas e Fulas.



A escolarização nesta comunidade é baixa. Mas as suas condições de vida são relativamente melhores a outros grupos étnicos. Isto deve-se ao fato de 46% dos Biafadas ter uma melhor estrutura residencial (14 pontos acima da média nacional), e maior acesso aos meios modernos de comunicação, como o telemóvel, a televisão e internet. Quase dois terços (63%) dos Biafadas fazem um uso frequente destes instrumentos de comunicação (10 pontos acima da média).

Dois terços dos Biafadas manifestam uma adesão mais alta à democracia, a segunda melhor posição entre as etnias guineenses, depois do caso excepcional dos Bijagós, que chega a 93% de adesão.

O nível de engajamento público é comparável à média nacional. Contudo, há uma participação social e política mais alta, e um acesso maior às notícias sobre o país (46%, sobre 33%).

Os Biafadas, juntamente com os Mandingas, exibem os maiores níveis de tolerância inter-religiosa e étnica, e de simpatia com os imigrantes. Entre os Biafadas, 83% mostram um ecumenismo religioso e étnico mais alto (7 pontos acima da média nacional).

Todavia, há neste grupo uma maior disposição ao uso da violência: 36% aceitariam utilizá-la em algumas circunstâncias, comparado com o total nacional de 25%. Ligado a isto, 43% das pessoas nesta etnia experimentam uma preocupação por atos de agressão e violência no círculo pessoal (superior à média de 36%).

A confiança interpessoal nesta comunidade segue o padrão nacional. Entre os Biafadas, há uma preferência maior pela igualdade no trato social (61%, sobre 57%) do que pela igualdade de gênero (73%, sobre 77%). Cabe, ainda assim, anotar que três de cada quatro Biafadas defende a igualdade de oportunidade entre homens e mulheres.

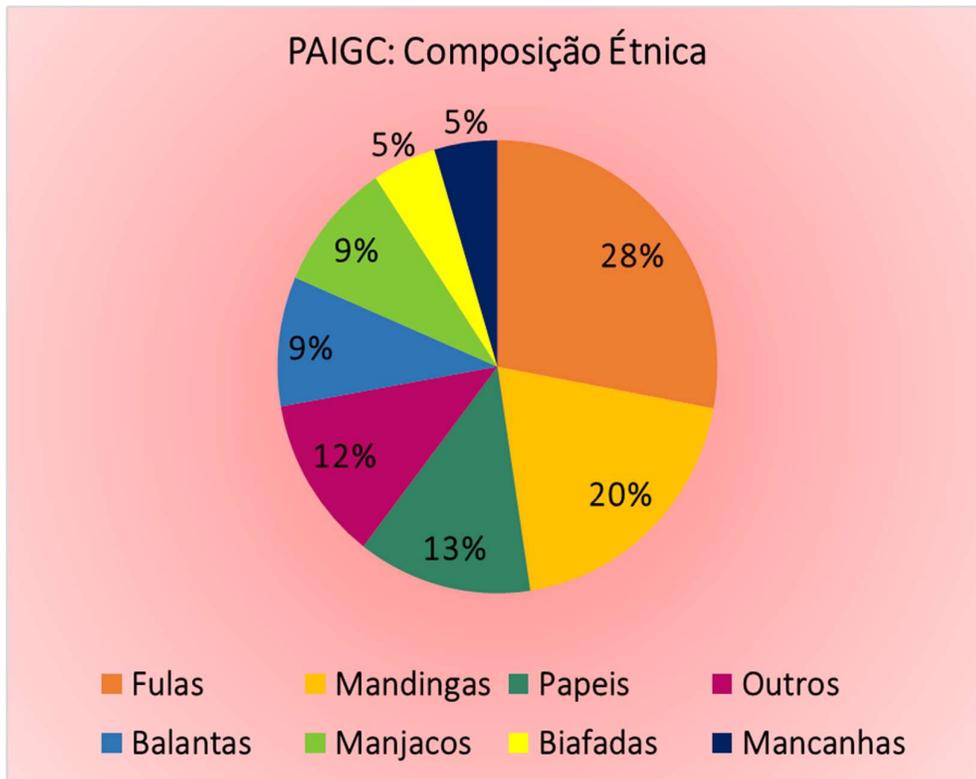
Os Biafadas, Fulas e Mandingas são as etnias com maior aversão ao sectarismo, e uma forte predisposição à tolerância religiosa.

### **O Elemento Étnico na Política Guineense**

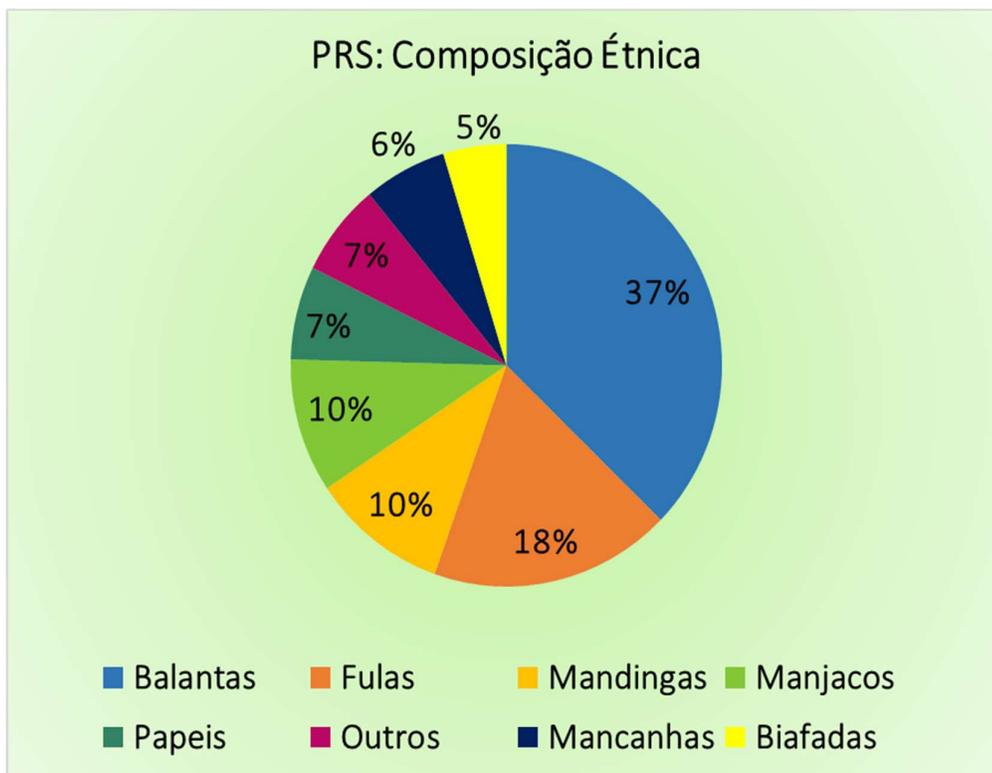
A pesquisa Vozes do Povo permite analisar vários aspectos do comportamento político do povo guineense. Uma delas é a relação entre identidade étnica e orientação partidária. Na Guiné-Bissau, sete de cada dez pessoas tem afinidade com algum partido.

Em 2018, as duas forças principais da política guineense eram o PAIGC e o PRS, que juntos recolhiam a simpatia de 63% da população. O PAIGC tinha a adesão de 42% do povo e o PRS 21%, a metade. O resto apoiava partidos menores, incluindo um movimento dissidente do PAIGC, o Grupo dos 15, (com 3% de apoio), que constituir-se-ia num novo partido em 2019, o MADEM G15.

A composição dos dois partidos principais – PAIGC e PRS - reflete o mosaico étnico da sociedade guineense, como ressaltam os seguintes gráficos.



Porcentagem sobre o total de aderentes do PAIGC.



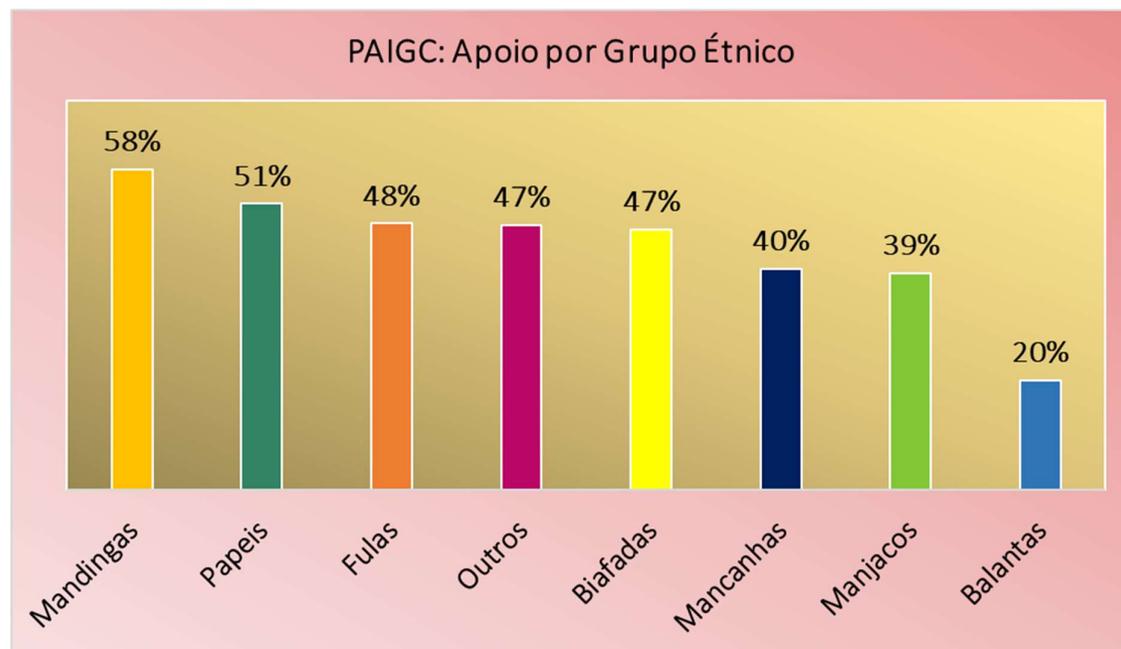
Porcentagem sobre o total de aderentes ao PRS.

A composição multiétnica das duas principais forças do país sugere que a política partidária na Guiné-Bissau é um espaço de integração nacional, antes que segmentação étnica. Isso é um ponto favorável para o desenvolvimento democrático do país. Embora por si só não o garanta.

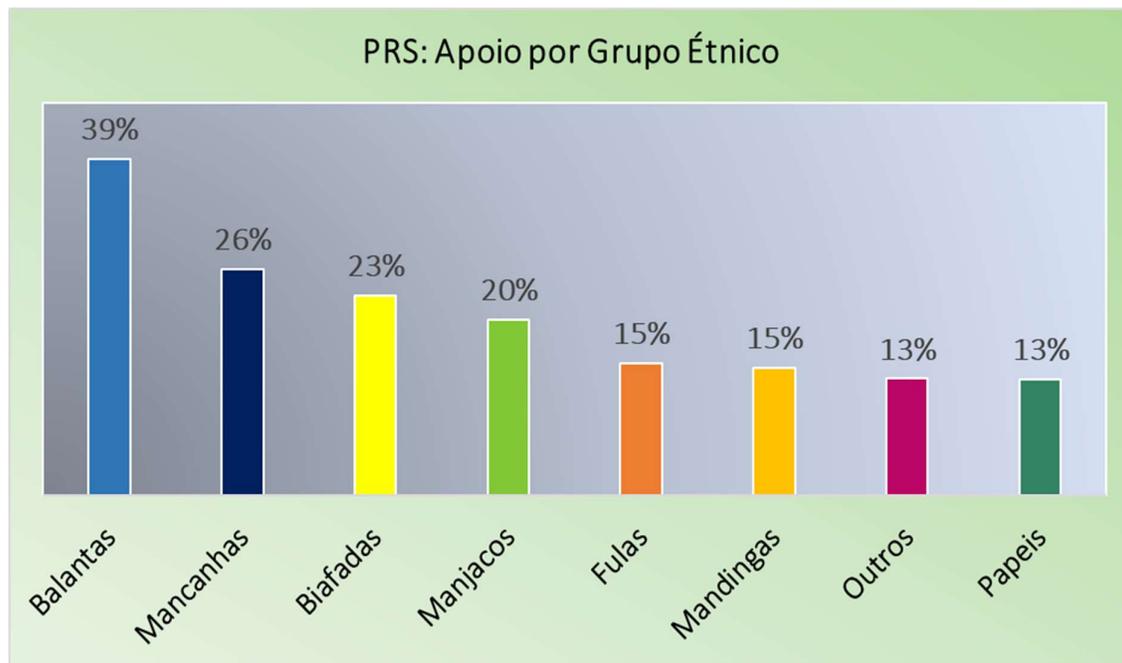
Junto com este factor integrador, é possível entrever algumas diferenças relevantes. No PAIGC há, em proporção ao tamanho demográfico de cada etnia, um número maior de Mandingas, Papeis, Fulas, Biafadas e pessoas de grupos étnicos menores. A presença dos Balantas no PAIGC é baixa.

No PRS, a força étnica principal são os Balantas, que somam 37% dos seus aderentes. Ademais, o apoio dos Mancanhas e Biafadas ao PRS é um tanto ao quanto maior que seu peso demográfico.

Uma forma alternativa de visualizar esta relação é calculando a contribuição de cada etnia sobre o total de cada grupo. Nos casos em que os valores são superiores à média nacional de cada partido – PAIGC 42%, PRS 21% - temos o apoio maior daquele grupo étnico.



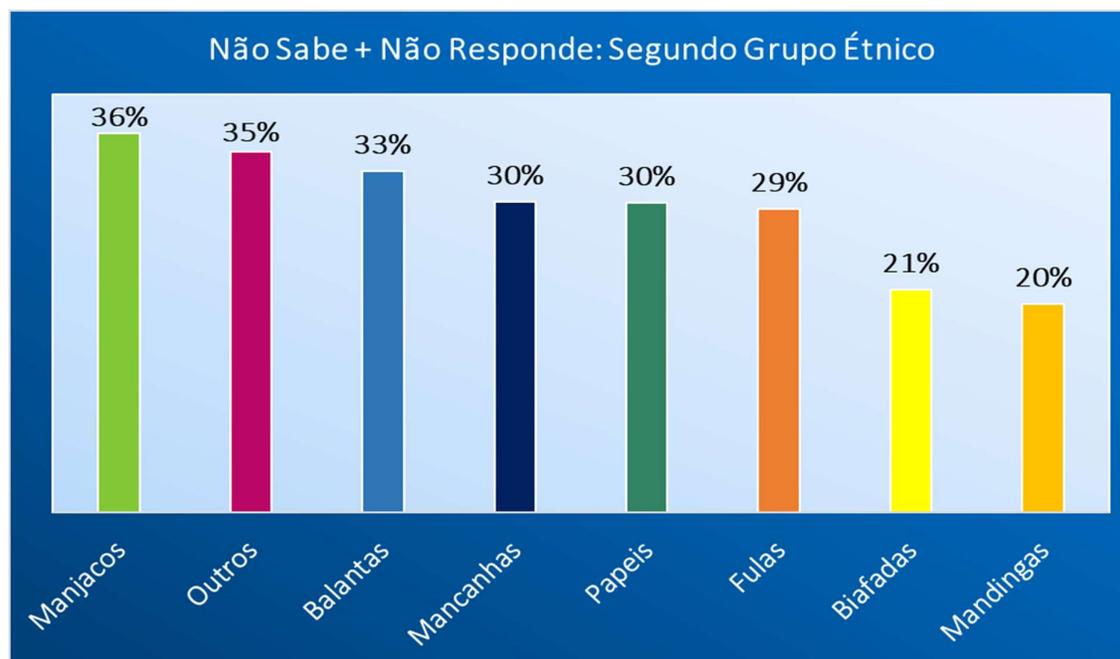
Porcentagem sobre o total de cada grupo étnico.



*Porcentagem sobre o total de cada grupo étnico.*

Tudo isto indica que os partidos têm matizes étnicos, mas sem deixar de refletir o mosaico étnico de Guiné-Bissau.

Houve um número expressivo - 30% da população – que não se identificou com nenhum partido. Seja por não ter uma afinidade política, não saber, ou não querer responder à pergunta. Neste bloco, o grupo menos identificado com a vida partidária foram os Manjacos. Esta também é a etnia com menor número de militantes partidários. Na outra ponta estão os Mandingas. Esta etnia não só tem a maior identificação partidária, mas é a mais atuante em outros aspectos da vida política guineense.



*Porcentagem sobre o total de cada grupo étnico.*

A identidade étnica, então, tem incidência na disposição ao engajamento partidário e na composição destes agrupamentos. De igual forma, ela também afeta o nível de apoio às lideranças públicas. A título de ilustração, em 2018:

- 78% dos Manjacos aprovaram a gestão do Presidente José Mario Vaz, também um Manjaco, numa proporção bem acima da média nacional de 60%.
- 63% dos Fulas, por sua vez, aprovaram a atuação do Primeiro-Ministro Umaro Sissoco Embaló, um líder político da etnia Fula, por 13 pontos a mais que o total nacional.

Em ambos os casos, o principal apoio veio de pessoas identificadas com a etnia do líder político.

A tendência de valorizar líderes e apoiar determinados partidos por uma questão de afinidade étnica reflete um elemento tribal na política guineense. Este sentimento, contudo, não parece ser predominante neste contexto social.

O impacto do elemento étnico na política de Guiné-Bissau merece um estudo mais aprofundado, sobretudo nos seus aspectos mais informais – e, portanto, de influência mais sutil.

## Risco de Sectarismo Religioso

O sectarismo – a defesa intolerante, fechada e facciosa de sentimentos religiosos ou ideológicos - tende a atrapalhar a coexistência social e enfraquecer o desenvolvimento democrático. Em certos contextos, pode facilitar o surgimento de ações extremistas, com perigo para a ordem pública. A Guiné-Bissau não sofre deste tipo de violência, mas alguns países da região, sim. Daí o interesse em captar o alcance de sentimentos que podem propiciar atos de intransigência – sobretudo religiosa - no seio do povo guineense,

Para avaliar esta ameaça elaborou-se um índice com elementos associados muitas vezes a atitudes sectárias:

- **Intolerância religiosa**, com relação a pessoas de outra religião
- **Desconfiança religiosa**, com indivíduos de uma religião distinta
- **Orientação patriarcal**, na qual se inverteram os valores do índice de igualdade do gênero
- **Preconceito sexual**, com relação aos homossexuais.

Todas estas disposições teriam afinidade com uma concepção mais fundamentalista ou fechada da religião. O último fator, no entanto, ficou em aberto quanto à sua relevância para esta medição. Razão pela qual foram produzidas duas versões do índice: a primeira, a hipótese A, com os quatro indicadores citados; a segunda, a hipótese B, sem a variável do preconceito sexual.

Para captar a incidência religiosa na disposição ao sectarismo, criou-se um índice de adesão e engajamento religioso com base em quatro elementos:

- **Participação num grupo religioso**, incluindo o perfil desta atuação
- **Contacto com líderes religiosos**, a partir da assiduidade deste relacionamento
- **Importância da religião na vida pessoal**
- **Frequência das práticas religiosas**, além de casamentos e funerais.<sup>5</sup>

O cruzamento de ambos os índices – risco de sectarismo e engajamento religioso – permite avaliar a influência da religião nas inclinações mais sectárias e mais tolerantes. Esta combinação, em escala mais alta e baixa, permitiu produzir a seguinte matriz.

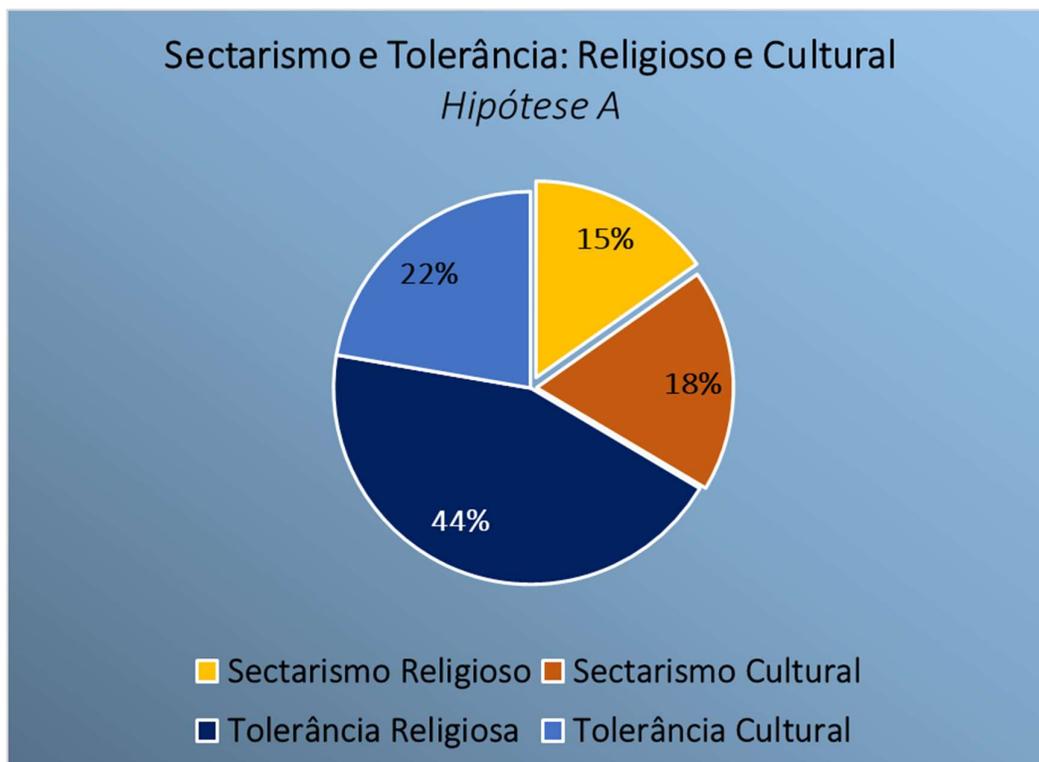
---

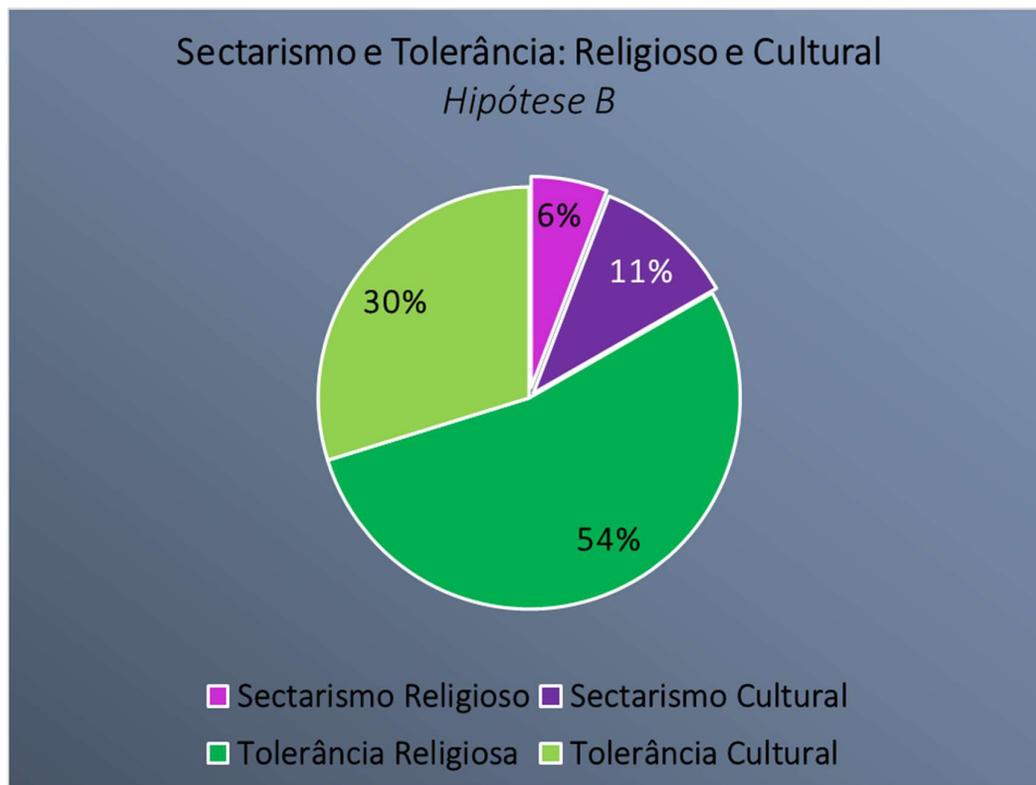
<sup>5</sup> Estas variáveis dão conta principalmente de elementos de uma vida religiosa organizada. A religiosidade neste contexto é marcada pela participação nos rituais e grupos religiosos, e no contacto com as lideranças desta comunidade. A ênfase aqui está centrada nas formas e nos relacionamentos, e nem tanto assim na dimensão mais espiritual. Daí a importância de diferenciar a religiosidade da espiritualidade, que apresenta, no geral, uma vitalidade mais íntima. A definição de religiosidade utilizada nesta análise, portanto, não retrata as condições mais subtis da convivência espiritual, que podem ter – na sua expressão cotidiana - uma religiosidade maior ou menor.

Engajamento Religioso	Risco de Sectarismo	
	Menor	Maior
Mais Alto	Tolerância Religiosa	Sectarismo Religioso
Mais Baixo	Tolerância Cultural	Sectarismo Cultural

De modo a facilitar a análise, distinguiu-se entre duas orientações em relação ao sectarismo e à tolerância: uma, de um viés mais religioso, e outra, menos religiosa - ou seja, de uma predisposição mais cultural ou secular.

O resultado deste cruzamento foi surpreendente. Constatou-se que, na Guiné-Bissau, as pessoas mais tolerantes tendem a ser mais religiosas., Detectou-se ainda que o risco de sectarismo é maior entre as pessoas de menor religiosidade, inclusive sem atuação neste âmbito. Isto pode-se apreciar em ambos os índices preparados para esta pesquisa.



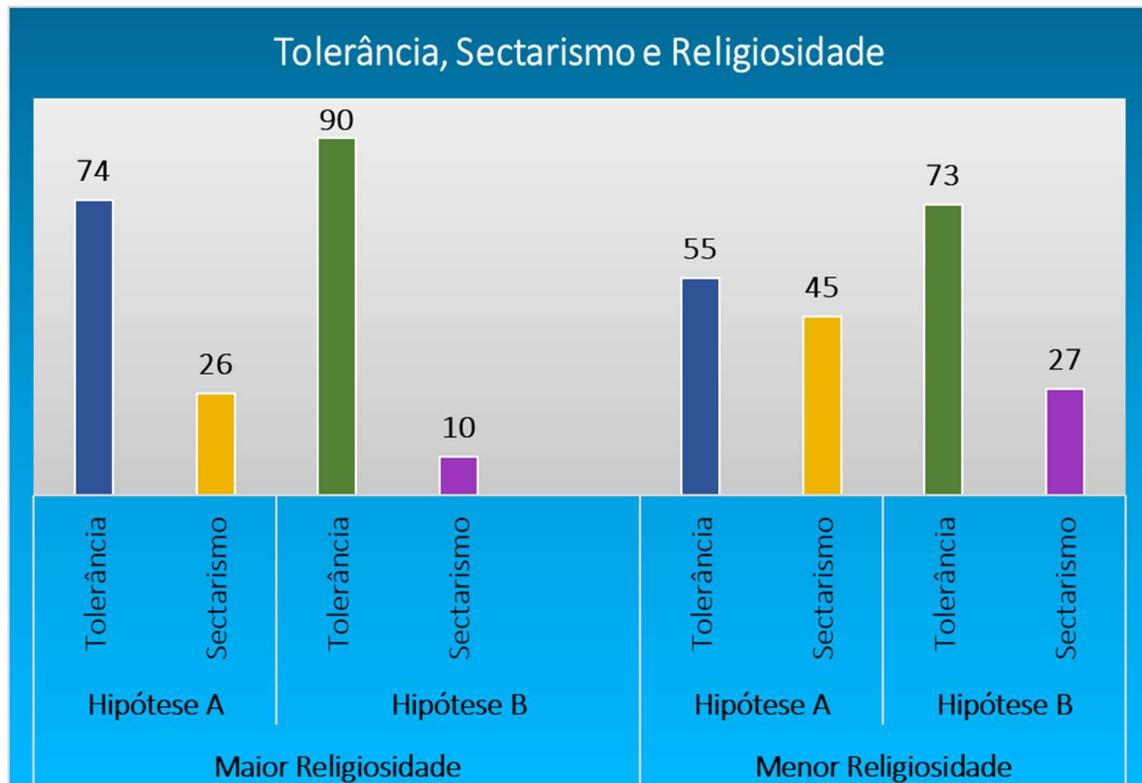


*A hipótese B não inclui o indicador de preconceito sexual.*

Ao contrastar os dois públicos, o mais ecumênico e aquele com risco de sectarismo, observa-se – nas duas hipóteses – que, entre as pessoas tolerantes, dois de três são mais religiosos, e uma é mais secular. Na população com tendência ao sectarismo – 34% na hipótese A e 17% no cenário B – há um peso maior de pessoas pouco ou nada religiosas. Desconsiderando a variável do preconceito sexual, no grupo com a visão mais sectária, as pessoas mais seculares são quase o dobro daqueles com uma adesão religiosa mais intensa.

Em outras palavras, a probabilidade de achar um guineense ecumênico é duas vezes maior num ambiente de maior religiosidade do que entre as pessoas com escassa ou nenhuma participação religiosa.

Todavia, ao comparar o nível de engajamento religioso – maior ou menor - fica em evidência o impacto da prática religiosa na adoção de atitudes menos sectárias. O seguinte quadro apresenta dados sugestivos sobre o assunto.

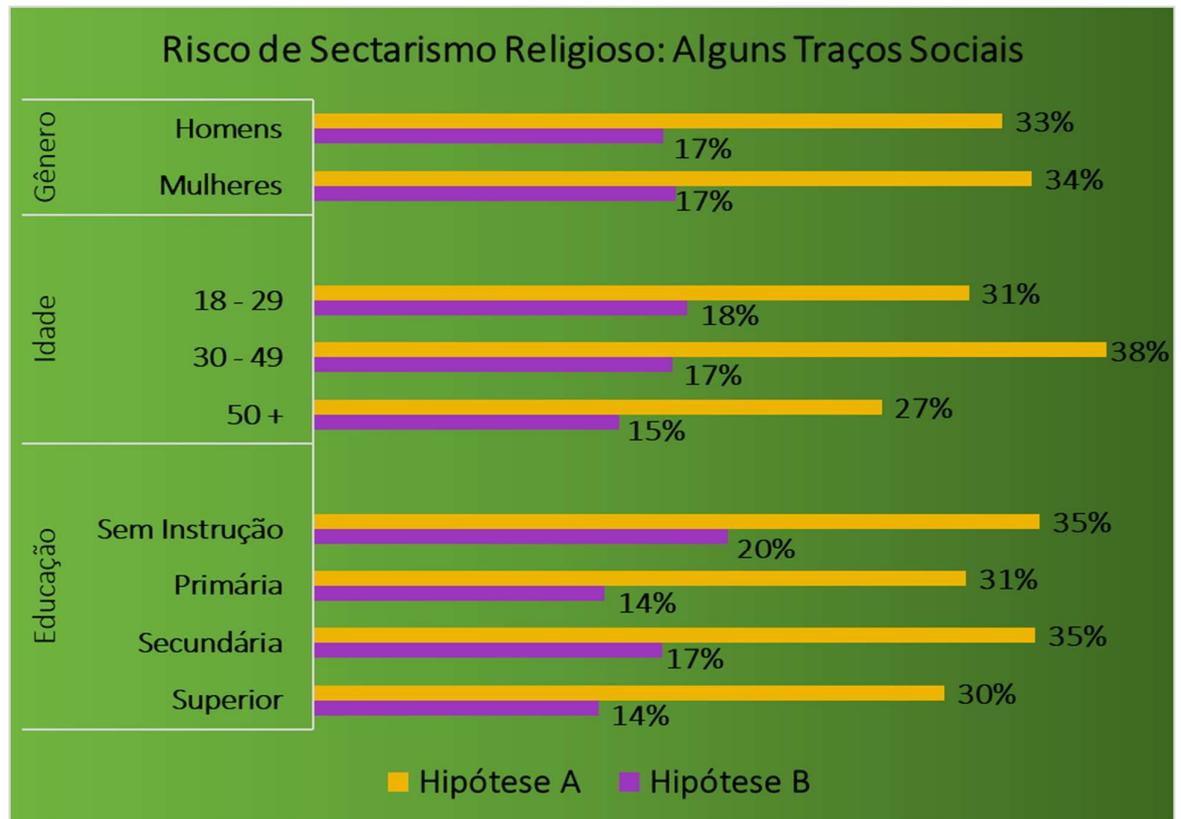


*Porcentagem sobre o total de pessoas segundo o nível de religiosidade, em cada hipótese examinada.*

A informação apresentada neste gráfico revela que, entre os guineenses mais religiosos, a tendência a favor do ecumenismo é de três a nove vezes maior que o risco de sectarismo, dependendo da hipótese utilizada. Em contraste, as pessoas menos religiosas são uma a três vezes mais inclinadas a ser tolerantes. Fazendo a média dos dois cenários, pode-se estimar que, na Guiné-Bissau, as pessoas com pouca ou nenhuma religiosidade tem um risco de sectarismo três vezes maior que as pessoas mais religiosas.

O preconceito em relação à homossexualidade tende a elevar o risco de sectarismo, como salienta o contraste dos resultados das hipóteses A e B. Entre as pessoas mais religiosas, o risco sobe 16 pontos, enquanto entre os menos religiosos há um acréscimo de 18 pontos. A comunidade mais religiosa, portanto, é ligeiramente menos discriminatória que o povo mais secular. Como tem acontecido em outros países africanos, na Guiné-Bissau há um perigo de ver a politização do preconceito contra as minorias sexuais exacerbar o clima de intolerância social.

Quais são as principais características sociais da população em risco de adotar atitudes mais sectaristas?



*Risco de Sectarismo Religioso: Risco de Sectarismo Alto + Meio Alto  
Porcentagem sobre o total de pessoas com Risco de Sectarismo Religioso.*

As variáveis de **gênero** têm uma consequência quase nula sobre o índice de sectarismo. Mas os elementos que a compõem evidenciam certas disparidades. Os homens, no geral, exibem uma orientação mais patriarcal e maior intolerância religiosa. As mulheres, desconfiam mais das pessoas de outra religião e têm um preconceito maior com relação à homossexualidade.

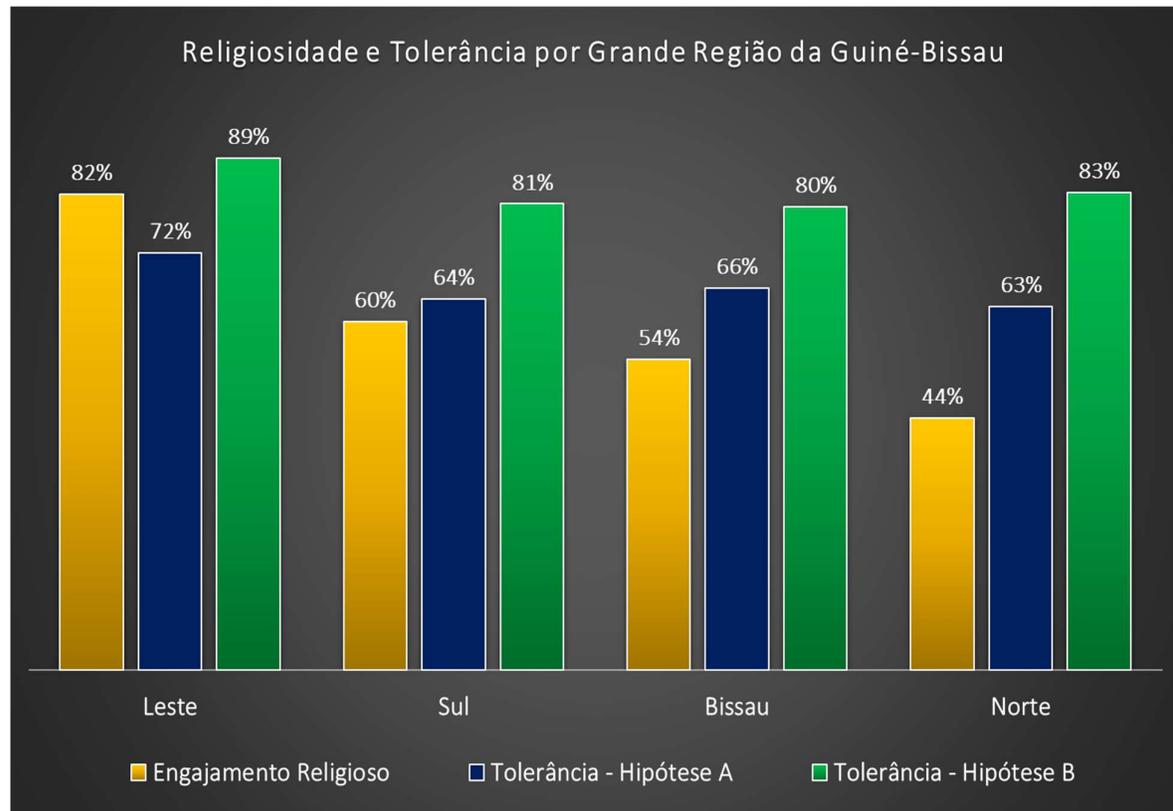
Por outro lado, os homens mostram uma inclinação mais forte ao engajamento religioso, superando as mulheres numa proporção de 62% para 57%. Mesmo assim, o risco de sectarismo em ambos os gêneros apresenta uma tendência mais cultural que religiosa.

Quanto à **idade**, a religiosidade e disposição ecumênica maior dá-se entre as pessoas de 50 anos para cima. Esta faixa etária exibe um preconceito menor com relação à homossexualidade, mas ostenta uma orientação patriarcal mais forte.

A **educação** não tem um impacto claro. No nível da educação superior, por exemplo, há bastante variabilidade. Neste segmento, observam-se uma desconfiança e uma intolerância religiosa mais elevadas. Mas no seu conjunto é o segmento que tende a ser mais liberal no apoio à igualdade de gênero e com menor discriminação contra a homossexualidade. No entanto, na faixa sem instrução alguma, há uma predisposição mais fechada e conservadora sobre estes assuntos.

O **local de residencia** tampouco surte um efeito saliente. No meio da população rural há menos desconfiança e intolerância religiosa, mas percebe-se um preconceito sexual e patriarcal

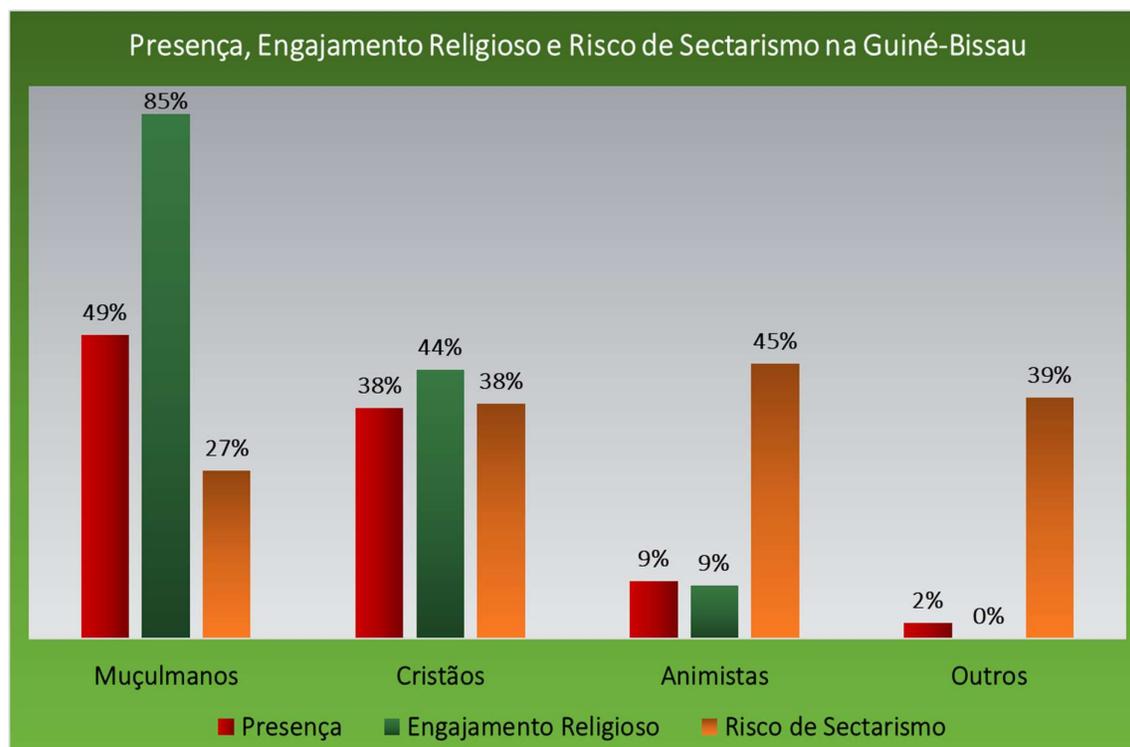
maior. O contraste geográfico, no entanto, é mais expressivo. O Leste é a região mais religiosa e tolerante do país. Neste território, vigora uma combinação mais intensa do patriarcalismo e do ecumenismo religioso. e uma tendência patriarcal e um ecumenismo de forte cunho religioso. No Leste, de cada 12 pessoas com maior sentimento religioso, segundo os resultados da hipótese B, 11 seriam mais tolerantes e um teria uma predisposição sectária.



*Engajamento Religioso: Engajamento Religioso Alto + Meio Alto*  
*Tolerância: Risco de Sectarismo Religioso Baixo + Meio Baixo*  
*Porcentagem sobre o total de Engajamento Religioso e Risco de Sectarismo Religioso.*

Os principais **grupos étnicos** da Guiné-Bissau mostram algumas diferenças significativas. Os que exibem uma religiosidade mais alta – os Mandingas, Fulas e Biafadas, muçulmanos, em sua grande maioria – têm níveis de tolerância maior, sobretudo no trato com pessoas de outra religião. Por outro lado, os Papeis apresentam um risco sectário maior, de índole mais cultural que religiosa. No índice A, o risco de sectarismo entre os Fula, Biafadas e Mandingas oscila entre 25% e 27%. Mas na comunidade Papel chega a 50%. A diferença fundamental entre estes grupos está na capacidade de relacionamento inter-religioso.

Das três principais **religiões** da Guiné-Bissau, os muçulmanos são o grupo maioritário do país (com 49% da população). Esta comunidade destaca-se pela alta religiosidade. Três de cada quatro muçulmanos pratica sua religião mais de uma vez por dia. Ademais, este grupo exibe as atitudes mais favoráveis à convivência ecumênica, como pode-se observar neste gráfico.



*Presença: Porcentagem de cada grupo religioso sobre o total nacional. Exclui resposta "não sabe" (1% do total).*

*Engajamento Religioso: Engajamento Religioso (ER) Alto + Meio Alto. Porcentagem sobre total ER.*

*Risco de Sectarismo: Risco de Sectarismo Religioso (RSR) Alto + Meio Alto. Porcentagem sobre o total RSR.*

*Risco de Sectarismo calculado em base à Hipótese A.*

Os cristãos representam 38% da população e os animistas 9%. Os cristãos têm uma religiosidade maior e um potencial sectário menor que os animistas. Mas há diferenças internas dentro da comunidade cristã. Os evangélicos têm uma atuação religiosa mais intensa que os católicos. Porém, o risco de sectarismo entre os evangélicos é superior à dos católicos.

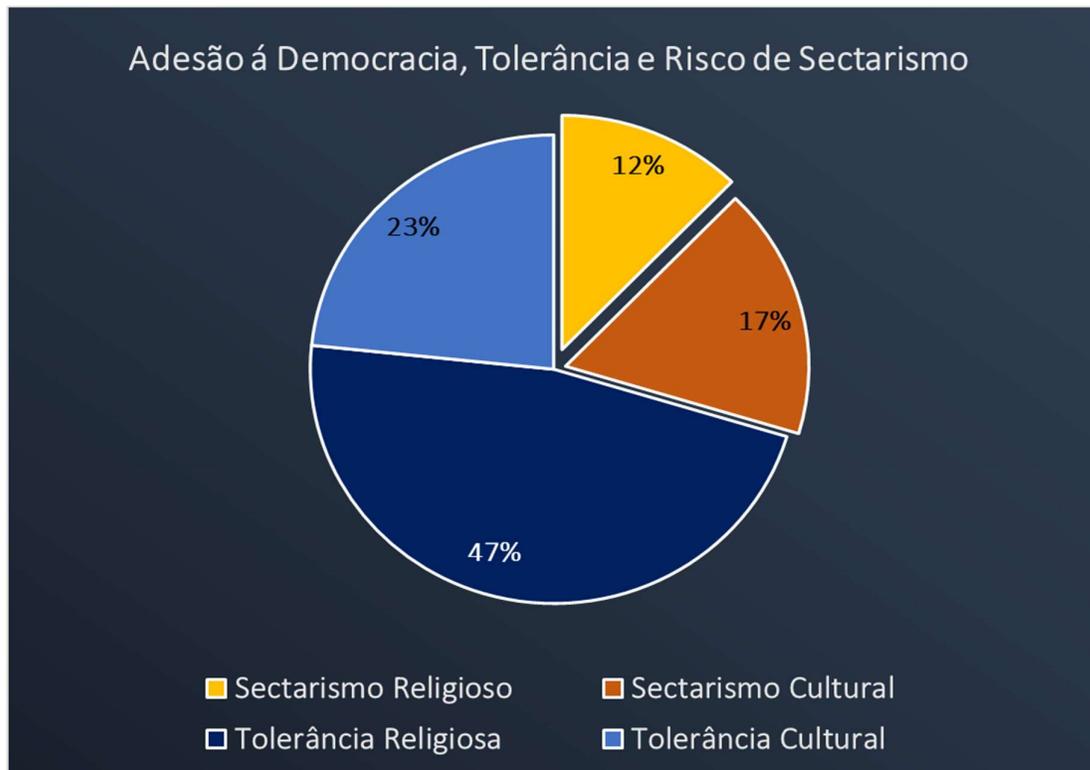
Os animistas são o grupo com menor engajamento religioso. Dois de cada três animistas diz que nunca pratica a sua religião ou a faz poucas vezes ao ano. Esta coletividade tem uma orientação mais igualitária nas relações de gênero e boa capacidade de relacionamento inter-religioso. Mas há elementos de alta desconfiança com relação às pessoas de outra religião e um elevado preconceito contra a homossexualidade. Daí o maior risco do sectarismo.

Quanto aos principais **partidos políticos** da Guiné-Bissau - em 2018, o PAIGC e PRS -, há alguns contrastes perceptíveis. Dois terços dos integrantes do PAIGC tem um engajamento religioso mais intenso, mas só metade dos aderentes do PRS exibem essa prática. Os apoiantes do PAIGC são mais ecumênicos no âmbito religioso e mais favoráveis, no geral, à igualdade nas relações de gênero. Contudo, os membros do PRS mostram uma disposição menos intransigente com relação à homossexualidade. O risco de sectarismo religioso entre os aderentes do PAIGC é menor, oscilando entre 30% e 14%, nas hipóteses A e B. No PRS, estes valores ficaram entre 34% e 18%, levemente superior ao PAIGC.

Na sondagem realizada em meados de 2018, um movimento dissidente do PAIGC, o Grupo dos 15, teve a adesão de 3% da população. A sua principal base de apoio, naquele momento, estava

entre os muçulmanos. Além de exibir um nível alto de religiosidade, entre seus apoiadores detectou-se uma forte inclinação a favor da tolerância religiosa.

A **adesão à democracia** na Guiné-Bissau tem um importante suporte religioso. Quase metade das pessoas com uma adesão mais alta à democracia tem uma orientação religiosa favorável à tolerância. Isto é quatro vezes maior que o número de pessoas com uma predisposição ao sectarismo religioso. O gráfico seguinte esclarece esta situação.



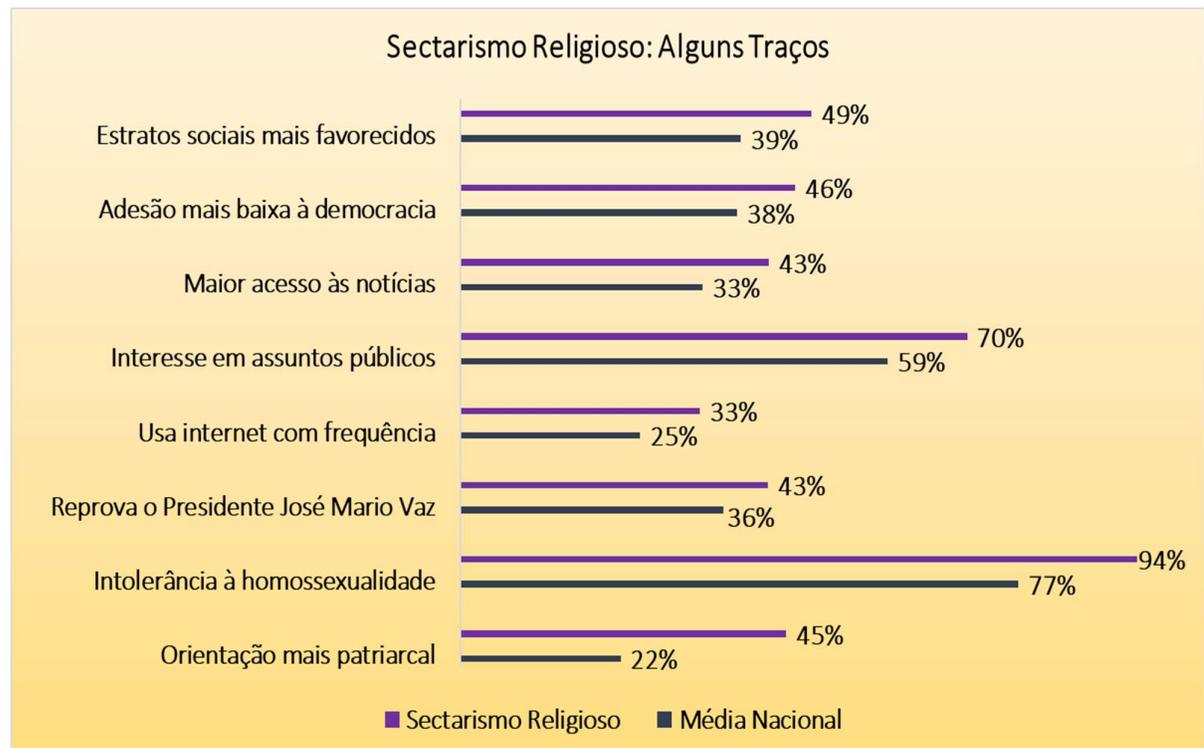
*Gráfico realizado em base à Hipótese A.  
Porcentagens de cada orientação sobre o total de adesão mais alta à democracia (adesão Alta + Meia Alta).*

Há uma observação importante a sublinhar nesta representação. Entre os apoiantes da democracia na Guiné-Bissau, 29% são pessoas mais propensas a adotar atitudes sectárias. Ainda mais, os resultados da pesquisa revelam que, entre as pessoas com uma orientação autoritária, 59% exibem uma atitude de maior tolerância religiosa e cultural. Numa parcela da população, portanto, há um elemento de disjunção entre o apoio à tolerância social e a defesa da democracia e os direitos humanos. Esta constatação mostra que existem dois princípios distintos de tolerância no seio da opinião pública guineense. Um deles é associado às noções mais modernas da tolerância liberal e a salvaguarda da liberdade de dissenso. A outra vem de uma tradição não liberal, mais comunitária na sua origem, e vinculada à longa história de relações interétnicas e religiosas na Guiné-Bissau. Este assunto merece uma análise mais aprofundada, de modo a fortalecer as estratégias de desenvolvimento democrático neste país.

## Tipologias de Sectarismo e Tolerância: Algumas Características Salientes

Quais são as experiências de vida e disposições associadas a cada uma das orientações ressaltadas na matriz conceitual - o risco de sectarismo religioso e cultural, e a propensão à tolerância religiosa e cultural?

Os seguintes gráficos oferecem uma síntese dos principais acentos de cada disposição, contrastadas com a média nacional, elaboradas com base nos cruzamentos com os resultados da Hipótese A.



*Medições elaboradas em base à Hipótese A.*

Na população com **risco de sectarismo mais religioso** há uma porcentagem maior de pessoas dos estratos mais favorecidos e com acesso a informações sobre os acontecimentos públicos. O nível de educação, contudo, não tem nenhuma incidência perceptível na composição deste segmento. O sectarismo religioso está associado a uma visão mais patriarcal, e um forte preconceito com relação às minorias sexuais.

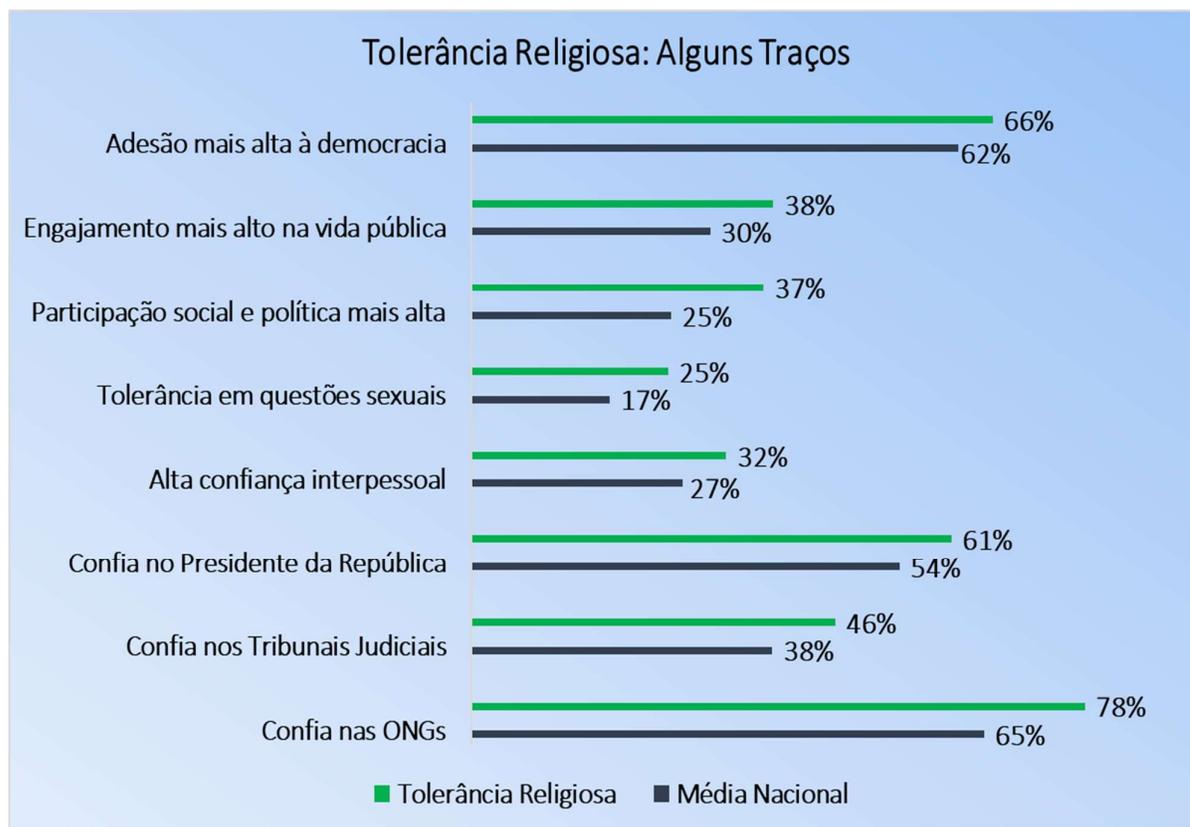
Os grupos étnicos maioritariamente afetados por esta orientação são os Mandingas (em 22% da sua população), os Fulas (19%), Biafadas (19%), e a somatória de uma constelação de etnias menores, Outros (20%).



*Medições elaboradas em base à Hipótese A.*

O **risco de sectarismo cultural** tem um leve acento rural e feminino, e inclui uma proporção um pouco mais elevada de pessoas sem instrução formal. Esta é a população menos engajada na vida pública do país e com escassa disposição a reclamar seus direitos ao governo. Neste segmento social há uma confiança menor nas pessoas, instituições e autoridades públicas. Todavia, esse é um público com certa sensibilidade pela justiça social: 61% pensam que a Guiné-Bissau é um país muito injusto, acima da média nacional de 51%.

Os grupos étnicos influenciados principalmente por esta disposição são os Papeis (39% da sua comunidade), os Manjacos (28%), os Balantas (28%), os Mancanhas (25%) e Outros (24%).



*Medições elaboradas em base à Hipótese A.*

Os guineenses com um **impulso à tolerância religiosa** manifestam uma adesão maior aos princípios democráticos e uma participação mais intensa na vida pública do país. Dois terços dos militantes partidários na Guiné-Bissau exibem esta disposição religiosa. O ecumenismo religioso favorece a adoção de atitudes mais tolerantes com relação aos estrangeiros e às minorias sexuais. Esta população tem uma confiança interpessoal maior. Isto também se reflete nos seus elevados índices de confiança grupal: 83%, 14 pontos acima da média nacional. A confiança nas pessoas, por sua vez, incide na confiança conferida às lideranças nacionais, às entidades do Estado, aos grupos comunitários e às organizações da sociedade civil.

Esta população tem um leve acento urbano e inclui uma proporção maior de pessoas com educação superior.

No plano étnico, a maior disposição à tolerância religiosa se dá entre os Mandingas (65%), Fulas (64%) e Biafadas (56%).



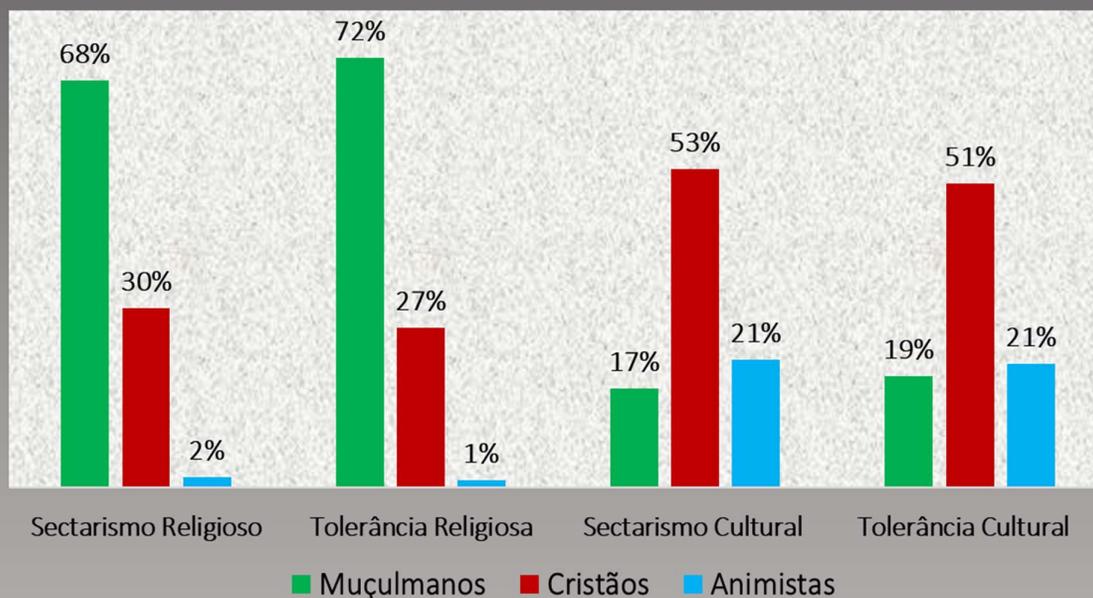
*Medições elaboradas em base à Hipótese A.*

A **predisposição a uma tolerância cultural** é mais pronunciada nos estratos sociais mais baixos. Entre as pessoas com esta orientação, dois terços descrevem as suas condições de vida como más. Neste segmento há uma preocupação maior por temas de segurança pública, seja por problemas de roubo no lar ou pela consternação diante da instabilidade política do país. Esta parcela da população tem um etos igualitário mais acentuado, tanto nas relações de gênero como no trato geral entre as pessoas. Dois terços deste povo recebem notícias por comentários da família, vizinhos e amigos. Neste grupo há uma alta proporção de pessoas que gostam de discutir sobre os assuntos políticos.

Os grupos étnicos mais influenciados por esta orientação são os Balantas (41%), Mancanhas (33%), Papeis (31%) e Manjacos (30%).

No **âmbito religioso**, é possível discernir as tendências em cada uma das principais religiões da Guiné-Bissau – o islamismo, o cristianismo e o animismo-, segundo as quatro orientações esboçadas aqui. A seguir apresentamos dois gráficos que oferecem leituras alternativas deste relacionamento. A primeira, salienta a composição religiosa de cada tipologia. A segunda, mostra a constituição de cada uma das religiões, a partir das quatro orientações estudadas aqui. Todos os cruzamentos foram feitos com os resultados da Hipótese A.

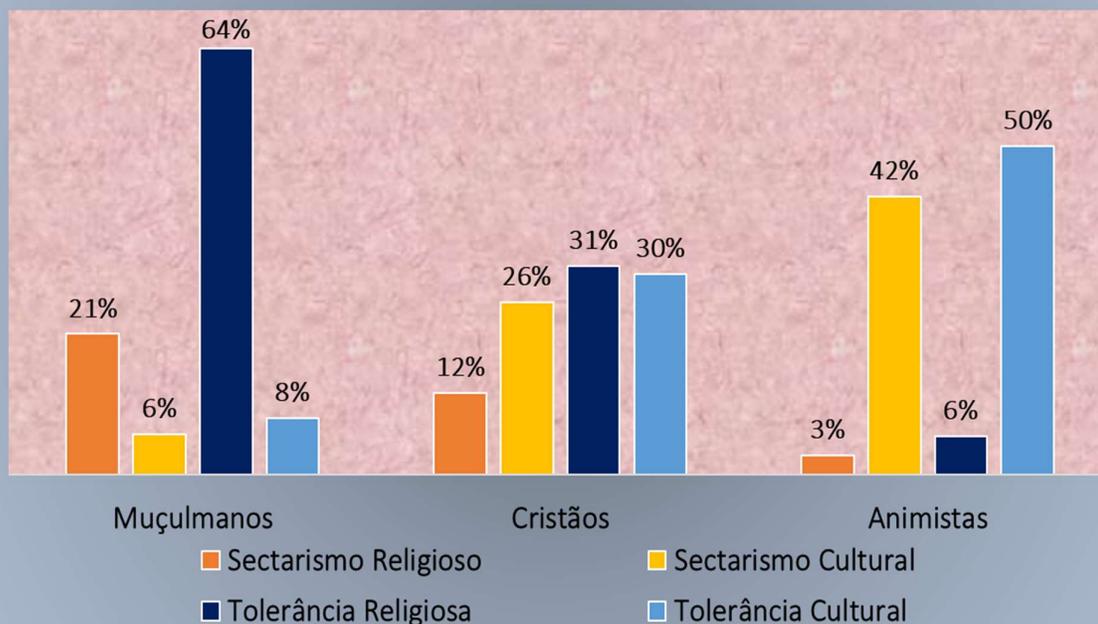
Risco de Sectarismo, Tolerância e Religiões da Guiné-Bissau:  
Composição religiosa de cada orientação



Medições elaboradas em base à Hipótese A.

Os dados sobre religião não incluem os Outros (2% da população) e os casos sem resposta (1%).  
Porcentagens feitas sobre o total de cada orientação.

Risco de Sectarismo, Tolerância e Religiões da Guiné-Bissau:  
Tendências em cada religião



Medições elaboradas em base à Hipótese A.

Os dados sobre religião não incluem os Outros (2% da população) e os casos sem resposta (1%).  
Porcentagens feitas sobre o total de cada religião.

Como se pode apreciar aqui, nas três principais religiões da Guiné-Bissau, o ímpeto primordial favorece a coexistência social.

## Conclusão

O estudo de mineração e análise de dados do inquérito Vozes do Povo possibilita uma leitura aguda das condições de vida, percepções e opiniões do povo guineense. Esta introdução ao relatório revela a excepcionalidade dos dados alcançados.

O conhecimento é uma fonte de poder. Ele incide na tomada de decisões. Permite diagnosticar problemas e descobrir soluções. Revela oportunidades e riscos. Determina a ideia do possível.

No empenho por produzir conhecimentos em apoio ao desenvolvimento democrático da Guiné-Bissau, a iniciativa Vozes do Povo criou um método inovador para examinar os resultados da primeira pesquisa de opinião pública no país, realizada em 2018.

Este processo permitiu construir um vasto acervo de dados sobre este país – uma “mina de outro” que pode ser explorada de diversas óticas e formas. As “pépitãs” extraídas e apresentadas neste texto dão conta da abrangência e originalidade do material elaborado.

O progresso que tudo isso significa para a Guiné-Bissau é notável, pois esta investigação a situa entre os países com os estudos de opinião pública mais avançados de toda a África.

O conhecimento produzido por este projeto serve para aperfeiçoar estratégias e empoderar o desenvolvimento democrático da nação guineense. Entre as múltiplas orientações que podem ser destacadas neste sentido, é possível salientar a importância de:

- Reforçar a educação cívica e promover o engajamento cidadão como parte deste processo pedagógico.
- Apoiar o ecumenismo religioso e fomentar a cooperação interétnica, de modo a consolidar as bases da tolerância social na Guiné-Bissau.
- Organizar e empoderar as mulheres para estender sua participação – e influência - na vida pública do país.
- Auxiliar os partidos políticos e ajudar a formar uma nova geração de líderes guineenses.
- Ampliar o acesso a notícias confiáveis, sobretudo a través da programação radiofónica no interior do país.
- Estimular a confiança, autoestima e motivação, criando processos que ajudem a superar as percepções de fracasso e ascender a força de vontade necessária para fazer a diferença.
- Priorizar ações em escala nacional. A busca do desenvolvimento democrático na Guiné-Bissau deve ir além da adição de micro empreendimentos e abordar – de uma maneira significativa e sensata – as questões macro em jogo.